



INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
MESTRADO EM GESTÃO DE ORGANIZAÇÕES DE ECONOMIA SOCIAL

Inovação e Governança para a Sustentabilidade das Organizações de Economia Social: educação de jovens empreendedores e dirigentes de projetos sociais

Discente:

CLÁUDIA CORDEIRO, 170100382

Projeto Aplicado apresentado à Escola Superior de Gestão e Tecnologia do Instituto Politécnico de Santarém para obtenção de grau de mestre em Gestão de Organizações de Economia Social

Docente: PROFESSOR DOUTOR PEDRO OLIVEIRA

SANTARÉM
Julho 2020

ÍNDICE GERAL

Índice de Gráficos.....	3
Índice de Tabelas.....	3
AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	6
INTRODUÇÃO.....	7
PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
1.1 A Empresa e o Empreendedorismo Social – A Inovação Social nas Organizações de Economia Social	9
1.1.1.A empresa social	9
1.1.2. A Inovação Social.....	14
1.1.3. As políticas públicas como elemento de equilíbrio no desenvolvimento.....	17
1.1.4. O empreendedorismo social.....	21
1.1.5. O empreendedor social.....	24
1.2. A estratégia educativa nacional.....	25
1.2.1. Despacho nº 6173/2016 – Criação do Grupo de Trabalho de Educação para a Cidadania.....	26
1.2.2. Currículo do Ensino Básico e do Ensino Secundário para a construção de aprendizagens essenciais baseadas no perfil dos alunos.....	27
1.2.3. Ensino Básico e Secundário, Cidadania e Desenvolvimento.....	28
1.2.4. Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.....	30
1.3. Competências a desenvolver num projeto de empreendedorismo social.....	32
1.3.1. Competências-chave para o desenvolvimento de projetos de empreendedorismo social.....	33
1.3.2. O empreendedorismo social adaptado ao diploma da flexibilidade e autonomia.....	34
Parte II – Projeto de Empreendedorismo Social - Inovação e Governança para a Sustentabilidade das Organizações de Economia Social: educação de jovens empreendedores e dirigentes de projetos sociais.....	36
2.1. Caracterização do Município de Mação.....	36
2.1.2. A economia social em Mação.....	37
2.2. Caracterização do Agrupamento de Escolas Verde Horizonte de Mação.....	38
2.3. O projeto – Planificação.....	41
2.3.1. Da ideia à prática – Planos de aula, materiais pedagógicos utilizados.....	44
2.4. Resultados da medição do impacto da intervenção	55
2.4.1. O perfil empreendedor dos alunos	58
2.4.2. A aceção dos alunos relativamente aos conceitos chave.....	61
2.4.3. As entrevistas com os atores envolvidos (diretores de turma e diretor do agrupamento)	74
Conclusão.....	79
Bibliografia.....	81
ANEXO I – PLANIFICAÇÃO DO PROJETO.....	85
ANEXO II – ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA ASSOCIAÇÃO “MAGALHÃES” ..	86
ANEXO III-QUADRO-SUMÁRIO DAS INICIATIVAS DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL	89
ANEXO IV – RELATÓRIOS ENVIADOS AOS CONSELHOS DE TURMA	90
ANEXO V – GRÁFICOS DO PERFIL EMPREENDEDOR DOS ALUNOS.....	99
ANEXO VI – QUADROS SÍNTESE COM APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS DADAS EM TODOS OS QUESTIONÁRIOS	105
ANEXO VII- GRÁFICOS DAS RESPOSTAS OBTIDAS NAS QUESTÕES 3 E 4.....	110
ANEXO VIII – EXEMPLO DE FEEDBACK RECEBIDO PELOS ALUNOS.....	113

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Gráfico com Tabela da Amostra "Gênero"	56
Gráfico 2- Gráfico com Tabela da Amostra "Idade"	56
Gráfico 3- Gráfico com Tabela da Amostra "Proveniência"	57
Gráfico 4 - Resultados da resposta à 1ª questão no 1º questionário.....	63
Gráfico 5- Resultados da resposta à 1ª questão no 2º questionário.....	63
Gráfico 6- Resultados da resposta à 1ª questão no 3º questionário.....	64
Gráfico 7 - A evolução da resposta à 1ª questão.....	64
Gráfico 8 - Resultados da resposta à 2ª questão no 1º questionário.....	65
Gráfico 9 - Resultados da resposta à 2ª questão no 2º questionário.....	66
Gráfico 10- Resultados da resposta à 2ª questão no 3º questionário.....	67
Gráfico 11- A evolução da resposta à 2ª questão	67
Gráfico 12 - Resultados da resposta à 5ª questão no 1º questionário.....	68
Gráfico 13- Resultados da resposta à 5ª questão no 2º questionário.....	69
Gráfico 14 - Resultados da resposta à 5ª questão no 3º questionário.....	69
Gráfico 15- A evolução da resposta à 5ª questão	70
Gráfico 16- Resultados da resposta à 6ª questão no 1º questionário.....	71
Gráfico 17- Resultados da resposta à 6ª questão no 2º questionário.....	71
Gráfico 18- Resultados da resposta à 6ª questão no 3º questionário.....	72
Gráfico 19- A evolução da resposta à 6ª questão	73
Gráfico 20 - Resultados do Perfil de Empreendedor – MOTIVAÇÃO.....	99
Gráfico 21 - Resultados do Perfil de Empreendedor - ORGANIZAÇÃO.....	99
Gráfico 22- Resultados do Perfil de Empreendedor – INICIATIVA.....	100
Gráfico 23- Resultados do Perfil de Empreendedor -CURIOSIDADE	100
Gráfico 24 - Resultados do Perfil de Empreendedor -RESILIÊNCIA	101
Gráfico 25- Resultados do Perfil de Empreendedor -AUTOCONFIANÇA	101
Gráfico 26- Resultados do Perfil de Empreendedor -LIDERANÇA	102
Gráfico 27 - Resultados do Perfil de Empreendedor -TRABALHO EM EQUIPA.....	102
Gráfico 28- Resultados do Perfil de Empreendedor - PERSISTÊNCIA	103
Gráfico 29- Resultados do Perfil de Empreendedor -CRIATIVIDADE/INOVAÇÃO.....	103
Gráfico 30- Resultados do Perfil de Empreendedor -RELAÇÕES	104
Gráfico 31 - Resultados da resposta à 3ª questão no 1º questionário.....	110
Gráfico 32 - Resultados da resposta à 3ª questão no 2º questionário.....	110
Gráfico 33 - Resultados da resposta à 3ª questão no 3º questionário.....	111
Gráfico 34- Resultados da resposta à 4ª questão no 1º questionário.....	111
Gráfico 35 - Resultados da resposta à 4ª questão no 2º questionário.....	112
Gráfico 36 - Resultados da resposta à 4ª questão no 3º questionário.....	112

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Empreendedorismo Vs Empreendedorismo Social.....	22
Tabela 2 – Exercício "Modelo de Negócio"	50
Tabela 3 – Quadro-resumo dos sumários da aula 8 - diferenciação de abordagens	52
Tabela 4 - Quadro-resumo das aulas 9 a 12	54
Tabela 5- Código de categorização das respostas	62
Tabela 6 - Planificação do Projeto	85
Tabela 7 - Quadro-sumário das iniciativas de empreendedorismo social.....	89
Tabela 1 – Quadro-Síntese das Respostas dos Alunos da Turma 7ªA.....	106
Tabela 9 – Quadro-Síntese das Respostas dos Alunos da Turma 7ªB.....	107
Tabela 10 – Quadro-Síntese das Respostas dos Alunos da Turma 8ªA.....	108
Tabela 11 – Quadro-Síntese das Respostas dos Alunos da Turma 8ªB.....	109
Tabela 12 – Quadro-Síntese das Respostas dos Alunos da Turma 8ªC.....	110

AGRADECIMENTOS

Naturalmente o primeiro agradecimento dirige-se à Escola Superior de Gestão e Tecnologia do Instituto Politécnico de Santarém, pela oportunidade criada através do Mestrado em Gestão de Organizações de Economia Social. Concretamente ao Professor Doutor Pedro Oliveira, orientador do presente projeto aplicado, presente, preocupado, companheiro e humano. E ainda ao Professor Doutor Nuno Jorge, coordenador do Mestrado, pelo acompanhamento e motivação que sempre me fez chegar ao longo deste caminho.

Agradeço também ao Doutor João de Matos Filipe, meu conterrâneo, razão pela qual em Julho de 2017 me inscrevi neste mesmo Mestrado. O seu conselho foi realmente o mais acertado dos últimos anos.

Ao Centro de Solidariedade Social Nossa Senhora das Dores de Ortiga, na pessoa do seu presidente da direção Afonso Matias, por me ter permitido durante o tempo necessário, conciliar a vida profissional com a vida formativa, de um modo generoso e desinteressado.

Igualmente cumpre-me agradecer à minha família, mais penalizada ao longo destes últimos dois anos e meio, pelo apoio e resiliência que me fizeram sentir e pelas ausências que foram obrigados a tolerar.

Ao Município de Mação, na pessoa do senhor presidente Vasco Estrela, por ter tido sempre a amabilidade e abertura para aceder aos mais variados pedidos e solicitações que surgiram ao longo deste projeto.

À Associação “Magalhães”, em particularmente ao seu presidente da direção Francisco Correia, que aceitou acompanhar o projeto durante cinco aulas, mobilizando assim a sua vida neste sentido.

Por fim, mas sobretudo, tenho de fazer um agradecimento muito especial ao Agrupamento de Escolas Verde Horizonte de Mação, na pessoa do senhor diretor José Almeida, pela abertura total ao projeto, pela receptividade e entusiasmo à ideia, por todas as portas que abriu para que o projeto pudesse entrar e fazer sentido.

Agradeço ainda às cinco diretoras de turma envolvidas no projeto, sempre presentes nas aulas, assim como a coordenadora da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, pela flexibilidade e abertura com que lidaram com esta temática, nova para os intervenientes.

Finalmente, agradeço a todos os alunos que comigo fizeram este caminho, jovens de coração aberto ao mundo e vontade de o mudar, nos quais deposito a minha fé de que o futuro pode ser e será melhor.

RESUMO

O presente projeto visa contribuir na formação de jovens alunos portugueses, através da estimulação das suas capacidades, dos seus talentos, aplicando como competência estratégica o empreendedorismo social.

Num contexto educativo que permite que a investigação decorra dentro de uma disciplina central para a problemática social – Cidadania e Desenvolvimento – tentamos demonstrar a possibilidade de conduzir os alunos através de uma vasta possibilidade de problemáticas sociais, levando-os a construir estratégias na luta contra aquelas, permitindo assim uma aprendizagem proativa e não limitativa ou normalizadora.

A questão de investigação subjacente é: “Qual o impacto de um projeto de empreendedorismo social numa escola pública? O caso concreto do Agrupamento de Escolas Verde Horizonte de Mação”. Neste sentido, importa formular estratégias de medição do impacto do trabalho que vai ser desenvolvido, que dado o seu carácter pioneiro poderá vir no futuro a ser reformulado, ainda que parcialmente.

A inovação social passa por prototipar projetos educativos impactantes junto das novas gerações. No plano das políticas públicas territoriais, o desenvolvimento local sustentável transporta-nos para níveis de decisão descentralizados, devolvendo a voz aos atores sociais. Assim, o desenvolvimento endógeno apela ao empreendedorismo social e a instituições educativas locais que lancem essas sementes em parceria com associações cooperativas de desenvolvimento económico, social e cultural.

No presente trabalho esclarecem-se todos os instrumentos teóricos utilizados para concetualizar o trabalho efetuado, assim como o caminho que foi tomado desde a planificação da ação (mediante os objetivos pretendidos), passando pela descrição das aulas, análise dos resultados aferidos, e ainda uma reflexão acerca das opiniões de todos aqueles que, sendo externos ao projeto, trabalharam de perto com o mesmo e sem os quais não faria sentido tirar quaisquer ilações.

ABSTRACT

The presente project views to contribute to the portuguese young students' formation, through their skills and talents' stimulation, using social entrepreneurship as a strategic competence.

In an educative context that allows the investigation to elapse inside a central discipline to the social problematic – Citizenship and Development – we try to show the possibility of conducting students through a vast spectrum of social problems, leading them to build strategies of fighting against them, allowing a proactive apprenticeship, not limitative or prescriptive.

Social innovation comprises to prototype impacting educational projects among the new generations. Concerning territorial public policies for a sustainable local development, we are led to decentralised levels of decision, giving back the voice to the social actors. So, endogenous development calls for social entrepreneurship and local education institutions to throw the seeds together with development cooperatives for economic, social and cultural purposes.

In the present dissertation it is enlightened the theoretical tools that were used to conceptualise our work, as well as the track we took since planning classes (according to the intended objectives), the description of those classes, the analysis of the results, and also the description and reflexion about the opinions of all those who, yet external to the project, worked close to it and without whose points of view, it wouldn't make sense to project any findings.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho pretendemos apresentar um projeto aplicado de empreendedorismo social a alunos do 3º ciclo do Ensino Básico numa escola pública.

O projeto insere-se no âmbito do mestrado de Gestão de Organizações de Economia Social (GOES), da Escola Superior de Gestão e Tecnologia do Instituto Politécnico de Santarém e tem por objetivos: sensibilizar a comunidade escolar (alunos e professores) para as valências da Economia Social; e medir o impacto da implementação do mesmo nas expectativas e ações destes agentes antes, durante e depois do projeto.

A mestranda que assina esta ideia, autora deste projeto, tem como formação base ensino de Português e Inglês a alunos do 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário, à qual se junta a experiência adquirida como coordenadora técnica do CLDS 3G Opção Mação. De entre outras preocupações aferidas, aquelas que espoletaram o presente projeto são: o facto de os jovens do terceiro ciclo, aquando da orientação escolar e profissional, evitarem a área social; e ainda a falta de motivação para abraçarem projetos de empreendedorismo social por parte das organizações do terceiro setor, que denotou pelo contacto direto com as cerca de 70 associações do concelho de Mação.

Ao identificarmos algumas características da economia social como: a dificuldade de aceitar a inovação; a consciência clara de que estas organizações são atores de execução de políticas públicas sociais; a existência de algumas complexidades em termos de gestão e governança; as resistências dentro do setor em aceitar e promover projetos de empreendedorismo social; a inexperiência do fundamental e desejável trabalho de marketing dentro destas organizações; a dificuldade de estabelecerem uma gestão estratégica que as ajude a fazer frente às suas dificuldades; vemos que importa trabalhar junto das novas gerações pois estas constituem os futuros gestores das Organizações.

Assim, acreditámos que a implementação de um projeto de empreendedorismo social em alunos do terceiro ciclo poderia trazer à tona a desmistificação de algumas destas questões, certos de que é na escola que deve começar a formação dos futuros líderes da Economia Social. Esclarecidos, conscientes, desinibidos, preparados para abarcar os novos desafios, tão complexos, da área social.

De que valem os «projetos educativos na escola» lindíssimos, rosários das mais pias promessas, entre elas o destaque para a igualdade e para o sucesso educativo, se eles não passam de documentos escritos em gabinetes escolares, por professores carregados das

melhores intenções, sem qualquer ligação às dinâmicas sociais envolventes, que não sejam (tantas vezes) as de aprovação formal de documentos (que nunca deixam de ser formais, para passarem a ser construções sociais locais). (Azevedo, 2001:28)

O empreendedorismo social entra pelas nossas portas de um modo quase natural pois somos, todos, parte de uma sociedade. Como tal, não somos alheios às problemáticas que a caracterizam e somos chamados, mais ou menos ativamente, a fazer parte de movimentos que cumprem um fim essencialmente terapêutico na sociedade onde estamos integrados.

Neste contexto, pretendemos neste projeto contribuir para a consciencialização da importância que a educação tem neste processo. Precisamos de rentabilizar os nossos recursos educativos, nomeadamente na criação de competências relacionadas com a gestão, desmistificando ideias pré-concebidas acerca da economia social e solidária, mostrando a esta geração, 7º e 8º ano do terceiro ciclo do ensino básico, o valor deste trabalho, a pertinência desta intervenção e o mecanismo associado à especificidade do empreendedorismo social.

Visando este objetivo, o presente projeto foi organizado da seguinte forma: começámos pelo enquadramento teórico, de forma a consolidarmos os conceitos essenciais e que foram aplicados no projeto (economia social, inovação social e empreendedorismo social); analisámos em seguida o contexto educativo nacional, para desta forma percebermos de que forma os nossos objetivos se podiam enquadrar e fazer sentido; passámos entretanto por uma caracterização do concelho onde aplicámos o projeto, assim como o agrupamento, pois fazia sentido que este projeto em concreto partisse igualmente de uma contextualização local; e finalmente apresentámos todo o projeto, desde a sua conceção até às conclusões, definindo o mais exaustivamente possível todos os passos dados e todas as decisões tomadas.

PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. A Empresa e o Empreendedorismo Social – A Inovação Social nas Organizações de Economia Social

1.1.1. A empresa social

Todo este projeto nasce e faz sentido dentro daquilo a que nos vamos referir sempre como economia social. Para isso, e para que fique clara a definição usada (e que influencia o trabalho prático), começaremos por esclarecer o que entendemos por economia social.

Citando Defourny e Develtere (1999:16), *L'économie sociale regroupe les activités économiques exercées par des sociétés, principalement coopératives, des mutualités et des associations dont l'éthique se traduit par les principes suivants: 1. finalité de service aux membres ou à la collectivité plutôt que de profit; 2. autonomie de gestion; 3. processus de décision démocratique; 4. primauté des personnes et du travail sur le capital dans la répartition des revenus.*

Yunus (2011:19) diz-nos que *numa empresa social, o investidor tem o objetivo de ajudar as outras pessoas sem obter qualquer contrapartida financeira para si próprio. A empresa social é uma empresa porque deve ser autossustentável – ou seja, deve produzir um rendimento suficiente para cobrir os seus próprios custos. Em outras palavras, podemos pensar numa empresa social como um negócio abnegado, cujo objetivo é por fim a um problema social (...), neste tipo de empresa existe lucro, mas ninguém fica com ele. (Idem)*

Uma empresa social tem a particularidade de o “investidor” fazer a sua participação no negócio, assumindo que não terá qualquer contrapartida financeira. No entanto, é exigido que a empresa social promova a capacidade ser autossustentável, ou seja, deve produzir um rendimento suficiente para cobrir os seus próprios custos. Prevê-se ainda que haja capacidade de investimento e capacidade de reserva, que permitam à organização, por um lado, poder expandir o seu património, melhorando o seu impacto social e ainda ter a capacidade de fazer face a algum constrangimento que possa vir a encontrar.

De acordo com Defourny e Develtere, há duas abordagens possíveis ao que chamamos economia social: a abordagem jurídico-institucional, de acordo com a qual podemos resumir estas organizações em cooperativas, mutualidades e associações; e a abordagem normativa, que consiste em sublinhar os princípios que as entidades que a compõem têm em comum.

A literatura acerca de economia social leva-nos a várias questões e subtilezas, como a diferença entre economia social e economia solidária, terceiro setor ou setor não lucrativo. Neste contexto, esclarecemos que não aprofundámos no projeto aplicado estas questões pois

cremos que a abordagem faria sentido num nível de ensino mais avançado, como é o caso do ensino secundário.

Ainda assim, por rigor do enquadramento teórico, vamos agora analisar estas diferentes abordagens e a forma como nos colocámos perante elas.

Jean-Louis Laville (2011: 11/12) diz-nos que enquanto que *l'économie sociale révèle d'une approche organisationnelle donnant la priorité à un fonctionnement collectif basé sur l'égalité formelle entre les membres, l'économie solidaire ré-encastre ce fonctionnement dans une recherche de changement sociale*. Ou seja, Laville entende que a economia solidária se coloca mais numa posição transformadora e transformativa. Entende ainda que a economia solidária, não sendo “anti-mercado”, denuncia os efeitos perversos do mesmo e opta por evitá-los em favor de uma economia plural com o mercado: *l'économie solidaire n'est pas anti-marché, elle dénonce par contre les effets pervers du marché total et opte pour les éviter en faveur d'une économie plurielle avec le marché* (Idem: 14).

Terceiro setor é um termo de origem americana (*Third Setor*), muito utilizado nos Estados Unidos e, também, no Brasil. Parte do princípio que a sociedade civil é dividida em três setores - primeiro, segundo e terceiro. O primeiro setor é formado pelo Governo, o segundo setor é formado pelas empresas privadas, e o terceiro setor são as associações sem fins lucrativos.

O setor não lucrativo / sem fins lucrativos é constituído por organizações que usam os seus excedentes para atingir ainda mais o seu propósito ou missão, em vez de os distribuir por acionistas ou membros. Para esta abordagem, não se trata de designar um setor alternativo, mas sim de designar um novo setor, o qual dá resposta às preocupações éticas e sociais e a um certo número de desafios que são decorrentes da mudança do papel do Estado em domínios específicos, como é o caso da habitação, da saúde, entre outros.

Entendemos que a abordagem “economia social” compreende mais a nossa visão, na medida em que é mais precisa que a de Terceiro setor, uma vez que visa apenas grupos de pessoas que se constituem por livre adesão e sobretudo porque não se circunscreve a um setor exclusivamente constituído por voluntários, financiados pelos impostos, através do Estado. Para além disso, parece-nos ser mais larga e mais aberta que a definida na perspetiva da Economia solidária, uma vez que não recusa o mercado, ou nem sequer tem como objetivo sair dele.

De acordo com o Observatório da Economia Social em Portugal (OBESP)¹, a economia social oferece bens ou serviços que correspondam a necessidades sentidas pelos indivíduos a que se destinam, independentemente da sua rentabilidade económica intrínseca, procurando que essa oferta seja efetuada otimizando a relação qualidade/preço. Estas duas últimas questões (conformidade com as necessidades e relação qualidade/preço) são tão importantes quanto a procura sistemática de um excedente operativo, dentro de um quadro de desenvolvimento sustentável.

Acresce que, numa organização da economia social, deve existir a preocupação de fomentar a participação no processo de decisão organizacional por parte dos seus membros, dos utilizadores, dos assalariados e também de outros agentes que eventualmente lhe estejam associados (stakeholders) Finalmente, deve existir sempre uma preocupação com a solidariedade.

Neste sentido – pese embora as diferenças de natureza, missão, dimensão, modelo de gestão, setor de atividade etc. – todas as organizações que integrem a Economia Social, terão de apresentar duas características: uma preocupação com os indivíduos e a concessão de uma importância primordial aos aspetos sociais. Consequentemente, as organizações que integrem a Economia Social deverão convergir num conjunto de aspetos, dos quais será de destacar:

- O respeito pela dimensão humana;
- O combate à exclusão social;
- A vontade de promover espaços de realização individual;
- Uma visão democrática e participada da organização;
- Uma visão da missão organizacional que a encastra no tecido social (sem a reduzir a uma mera unidimensionalidade económica);
- Autonomia de gestão;
- Primazia das pessoas e do trabalho sobre o capital;
- Assumpção de responsabilidades, quer individuais quer coletivas;
- O desenvolvimento de um elevado grau de capital social.

Em virtude da sua natureza, as organizações de Economia Social não são movidas por objetivos ditados exclusivamente por uma estratégia de mercado, já que a sua existência visa satisfazer necessidades sociais, promover a coesão social, combater a exclusão ou suprimir as

¹Confira documento acedido em:

https://cases.pt/wp-content/uploads/OBESP_Conceito_de_Economia_social_09_DEZ_2011.pdf

falhas e lacunas que as organizações pertencentes aos demais setores da economia, apresentam a esse respeito.

Do ponto de vista do resultado, o aspeto fundamental que diferencia as organizações de Economia Social das empresas capitalistas é que, enquanto nestas últimas, os seus principais beneficiários são os 2 seus próprios investidores, que recebem para si mesmo o “sobrepoduto” social (ou seja, o excedente operativo sob a forma de lucro), nas organizações de Economia Social, caso exista, a apropriação desse excedente é coletiva e destina-se a dar continuidade aos objetivos organizacionais, a satisfazer os seus usufrutuários diretos e os seus assalariados e a comunidade em geral.

Devido às suas características, as organizações de Economia Social, têm sido as responsáveis pela existência de uma abordagem diferente da atividade socioeconómica que consiste em privilegiar as pessoas em detrimento do capital. Consequentemente, não se prefiguram apenas como sendo organizações produtoras de bens ou serviços, mas igualmente como produtoras de conexões sociais, aspeto fundamental para a gestão de capital social.

Integram a Economia Social as seguintes entidades, desde que constituídas em território nacional:

- a) As cooperativas;
- b) As associações mutualistas;
- c) As fundações;
- d) As misericórdias;
- e) As instituições particulares de solidariedade social não abrangidas pelas alíneas anteriores;
- f) As associações com fins altruísticos que acuem no âmbito científico, cultural, educacional, recreativo, do desporto amador, da defesa do meio ambiente, do desenvolvimento local e em todos os campos da sociedade de informação;
- g) As entidades abrangidas pelos subsectores comunitário e autogestionário, constitucionalmente integrados no setor cooperativo e social;
- h) Outras organizações dotadas de personalidade jurídica que solicitem a sua inclusão na Economia Social e que reúnam condições para tal, nomeadamente através da sua identificação com os princípios orientadores da Economia Social definidos na Lei de Bases para a Economia Social.

Do ponto de vista do financiamento das suas atividades, embora visem por completo a sua autonomia financeira, nalguns setores, principalmente os que respondem mais diretamente à satisfação de necessidades sociais, as contribuições do Estado têm uma importância decisiva para a sobrevivência destas organizações. Neste contexto torna-se fundamental assegurar uma total transparência na utilização dos dinheiros públicos com a contratualização de objetivos e respetivo controlo, garantindo uma avaliação de qualidade que fomenta uma maior eficiência na gestão destes recursos. Sem dependerem exclusivamente dos fundos públicos, as organizações de Economia Social, apoiam-se, em geral, em quatro fontes de financiamento:

- Fundos públicos
- Fontes privadas
- Rendimentos provenientes da venda de bens e serviços e das contribuições dos próprios utilizadores.

De acordo com o Livro Branco da *Social Economy Europe* (Coheur, 2015), a par das empresas de capital privadas e das empresas públicas, as empresas de economia social traduzem uma cultura participativa, que concilia dimensões sociais, económicas e financeiras. As empresas de economia social procuram empregos de qualidade, de proximidade, participam na inserção social e no desenvolvimento local. São criadoras de empregos:

- ✓ De modo direto, pelo conjunto das organizações de economia social, organizações que conheceram um forte crescimento nos últimos anos;
- ✓ Pela execução de programas de recrutamento e de aperfeiçoamento de competências;
- ✓ De modo indireto, graças às iniciativas de economia social impulsionadas pelos próprios atores por intermédio do empresariado coletivo, como as cooperativas;
- ✓ Pela difusão de iniciativas de economia social em todos os setores da economia e pela sua capacidade a integrar as inovações societárias criadoras de emprego de futuro.

A economia social imbrica-se nas políticas económicas ao ser um ator maior das políticas sociais. As atividades das empresas de economia social não se guiam por critérios unicamente de mercado ou crescimento. O desenvolvimento, a maximização da rentabilidade, os benefícios não são os objetivos últimos, mas sim o contributo para o interesse geral, para a coesão social, para o bem-estar das nossas sociedades e dos aderentes. A esse título, as políticas ligadas à economia social inscrevem-se de modo transversal em todas as políticas do mercado interno. Essas políticas não devem ser unicamente instrumentos em favor da livre

circulação de bens, serviços e capitais, mas também meios ao serviço da melhoria das condições de vida dos cidadãos europeus.

De acordo com a European Research Network (Borzaga et al, 2018:11) *social enterprises are private, autonomous organizations that provide products or services with the explicit objective of benefiting the community. They are owned and managed by a group of citizens and investors' material interest is subject to limits (...) being legally prohibited from distributing profits, sometimes structured in order to exclude profit as the main objective.*

Estas organizações elencam uma série de características específicas: *a primazia do indivíduo e do objeto social sobre o capital; a adesão livre e voluntária; o controlo democrático pelos seus membros; a combinação dos interesses dos seus membros beneficiários e o interesse geral; a defesa e a implementação dos princípios da solidariedade e da responsabilidade; a autogestão e independência face ao governo; o uso da maior parte do excedente para a prossecução de objetivos de desenvolvimento sustentável, no interesse dos membros e interesse público.* (Martinho et al, 2014: 9).

Para que efetivamente isto se concretize e para que possamos afirmar que estamos preocupados com a formação dos líderes e gestores das organizações, há que reconhecer a fundamental importância do ensino.

1.1.2. A Inovação Social

Anderson Pacheco (2016: 70/71) explica-nos que *a designação inovação social não é nova, tem sido utilizada em diferentes contextos, algumas vezes pejorativos, outras com conotações positivas. Pode-se dizer que uma expressão similar, invenções sociais, foi cunhada por Max Weber no século XIX e reproduzida por Joseph Schumpeter, em 1930. Outros termos, tais como mudança, transformação ou regulação social (Weber e Durkheim) e difusão social (Tarde, 1999 [1893]) eram tratados também como uma definição de inovação social.*

Inovar é um conceito que tem entrado pela porta da frente das empresas sociais. Os investidores, os beneméritos, os benfeitores, os sócios são também eles mais exigentes, mais informados e o pressuposto de inovação social está hoje muito presente nas organizações.

Os próprios programas comunitários privilegiam essa atitude e incentivam a competência por forma a desenvolver esta atitude de forma proactiva, competente, responsável e sustentável.

De acordo com a Comissão Europeia (2013: 6), *social innovation can be defined as the development and implementation of new ideas (products, services and models) to meet social needs and to create new relationships or collaborations. It represents new responses to pressing social demands, which affect the process of social interactions. (...) They are innovations that are not only good for society but also enhance individual's ability to act. They are an opportunity both for the public sector and for the markets, so that the products and services better satisfy individual but also collective aspirations. Stimulating innovation, entrepreneurship and the knowledge-based society is at the core of the Europe 2020 Strategy.*

Assim, convém que exploremos um pouco melhor o conceito de inovação social, aceitando o pressuposto por etapas veiculado na obra *The open book of social innovation* (Murray et al, 2010). Parte-se aqui do pressuposto de que o processo de inovação social pode ser enquadrado num processo evolutivo de estudo e amadurecimento do projeto.

Numa primeira fase encontramos a fase de diagnóstico e inspiração. Neste momento do processo incluem-se todos os factores que sublinham a necessidade de inovar. Podem ser motivos relacionados com momentos de crise, corte no financiamento público, desempenho aquém das expectativas ou desenvolvimento estratégico. Podem igualmente ser inspirações, possibilidades inovadoras com dignidade, que se apresentam como válidas. Nesta etapa pretende-se a capacidade de fazer um diagnóstico suficientemente claro que permita à empresa social enfrentar as causas profundas do problema, não apenas a identificação dos sintomas.

Numa segunda fase, encontramos o momento das propostas e ideias. É o momento da criatividade, aquele que acaba por ser crucial no restante processo. Vai beber muito do seu trabalho à fase anterior, pois os problemas e sintomas identificados podem e devem ser perspectivados como desafios. A organização é convidada a reinventar-se, a olhar as possibilidades que nunca viu, a traçar um caminho que não tinha definido inicialmente, a definir uma estratégia coerente e coesa, eficaz e eficiente.

Numa terceira fase, encontramos o momento dos projetos e dos primeiros resultados. É quando as ideias são testadas na prática. Nem sempre uma ideia é bem aceite no projeto concreto, nos vários enquadramentos que têm de ser feitos para que a possamos legitimar. É um momento em que é exigida muita resiliência e capacidade de adaptação. Os gestores da empresa social têm de conseguir harmonizar a teoria com a prática, sem desistir do rumo traçado. Até porque, com frequência, nesta fase é quando ainda é possível fazer ajustes dignos e pertinentes, pelo que é precioso que todos os envolvidos estejam particularmente comprometidos com o processo.

Na quarta fase encontramos a sustentabilidade. A ideia inicialmente pensada é agora uma prática do quotidiano. Há que olhar as ideias com capacidade crítica, arrojo e simultaneamente a tenacidade suficiente para permitir que efetivamente seja uma ideia sustentável financeiramente num prazo mais alargado. Esta etapa exige que os gestores olhem analisem firmemente todos os envolvidos na ideia, nomeadamente o próprio enquadramento jurídico, de modo a evitar tanto quanto possível o aparecimento de algum revés.

Numa quinta fase encontramos a capacidade de verificar a escala da ideia e a difusão da mesma. Neste momento há que observar aspetos como a procura do mercado, a forma como os aspetos legais de consultoria e contabilidade se têm refletido após a implementação do projeto. É suposto que seja dado um salto quantitativo, aquilo a que vulgarmente chamamos “dar um salto” pois estão assumidas as etapas anteriores em que, assumidamente, foi preparada a conjuntura que leva a que o momento atual seja possível.

Numa última fase encontramos as mudanças sistémicas, aquilo que no fundo é o objetivo último de qualquer ideia de inovação social. Este momento pressupõe a interação de vários elementos: movimentos sociais, modelos de negócio, enquadramentos legais e jurídicos, estatística e infraestruturas, e formas totalmente novas de fazer e de pensar. As inovações sociais apresentam-se normalmente como reação a uma prática anterior, mas o seu sucesso depende largamente da viabilidade económica que apresentam nesta fase.

O processo de inovação social deve ainda ser apoiado em práticas consubstanciadas por análises teóricas válidas. Deve haver um tratamento rigoroso da relação entre as ideias e a sua exequibilidade. As organizações devem procurar esse apoio em fundações, instituições de ensino ou consultores de forma a tornar toda esta metodologia mais vantajosa em todos os aspetos pois o que poderá à primeira vista ser uma despesa pouco vantajosa, terá certamente repercussões nos diversos momentos da sua conceção.

Os intermediários são fundamentais em qualquer ideia de inovação social. Há que consciencializar o setor lucrativo na importância de criar e manter estas relações. Utilizando a imagem criada por Murray (idem), *We've suggested that much social innovation comes from linking up the <bees> - the individuals and small organisations that are buzzing with ideas and imagination – and the <trees>, the bigger institutions that have power and Money but are usually not so good at thinking creatively. On their own, the bees can't achieve impact. On their own, the trees find it hard to adapt.*

Em suma, a inovação social nas empresas sociais deve ser encarada como uma missão para criar valor. Uma missão válida que exige compromisso, coerência e rigor na sua conceção, aplicação e impacto.

1.1.3. As políticas públicas como elemento de equilíbrio no desenvolvimento

Os desequilíbrios regionais de desenvolvimento acabam por fazer parte da dinâmica aliada ao próprio crescimento económico. O grande problema coloca-se no facto de que deixa de ser uma questão muito pontual neste processo e passa a ser uma constante, ao qual todo o processo se acomoda, com o qual se conforma.

Nas teorias do desenvolvimento desequilibrado, através das contribuições de Perroux, Myrdal e Hirschman, encontramos a ideia de que o crescimento económico não surge espontaneamente e ao mesmo tempo em todas as regiões. O argumento prossegue no sentido em que este se manifesta em pontos específicos ou polos de crescimento, para depois se espalhar por toda a economia (Perroux, 1977). Essa estratégia de crescimento busca orientar os investimentos para setores-chave da economia, fazendo com que esse processo de concentração resulte na maximização dos retornos. Essa teoria parte do pressuposto de que as desigualdades regionais aumentam com a polarização em situações de crescimento económico acelerado, atingem seu máximo em algum dado momento do tempo, para declinar em seguida, quando um processo de despolarização se inicia.

Diz-nos Lima *et al* (2010: 5-11) que o conceito de equilíbrio permeia a história do pensamento económico desde Adam Smith. Raros são os economistas que se aventuraram em pensar a ciência partindo de outra base, entre eles alguns nomes mais conhecidos são Marx, Schumpeter, Veblen, Myrdal, Young e Kaldor. Além desses autores, há outros que recebem menos atenção como Patinkin, Clower e Leijonhufvud que nas décadas de 60 e 70 lançaram uma agenda de investigação centrada no desequilíbrio virtualmente esquecida pelos economistas contemporâneos.

Primeiro ponto interessante de Myrdal, essencial para qualquer discussão sobre desenvolvimento económico, é que ele distingue crescimento e desenvolvimento, em que desenvolvimento significa ascensão social de toda a população de determinado país. O conceito de causalidade cumulativa de Myrdal, teoria que é a base de seu pensamento no tocante ao desenvolvimento tanto de países como de regiões.

Tal como Myrdal (1957) preconiza, quanto maior o nível de desenvolvimento económico de um país, maiores os “spread effects” e mais facilmente os “backwash effects” são neutralizados. Este processo tem de contar com o incentivo das políticas públicas para produzir os efeitos desejados e promover o devido e desejado desenvolvimento económico sustentável.

Há que adequar as políticas públicas às realidades, funcionando como factor contra cíclico, no sentido de evitar agudizar as diferenças de desenvolvimento entre regiões/ países.

Há uma série de elementos tais como: administração pública, educação, saúde, transportes, urbanização, agricultura, indústria, entre outros, que devidamente estimulados politicamente, sustentados, apresentados com mais solidez, trarão um impulso adicional ao crescimento económico, mais robusto, mais sólido.

Os factores de ordem institucional são cruciais na definição da trajetória de desenvolvimento económico de um país ou de uma região na medida em que estes beneficiam de uma estratégia coesa, que preconize um acompanhamento sistemático dos mais variados elementos que constituem a sociedade.

Saúde, educação, transportes, energia, saneamento, entre outros, são cruciais para que o estado social se sinta confortável, para gerar a confiança das pessoas, que por sua vez transpiram essa mesma percepção para o exterior, motivando mais encadeamento motivacional.

O desenvolvimento económico é bastante condicionado aos reflexos que produz na sociedade. Daí que seja fundamental que a economia se alie à sociologia para que juntas consigam definir um caminho mais inteligente, inovador, sustentável. Neste contexto, voltamos à ideia do retorno social, na medida em que a economia precisa de aprender o valor daquilo que é menos qualificável por via numérica, mas que a seu tempo demonstra um valor inestimável.

Falamos em política social num quadro de democracia participativa é por si só um risco imediato e uma oportunidade indiscutível. Isto porque uma política social pressupõe a promoção de bem-estar e a democracia participativa prevê a possibilidade de uma intervenção direta dos cidadãos nos procedimentos de tomada de decisão dessas mesmas políticas, o que poderá ser efetivamente um desafio essencialmente em termos da gestão de todo o processo. Há uma série de pressupostos a considerar para que um processo semelhante possa ocorrer e dignifique a sua operacionalização nomeadamente em termos de definição, análise, construção, avaliação e conclusão.

Falamos efetivamente de uma forma de construção de políticas extremamente válida e efetiva pois cada vez mais sentimos que existe um desajuste entre aquilo que é preconizado em termos de gestão de políticas sociais e aquilo que sentimos falta no terreno, sobretudo pela heterogeneidade sociológica que verificamos no nosso país. As décadas de 80 e 90 do século XX serviram para fazer face a grandes lacunas sociais, reformas políticas muito objetivas e que primavam pela satisfação de necessidades básicas da população, até lá escondidas pelo regime ditatorial, de uma pobreza encarada tradicionalmente como um estatuto e não um

estado. As políticas de então promoveram a identificação e solução prática e objetiva deste quadro tão particular.

Já no início do século XXI, essencialmente nos seus primeiros anos, com o avanço tecnológico absolutamente indiscutível e avassalador, as políticas sociais começaram a ver surgir novos desafios sociais, novas exigências comunitárias, novos desafios financeiros e começou-se a olhar para as reformas sociais sob outras perspetivas. Antes ainda de entrarmos na fase de depressão económica, deparámo-nos com um país deslumbrado com as novas tecnologias e com toda uma série de possibilidades que com elas se abriam. As diferenças entre o Interior e o Litoral começou a tomar contornos ameaçadores, a agricultura e a floresta pareciam cada vez mais abandonadas, os rios pareciam diferentes, mas ainda não tínhamos de nos preocupar.

Atualmente tudo isto se abateu sobre nós como uma enxaqueca persistente, que nos inibe os sentidos, que não sabemos bem como nos calhou nem tão pouco como dela nos desfazermos. O Interior está sem pessoas, a agricultura é quase uma vaidade de algumas pessoas, a floresta perdeu a sua identidade e os rios quase não têm água. A revolução tecnológica mostrou os seus contras, muitas pessoas viram os seus postos de trabalhos substituídos por máquinas e até as próprias relações entre as pessoas valorizam atualmente o dispositivo acima de tudo.

Ou seja, o contexto mudou. Não podemos continuar a apresentar reformas sociais sem admitirmos que as necessidades sentidas ou não sentidas são diferentes atendendo às particularidades sociológicas. Partindo do pressuposto de que uma política pública com finalidades sociais prevê uma redistribuição de recursos, a promoção da inclusão social ou a gestão de riscos, então temos igualmente de aceitar que os recursos existentes no interior não são os mesmos que se verificam no litoral; a forma como se operacionaliza a inclusão social em Lisboa não tem os mesmos contornos que essa mesma operação tem em Castelo Branco; ou os riscos que identificamos no Porto são idênticos aos de Beja. Não são.

Atualmente o que encontramos é um modelo de criação de políticas sociais, cuja aposta mais recente assenta nas parcerias. Entende-se, e bem, que dada a complexidade da área social e os desafios específicos da mesma, as medidas a adotar serão mais bem-sucedidas se forem realizadas em conjunto, aproveitando os recursos existentes e potencializando-os. A expressão mais concreta destas políticas é o caso das redes sociais. Estas redes colocam em coexistência e diálogo todos os intervenientes sociais dos terrenos na procura de soluções ajustadas aos seus contextos, dentro das políticas públicas existentes. Os chamados Conselhos

Locais de Ação Social reúnem frequentemente em grande grupo, assembleia, apresentam diagnósticos e promovem planos de ação. O problema passa pela efetivação desses mesmos planos. A expressão no terreno fica frequentemente aquém das reais possibilidades pois, em última instância, não é possível para o poder central conjugar todos os diagnósticos de forma justa e idónea. Ou seja, a democracia participativa na formulação e execução de políticas sociais tem uma rota traçada, mas a estrada é tão longa que não é possível chegar ao seu fim.

Neste sentido, os riscos são maiores do que as oportunidades. Os riscos atuais parecem mais graves na medida em que há um investimento, há uma aposta expressa em equipas no terreno, operações volumosas que compreendem desde a mais básica ação de formação sobre planeamento familiar até ações complexas de aquisição de competências tecnológicas ou ainda o incentivo à atitude empreendedora, mas o compromisso dos destinatários é, frequentemente, bastante baixo. A identificação das pessoas com a oferta é pouco expressiva e isto pode derrubar todo um plano de ação social.

A centralização do poder e a generalização das políticas, particularmente na área social, penalizam completamente as intenções que tipificam as ações. Falamos de pessoas e dos seus problemas, falamos de seres humanos com limitações, falamos de famílias em risco, falamos de crianças que assumem com frequência preocupações de adultos. Não podemos vacilar. Não podemos hesitar numa ação que implica o bem-estar do outro.

Como nos diz Yunus (2011: 21), quando a nossa teoria económica se ajustar à realidade multidimensional da natureza humana, os alunos aprenderão nas escolas e nas universidades que há dois tipos de empresas: as empresas tradicionais com fins lucrativos e as empresas sociais. Quando forem crescidos, pensarão em que tipo de empresa investirão e em que tipo de empresa quererão trabalhar. E muitos jovens que sonham com um mundo melhor pensarão no tipo de empresa social que gostariam de criar. Quando ainda estiverem na escola, alguns jovens poderão começar a conceber empresas sociais e até mesmo a lançar empresas sociais individual ou coletivamente para exprimirem o seu talento criativo para mudar o mundo.

Em suma, a função da política social num quadro de democracia participativa é indiscutível, mas temos de estar preparados para reformar mentalidades, temos de aceitar conceder aos outros a possibilidade de serem escutados e acima de tudo temos de assumir responsabilidades.

No presente projeto apelamos a que o novo diploma da Autonomia e Flexibilidade seja utilizado pelas escolas numa ótica de desenvolvimento local, regional, possibilitando aos

alunos que compreendam a economia social enquanto um aspeto fulcral do desenvolvimento económico, na medida em que este só poderá encontrar equilíbrio se os problemas e desequilíbrios sociais forem assumidos como um assunto com resolução. Colocar na mão das novas gerações os instrumentos e ferramentas que o empreendedorismo social lhes fornece e assim contribuir para uma futura geração de governantes e gestores das organizações, públicas ou privadas, mais conscientes da amplitude de problemas, mas também mais bem munidos com uma mais expressiva variedade de soluções.

1.1.4 O empreendedorismo social

Gregory Dees (2001: 1) defende que o empreendedorismo social combina a paixão pela missão social com aspetos específicos do mundo empresarial que lhes pode acrescentar valor e eficácia. *The idea of social entrepreneurship has struck a responsive chord. It is a phrase well suited to our times. It combines the passion of a social mission with an image of business-like discipline, innovation, and determination (...) The time is certainly ripe for entrepreneurial approaches to social problems. Many governmental and philanthropic efforts have fallen far short of our expectations. Major social sector institutions are often viewed as inefficient, ineffective, and unresponsive. Social entrepreneurs are needed to develop new models for a new century.*

Não se trata, portanto, de desvirtuar os aspetos mais embrionários da economia social, mas antes de lhes acrescentar ferramentas e estratégias direccionadas para o sucesso e sustentabilidade. *In addition to innovative not-for-profit ventures, social entrepreneurship can include social purpose business ventures, such as for-profit community development banks, and hybrid organizations mixing not-for-profit and for-profit elements, such as homeless shelters that start businesses to train and employ their residents. The new language helps to broaden the playing field. Social entrepreneurs look for the most effective methods of serving their social missions* (Idem).

The Hallmark of social entrepreneurship remains its ability to combine social interests with business practices to effect social change, Alter (2006: 205) e esta ideia acaba por ser basilar no nosso projeto. Contribuir para a formação de uma nova geração de gestores das organizações de economia social.

Convém, neste contexto, esclarecer os princípios associados à “empresa social”, nos quais pautamos este estudo e as iniciativas que dele decorrem:

- ✓ Objetivos sociais: iniciativas de pessoas sem acesso ao mercado de trabalho e/ou em processos de exclusão social; servir a comunidade; distribuição limitada de lucro;
- ✓ Objetivos económicos: atividade contínua de produção de bens/serviços; significativo risco económico; criação de postos de trabalho;
- ✓ Governança: gestão independente; democraticidade dos processos de gestão, não baseados no capital (stakeholders internos/externos);
- ✓ Matriz coletivista: participativa e democrática, reconhecendo o importante papel das lideranças individuais;
- ✓ Deslocação da filantropia/caridade para o empoderamento e responsabilização das populações vulneráveis;
- ✓ A centralidade da sustentabilidade das organizações e das respostas sociais, com mecanismos de gestão empresarial;
- ✓ A transformação social (valores, padrões de pensamento e ação) e o valor social criado pela construção de modelos alternativos e pela centralidade dos impactos sociais, incluindo o papel das ideias extraordinárias e a replicabilidade das inovações. (Parente, 2014: 32)

Variáveis	Empreendedorismo	Empreendedorismo Social
Objetivo no mercado	✓ Oportunidade de mercado crescente ✓ Valor de troca mais uso	✓ Identificar e superar uma falha do mercado e/ou do estado ✓ Valor de uso
Missão	✓ Criação de operações rentáveis para acionistas	✓ Criação de valor social para o bem público
Resultados e sustentabilidade	✓ Distribuição de lucros	✓ Reinvestimento dos excedentes económicos
Avaliação do desempenho	✓ Métricas quantitativas (ex. retorno financeiro)	✓ Métricas qualitativas (ex. valor social, complexidade dos impactos sociais)

Tabela 2 – Empreendedorismo VS Empreendedorismo Social

Fonte: Adaptado de Austin, Weil-Slilern e Stevenson (2006)

No livro *Empreendedorismo Social em Portugal* (Parente et al, 2014:360), relativamente aos objetivos da educação para o empreendedorismo social, refere-se o seguinte:

Segundo as recomendações da Comissão Europeia acerca da educação para o empreendedorismo social (CE, 2002; 2004) e adaptando-as aos programas de educação para o

empreendedorismo social, os autores Fuchs, Werner e Wallau (2008: apud Parente, Costa e Diogo, 2013) elencam, por se afigurarem incontornáveis, os seguintes objetivos diretos: i) encorajar e promover iniciativas de empreendedorismo social; ii) informar e incitar à consideração da criação do próprio emprego como opção de atividade profissional; iii) informar e formar em criação e gestão de negócios ou organizações de tonalidade social.

Parente et al (2014: 363) diz-nos que *uma aprendizagem holística resultará da integração de:*

- i) conhecimentos declarativos, que dizem respeito ao domínio de temáticas, conceitos, teorias e leis;*
- ii) conhecimentos atitudinais, ou seja, relativos à formação de atitudes e valores;*
- iii) e conhecimentos procedimentais, definidos como a capacidade de executar.*

Diz-nos ainda que as capacidades empreendedoras se podem elencar da seguinte forma (idem: 365):

- i) Visão estratégica, crítica e criativa, orientada pela sensibilidade às necessidades sociais e focada na procura de soluções pouco óbvias;*
- ii) A resiliência necessária para fazer face à escassez de recursos e às adversidades que um empreendedor social enfrenta;*
- iii) Exploração de oportunidades a partir de poucos recursos e potenciais riscos, características que fazem dos seus agentes, atores inovadores orientados pela criação de valor.*

No fundo, o empreendedorismo social compreende todos estes conceitos num só: criação. Ao criarmos algo, uma resposta, um produto, uma valência, um serviço que responde a uma necessidade identificada através de um problema social, estamos a ser empreendedores e ao sê-lo, estamos a inovar. A vida de todo e cada um daqueles que usufrui da nossa resposta vai sentir na sua vida um elemento novo e que lhe fez diferença.

O impacto das nossas ações poderá ser difícil de medir através da métrica convencional pois estatisticamente as pessoas tendem a denunciar muito aquilo que as incomoda, ou promove algum tipo de exclusão social, mas não detêm a mesma atitude no que diz respeito ao feedback relativamente àquilo que as ajuda a ultrapassar esses mesmos constrangimentos. Este é o grande desafio que só coloca aos empreendedores: encontrarem nas suas práticas, métricas que lhes permitam medir as suas ações, conquistando as pessoas com ações sustentáveis, de confiança, inclusivas e promotoras de estratégias futuras de autorregulação. Aceitar que a nossa ação poderá ser tanto mais eficaz quanto menos se prolongar no tempo é algo fulcral para que consigamos uma governança sólida e esclarecida.

De acordo com a Escola de Economia Solidária (ESOL), podemos definir o empreendedorismo social numa estrutura tripartida, a saber:

- ✓ Trabalho em rede e em parceria e novas metodologias de intervenção;
- ✓ Ideia de solidariedade em detrimento do interesse individual e do ganho material/ lucro;
- ✓ Socialização dos recursos produtivos e a adoção de critérios igualitários.

1.1.5. O empreendedor social

Jean-Baptiste Say (século XIX) fala-nos na criação de valor, na medida em que o empreendedor social cria valor ao redirecionar os recursos económicos devotados a áreas de baixa produtividade para áreas de maior produtividade. O empreendedor social adota uma missão social que procura atacar as causas dos problemas e produzir mudanças fundamentais no setor social.

Peter Drucker (anos 70 do século XX) acentua a dimensão do aproveitamento de oportunidades; o empreendedor explora as oportunidades que são criadas pela mudança (na tecnologia, nas preferências dos consumidores, nas normas sociais, etc.). O empreendedor vê na mudança uma oportunidade e não um problema.

O empreendedor social, na sua essência, não busca propriamente o negócio na sua essência, mas antes o empreendimento social enquanto catalisador de mudanças, inovações que poderão sanar os problemas que tenham identificado. De acordo com Dees (2001: 2), *it is true that many of the entrepreneurs that Say and Schumpeter have in mind serve their function by starting new, profit-seeking business ventures, but starting a business is not the essence of entrepreneurship. Though other economists may have used the term with various nuances, the Say-Schumpeter tradition that identifies entrepreneurs as the catalysts and innovators behind economic progress has served as the foundation for the contemporary use of this concept.*

Diz-nos ainda que o impacto das suas ações é o foco do empreendedor social, saindo, portanto, da visão de obtenção de lucro que normalmente caracteriza a ideia de criação de um negócio. *For social entrepreneurs, the social mission is explicit and central. This obviously affects how social entrepreneurs perceive and assess opportunities. Mission-related impact becomes the central criterion, not wealth creation. Wealth is just a means to an end for social entrepreneurs. With business entrepreneurs, wealth creation is a way of measuring value creation. This is because business entrepreneurs are subject to market discipline, which determines in large part whether they are creating value. If they do not shift resources to more economically productive uses, they tend to be driven out of business.* (Idem: 3)

Neste contexto, é apresentado em Estratégia de Lisboa Renovada (2005), oito competências chave que são aceites como caracterizadoras e que de certa forma estabelecem um perfil para este ator da economia social, o empreendedor social:

1. Saber comunicar na língua materna;
2. Saber comunicar pelo menos uma língua estrangeira;
3. Aprender a aprender;
4. Dominar a literacia matemática, a cultura científica e tecnológica;
5. Dominar a literacia digital;
6. Ter sensibilidade cultural;
7. Ter competências interpessoais e cívicas;
8. Ser empreendedor.

Esta abordagem foca-se não nos processos ou formatos que o empreendedorismo social pode adotar, mas sim na disseminação da ideia do empreendedor social enquanto ator de uma mudança sistémica que persegue ativamente o desenvolvimento e/ou combinação de produtos ou serviços de cariz inovador com um impacto social alargado, particularmente com resultados de transformação social. (Parente et al, 2011:8)

1.2.A estratégia educativa nacional

Para que melhor consigamos enquadrar este contexto, há que conhecer que, no âmbito das prioridades definidas no Programa do XXI Governo Constitucional para a área da educação, foi produzida a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC), a qual resultou da proposta elaborada e apresentada pelo Grupo de Trabalho de Educação para a Cidadania.

A ENEC constitui-se como um documento de referência que está a ser implementado desde o ano letivo de 2017/2018, nas escolas públicas e privadas que integram o Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular, em convergência com o “Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória” e com as “Aprendizagens Essenciais”.

Os Princípios, as Áreas de Competência e os Valores definidos no “Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória” (PA) confluem para a formação do indivíduo como cidadão participativo, iniciando o caminho do exercício da cidadania ao longo da vida. Por sua vez, as Aprendizagens Essenciais elencam os conhecimentos, as capacidades e as atitudes a

desenvolver por todos os alunos, conducentes ao desenvolvimento das competências inscritas no PA, no quadro de um processo de promoção da autonomia e flexibilidade curricular.

1.2.1. Despacho nº 6173/2016 – Criação do Grupo de Trabalho de Educação para a Cidadania

Uma das nossas preocupações foi perceber de que forma o próprio poder central entendia o conceito de cidadania, para que pudéssemos estabelecer uma ponte, a haver, entre a aceção do conceito e a premissa que pretendemos estabelecer. No documento em questão encontramos o seguinte: *A cidadania, na sua conceção mais ampla, integra um conjunto de direitos e deveres que devem ser veiculados na formação das crianças e jovens portugueses de modo que no futuro sejam adultos e adultas com uma conduta cívica que privilegie a igualdade nas relações interpessoais, a integração da diferença, o respeito pelos Direitos Humanos e a valorização de valores e conceitos de cidadania nacional. (...)*

Visando a construção sólida da formação humanística dos alunos, para que assumam a sua cidadania garantindo o respeito pelos valores democráticos básicos e pelos direitos humanos, tanto a nível individual como social, a educação constitui-se como uma ferramenta vital. Deste modo, na componente do currículo de Cidadania e Desenvolvimento (CD), os professores têm como missão preparar os alunos para a vida, para serem cidadãos democráticos, participativos e humanistas, numa época de diversidade social e cultural crescente, no sentido de promover a tolerância e a não discriminação, bem como de suprimir os radicalismos violentos.

A formação humanista dos professores é, pois, fundamental para o desenvolvimento da CD, porquanto facilita a interligação entre as aprendizagens das disciplinas e os domínios a serem abordados nesta componente do currículo. Paralelamente, poderão ser tidos em consideração outros factores relativamente aos professores: formação na área da cidadania, motivação para abordagem desta área e para a utilização de metodologias de projeto e experiência na coordenação de equipas pedagógicas.

A presença mais acentuada da cidadania na educação configura, assim, a intenção de assegurar *um conjunto de direitos e deveres que devem ser veiculados na formação das crianças e jovens portugueses de modo que no futuro sejam adultos e adultas com uma conduta cívica que privilegie a igualdade nas relações interpessoais, a integração da diferença, o respeito pelos Direitos Humanos e a valorização de valores e conceitos de cidadania nacional.*

Assim sendo, a escola pública, pelo seu caráter de abrangência universal e tendo em conta experiências desenvolvidas ao longo das últimas décadas, que pelo estado, quer por organizações da sociedade civil, apresenta-se como o espaço privilegiado, para a implementação de uma estratégia de educação para a cidadania.

Encontramos, portanto, encontro entre a nossa premissa: a escola é um espaço fomentador do desenvolvimento de competências de empreendedorismo social, implícitas neste mesmo conceito de cidadania.

1.2.2. Currículo do Ensino Básico e do Ensino Secundário para a construção de aprendizagens essenciais baseadas no perfil dos alunos;

Outra das nossas preocupações foi perceber se o currículo em vigor permitia a integração dos conceitos que procuramos implementar na educação dos alunos.

A massificação e o alargamento da escolaridade e consequente crescimento da complexidade dos contextos têm vindo a requerer lógicas de proximidade e de adequação, estabelecendo, contudo, parâmetros curriculares definidores das aprendizagens comuns, não de cariz enciclopedista, mas dirigidas a uma capacitação e qualificação mais eficazes de todos os cidadãos, no plano económico e cívico. (Roldão et al, 2017: 3)

No mesmo documento são identificadas as aprendizagens essenciais, enquanto elementos do Referencial Curricular, apoiado no Perfil dos Alunos, e que se deverão caracterizar: i) pela riqueza e solidez dos conteúdos – os indispensáveis para a construção significativa do conhecimento próprio de cada disciplina; ii) pela riqueza dos processos cognitivos a desenvolver nos alunos para a aquisição desses conhecimentos.

Estas aprendizagens essenciais podem dividir-se em três conceitos agregadores:

1. Conhecimentos – correspondente ao que os alunos devem saber – os conteúdos do conhecimento;
2. Capacidades – correspondente aos processos cognitivos que devem ativar para adquirir esse conhecimento;
3. Atitudes – corresponde ao “saber-fazer” – mostrar que aprendeu.

Encontramos ainda claro no mesmo documento que *o pressuposto curricular básico é de que as aprendizagens essenciais correspondem ao que deve/pode ser aprendido por TODOS (porque a todos é necessário socialmente e porque é requerido pela própria sociedade – bases*

da legitimação social do currículo), embora com diferentes níveis de consecução, que nunca dispensam a apropriação pelo aluno do essencial de cada aprendizagem essencial. (idem: 9)

1.2.3. Ensino Básico e Secundário, Cidadania e Desenvolvimento, Enquadramento

Afunilando um pouco a nossa pesquisa, e perante o objetivo de desenvolver o nosso projeto no terceiro ciclo do ensino básico, procuramos então os temas específicos que são apresentados para a disciplina de cidadania e desenvolvimento, de forma a tentarmos encaixar os conteúdos à disciplina curricular em concreto.

A relação entre o indivíduo e o mundo que o rodeia, construída numa dinâmica constante com os espaços físico, social, histórico e cultural, coloca à escola o desafio de assegurar a preparação dos alunos para as múltiplas exigências da sociedade contemporânea. (...) A complexidade e a acelerada transformação que caracterizam a atualidade conduzem, assim, à necessidade do desenvolvimento de competências diversas para o exercício da cidadania democrática, requerendo um papel preponderante por parte da escola. (2016: 1)

Este pressuposto surge logo na Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº46/86 de 14 de outubro), onde encontramos a indicação clara de que *o sistema educativo deverá ser organizado de modo a contribuir para a realização dos alunos, através do pleno desenvolvimento da sua personalidade, atitudes e sentido de cidadania. (...) Deste modo, na Cidadania e Desenvolvimento os professores têm como missão preparar os alunos para a vida, para serem cidadão democráticos, participativos e humanistas, numa época de diversidade social e cultural crescente, no sentido de promover a tolerância e a não discriminação, bem como de suprir os radicalismos violentos. (idem: 2)*

No nosso projeto concreto iremos trabalhar com o 3ºciclo do ensino básico pelo que importa compreender a forma como esta disciplina, Cidadania e Desenvolvimento, que tão bem se ajusta ao mesmo, se organiza. É uma disciplina que pode funcionar numa ótica de organização semestral, anual ou outra e preconiza como aprendizagens esperadas a conceção de cidadania ativa, a identificação de competências essenciais de formação cidadã e a identificação de domínios essenciais.

Os domínios a desenvolver organizam-se em três grupos com distintas implicações:

Num primeiro grupo – Obrigatório para todos os níveis de escolaridade – por se tratar de áreas transversais e longitudinais:

- ✓ Direitos humanos;

- ✓ Igualdade de género;
- ✓ Interculturalidade;
- ✓ Desenvolvimento sustentável;
- ✓ Educação ambiental;
- ✓ Saúde;

Num segundo grupo – trabalhado pelo menos em dois ciclos do ensino básico:

- ✓ Sexualidade;
- ✓ Media;
- ✓ Instituições e participação democrática;
- ✓ Literacia financeira e educação para o consumo;
- ✓ Segurança rodoviária;

Num terceiro grupo – com aplicação opcional em qualquer ano de escolaridade:

- ✓ Empreendedorismo;
- ✓ Mundo do trabalho;
- ✓ Risco;
- ✓ Segurança, defesa e paz,
- ✓ Bem-estar animal;
- ✓ Voluntariado;
- ✓ Outra, de acordo com as necessidades de educação para a cidadania diagnosticadas pela escola.

Os critérios de avaliação para esta componente são definidos pelo Conselho de Turma, devendo considerar-se o impacto da participação dos alunos nas atividades realizadas na escola e na comunidade.

Lemos no documento *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania* (XXI Governo Constitucional) que *o futuro do planeta, em termos sociais e ambientais, depende da formação de cidadãos/dãos com competências e valores não apenas para compreender o mundo que os rodeia, mas também para procurar soluções que contribuam para nos colocar na tora de um desenvolvimento sustentável e inclusivo.* (2017: 3)

Ainda no mesmo documento, é fomentada a ideia de que a Cidadania não é aprendida através do recurso a processos retóricos, mas sim através de processos vivenciais, os quais coloquem os alunos em pleno confronto com os problemas que o rodeiam e sejam convidados a pensar em formas de os ultrapassar, formas estas que passam muito por uma mente

esclarecida e aberta, por uma tomada de posição proactiva e que prevê que todo e cada um de nós é mais do que um ator social, um ator de mudança social.

1.2.4. Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória

Neste documento encontramos a identificação daqueles que são considerados os Princípios que orientam, justificam e dão sentido ao mesmo:

- A. **Base Humanista** – a escola habilita os jovens com saberes e valores para a construção de uma sociedade mais justa, centrada na pessoa, na dignidade humana e na ação sobre o mundo enquanto bem comum a preservar;
- B. **Saber** – o saber está no centro do processo educativo. É responsabilidade da escola desenvolver nos alunos a cultura científica que permite compreender, tomar decisões e intervir sobre as realidades naturais e sociais no mundo. Toda a ação deve ser sustentada por um conhecimento sólido e robusto;
- C. **Aprendizagem** – as aprendizagens são essenciais no processo educativo. A ação educativa promove intencionalmente o desenvolvimento da capacidade de aprender, base da educação e formação ao longo da vida;
- D. **Inclusão** – a escolaridade obrigatória é de e para todos, sendo promotora de equidade e democracia. A escola contemporânea agrega uma diversidade de alunos tanto do ponto de vista socioeconómico e cultural como do ponto de vista cognitivo e motivacional. Todos os alunos têm direito ao acesso e à participação de modo pleno e efetivo em todos os contextos educativos;
- E. **Coerência e flexibilidade** – Garantir o acesso à aprendizagem e à participação dos alunos no seu processo de formação requer uma ação educativa coerente e flexível. É através da gestão flexível do currículo e do trabalho conjuntos dos professores e educadores sobre o currículo que é possível explorar temas diferenciados, trazendo a realidade para o centro das aprendizagens visadas;
- F. **Adaptabilidade e ousadia** – Educar no século XXI exige a perceção de que é fundamental conseguir adaptar-se a novos contextos e novas estruturas, mobilizando as competências, mas também estando preparado para atualizar conhecimento e desempenhar novas funções;
- G. **Sustentabilidade** – a escola contribui para formar nos alunos a consciência de sustentabilidade, um dos maiores desafios do mundo contemporâneo, que consiste no estabelecimento, através da inovação política, ética e científica, de relações de sinergia e simbiose duradouras e seguras entre os sistemas social, económico e tecnológico e o Sistema

Terra, de cujo frágil e complexo equilíbrio depende a continuidade histórica da civilização humana;

H. **Estabilidade** – educar para um perfil de competências alargado requer tempo e persistência. Este documento permite fazer face à evolução em qualquer área do saber e ter estabilidade para que o sistema se adeque e produza efeitos.

Ainda no mesmo documento, encontramos a visão que se pretende incutir neste *Perfil*, a qual transcrevemos, pois parece-nos assentar em boa parte nos mesmos princípios em que assenta a visão que preconizamos em relação ao empreendedorismo e à inovação social, dando ainda mais sentido ao nosso estudo. *Pretende-se que o jovem, à saída da escolaridade obrigatória, seja um cidadão:*

- ✓ *Munido de múltiplas literacias que lhe permitam analisar e questionar criticamente a realidade, avaliar e selecionar a informação, formular hipóteses e tomar decisões fundamentadas no seu dia-a-dia;*
- ✓ *Livre, autónomo, responsável e consciente de si próprio e do mundo que o rodeia;*
- ✓ *Capaz de lidar com a mudança e com a incerteza num mundo em rápida transformação;*
- ✓ *Que reconheça a importância e o desafio oferecidos conjuntamente pelas Artes, pelas Humanidades e pela Ciência e a Tecnologia para a sustentabilidade social, cultural, económica e ambiental de Portugal e do mundo;*
- ✓ *Capaz de pensar crítica e autonomamente, criativo, com competência de trabalho colaborativo e com capacidade de comunicação;*
- ✓ *Apto a continuar a aprendizagem ao longo da vida, como factor decisivo do seu desenvolvimento pessoal e da sua intervenção social;*
- ✓ *Que conheça e respeite os princípios fundamentais da sociedade democrática e os direitos, garantias e liberdades em que esta assenta;*
- ✓ *Que valorize o respeito pela dignidade humana, pelo exercício da cidadania plena, pela solidariedade para com os outros, pela diversidade cultural e pelo debate democrático;*
- ✓ *Que rejeite todas as formas de discriminação e de exclusão social.*

Todas as crianças e jovens devem ser encorajados, nas atividades escolares, a desenvolver e a pôr em prática os valores por que se deve pautar a cultura da escola, a seguir enunciados:

- ✓ **Responsabilidade e integridade** – *respeitar-se a si mesmo e aos outros; saber agir eticamente, consciente da obrigação de responder pelas próprias ações; ponderar as ações próprias e alheias em função do bem comum;*

- ✓ **Excelência e exigência** – Aspirar ao trabalho bem feito, ao rigor e à superação; ser perseverante perante as dificuldades; ter consciência de si e dos outros; ter sensibilidade e ser solidário para com os outros;
- ✓ **Curiosidade, reflexão e inovação** – Querer aprender mais; desenvolver o pensamento reflexivo, crítico e criativo; procurar novas soluções e aplicações;
- ✓ **Cidadania e participação** – Demonstrar respeito pela diversidade humana e cultural e agir de acordo com os princípios dos direitos humanos; negociar a solução de conflitos em prol da solidariedade da sustentabilidade ecológica; ser interventivo, tomando a iniciativa e sendo empreendedor;
- ✓ **Liberdade** – manifestar a autonomia pessoal centrada nos direitos humanos, na democracia, na cidadania, na equidade, no respeito mútuo, na livre escolha e no bem comum. (Despacho nº 9311/2016, de 21 de julho, 2017: 13-17).

1.3. Competências a desenvolver num projeto de empreendedorismo social

Para operacionalizarmos o nosso projeto, recorremos a diversos manuais e guiões, um dos quais fazemos questão de analisar pois promove um importante momento de discussão e leva-nos ao cerne das nossas preocupações. Falamos do “Guião de educação para o empreendedorismo”, de dezembro de 2006, no qual nos é dito que, para as atividades empreendedoras, encontramos dois eixos de atuação: o eixo social e o eixo tecnológico.

No eixo social – referente à dinamização/ participação ativa em projetos ou ações de cariz social – encontramos patente a ideia de que a variedade das ações é inúmera e permitirá adequar os projetos às motivações dos jovens e ao desenvolvimento de vocações, indicando-se no mesmo documento ser este um *terreno privilegiado de educação para a cidadania. Na sua génese está a participação social de forma ativa e a defesa de valores fundamentais das sociedades modernas, como a igualdade de oportunidades e a inclusão social.* (Ministério da Educação, 2006: 14). No eixo tecnológico e científico – dinamização/participação ativa em projetos ou ações de cariz tecnológico e científico, que não a mera utilização das TIC – vemos patente a ideia de que *o desenvolvimento do espírito científico e inovação tecnológica está alinhado com a necessidade de Portugal estruturar o seu tecido económico e científico, sendo, igualmente, um espaço para o desenvolvimento de potencial empreendedor de jovens, pela criatividade, inovação e concretização real/ experimental que lhe são inerentes.* (idem)

É aqui precisamente que entra o nosso projeto. É aqui que temos de operar. Precisamos de mostrar à escola que é capaz de muito mais do que aquilo a que se está a propor. Temos de ser mais ambiciosos.

Todo o caminho está bem feito e o eixo social demonstra que a preocupação existe, mas não podemos apenas esperar que os nossos jovens possam *trabalhar para uma associação sem fins lucrativos (...) para angariar fundos, para conseguir novos associados, para colaborar em ações de sensibilização (...)*. (idem) Estes passos são já importantes mas há que ousar mais, há que pedir mais aos nossos jovens pois serão eles os governantes das organizações de economia social e precisam de olhar desde cedo para elas e para as problemáticas que elas trabalham como algo em que podem trabalhar, conceber e implementar projetos inovadores e sustentáveis, com recurso à ciência, com recurso à tecnologia. Empreender projetos sociais.

1.3.1. Competências-chave para o desenvolvimento de projetos de empreendedorismo social

Integrado na disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, o nosso projeto preconiza uma planificação que é concebida a partir das seguintes competências:

- ✓ Pensamento social crítico – proporcionar aos jovens espaços para pensarem nos problemas sociais que encontram; dar-lhes a possibilidade de apresentarem soluções; explorar essas mesmas soluções;
- ✓ Autoconfiança/assunção de riscos – resolução de dificuldades de forma positiva; demonstrar confiança nas capacidades do jovem;
- ✓ Iniciativa/ energia – propiciar ao jovem a possibilidade de inventariar e escolher métodos e estratégias;
- ✓ Resistência ao fracasso – proporcionar experiências potencialmente geradoras de contrariedades; proporcionar espaços para análise do que corre menos bem;
- ✓ Planeamento/ organização – proporcionar atividades que impliquem decompor uma atividade em partes; proporcionar atividades em que o jovem se vê confrontado com várias solicitações – definir prioridades lógicas;
- ✓ Criatividade/ inovação – proporcionar atividades que impliquem soluções novas e diferentes das tradicionais; promover atividades em que seja necessário colaborar e/ou pedir ajuda a outros.

Trabalharmos estas competências em sala, direcionadas para a inovação social, é entrar num mundo cheio de potencialidades, perspectivado por jovens de uma faixa etária entre os 12 e os 15 anos, este é o desafio, este é o caminho para uma governança sustentável nas organizações de economia social.

O grande objetivo deste trabalho é que ele nos ajude a perceber os princípios na base de projetos e programas de sucesso, promotoras da formação de futuros gestores das organizações de economia social, motivados e esclarecidos.

1.3.2. O empreendedorismo social adaptado ao diploma da flexibilidade e autonomia

A inovação social passa por prototipar projetos educativos impactantes junto das novas gerações e consideramos inegável que o desenvolvimento sustentável nos transporta para níveis de decisão descentralizados, devolvendo a voz aos atores sociais. Assim, o desenvolvimento endógeno apela ao empreendedorismo social e a instituições educativas locais que lancem essas sementes em parceria com associações cooperativas de desenvolvimento económico, social e cultural.

O empreendedorismo social emerge sempre que a sociedade civil se sobrepõe ao Estado na resolução de problemas sociais, na procura de práticas alternativas que respondam às necessidades não atendidas nem pelas estruturas governamentais, nem pelo mercado. Para além disso, pretende responder a problemas sociais de forma inovadora e ainda promover a sustentabilidade das Organizações de Economia Social, com o propósito de cumprir a sua missão social.

Neste projeto aplicado vamos procurar trabalhar com os alunos do 7º e do 8º ano do Agrupamento de Escolas Verde Horizonte, no ano letivo 2019/2020, estimando que iremos trabalhar cerca de 90 alunos. Esta escolha recai no facto de, por um lado, ser no 3º ciclo do ensino básico que os alunos recebem mais estimulação relativamente à sua vocação e, por outro lado, para integrarmos o nosso projeto na Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (Direção-Geral da Educação, 2017: 7):

“Os diferentes domínios da Educação para a Cidadania estão organizados em três grupos com implicações diferenciadas: o primeiro, obrigatório para todos os níveis e ciclos de escolaridade (porque se trata de áreas transversais e longitudinais), o segundo, pelo menos em dois ciclos do ensino básico, o terceiro com aplicação opcional em qualquer ano de escolaridade. 1.º Grupo: Direitos Humanos (civis e políticos, económicos, sociais e culturais e de

solidariedade); Igualdade de Género; Interculturalidade (diversidade cultural e religiosa); Desenvolvimento Sustentável; Educação Ambiental; Saúde (promoção da saúde, saúde pública, alimentação, exercício físico). 2.º Grupo: Sexualidade (diversidade, direitos, saúde sexual e reprodutiva); Media; Instituições e participação democrática. Literacia financeira e educação para o consumo; Segurança rodoviária; Risco. 3.º Grupo: Empreendedorismo (na suas vertentes económica e social); Mundo do Trabalho; Segurança, Defesa e Paz; Bem-estar animal; Voluntariado. Outras (de acordo com as necessidades de educação para a cidadania diagnosticadas pela escola e que se enquadre no conceito de EC proposto pelo Grupo)."

Consideramos, portanto, que o projeto se enquadra perfeitamente no 3º grupo acima indicado e a opção pelos 7º e 8º anos diz respeito ao facto de que estes dois anos estão já abrangidos pelo novo diploma da Autonomia e Flexibilidade Curricular.

Para este fim, criámos todo o programa de empreendedorismo social, assim como todo o material pedagógico a ser utilizado, reajustando sempre que foi necessário, o que aprofundaremos no capítulo seguinte.

A avaliação do impacto da nossa intervenção foi feita através de três questionários e seis entrevistas. Os questionários foram destinados aos alunos antes, durante e depois do projeto e permitiram acompanhar a perceção dos alunos acerca dos seguintes conceitos chave: economia, economia social, empreendedorismo e empreendedorismo social; as entrevistas foram realizadas com os diretores das turmas envolvidas e ainda com o diretor do Agrupamento. Estas permitiram perceber as expectativas e as diferentes perceções que estes seis elementos tiveram da nossa intervenção. De notar que os diretores de turma estiveram sempre presentes nas aulas, pois eram eles os titulares da disciplina e tinham de avaliar os seus alunos no final do período escolar.

Parte II – Projeto de Empreendedorismo Social - Inovação e Governança para a Sustentabilidade das Organizações de Economia Social: educação de jovens empreendedores e dirigentes de projetos sociais

2.1. Caracterização do Município de Mação

Assim como descrito no Plano de Desenvolvimento Estratégico de Mação 2025, o concelho de Mação está organizado em seis freguesias, resultado da união das freguesias da Aboboreira, Mação e Penhascoso ao abrigo da Lei n.º 11-A/2013 de 28 de janeiro. Esta união de freguesias corresponde a um terço do território e concentra mais de metade da população residente num território de baixa densidade, com um modelo de povoamento disperso em que as dinâmicas sociais e funcionais ocorrem, muitas vezes, com os concelhos vizinhos, dada a distância à sede do concelho.

A identidade e as dinâmicas socioeconómicas do concelho de Mação são, inevitavelmente, uma amálgama das características das suas freguesias. As freguesias de Envendos, Amêndoa e Cardigos, onde a população com 65 ou mais anos já representa mais de 40% da população residente, refletem um fenómeno de envelhecimento que, associado, à perda populacional coloca sérios desafios à coesão territorial do concelho.

O emprego gerado pelas atividades ligadas ao setor primário marcam a identidade das freguesias e promoveram a fixação de pessoas, ainda que a tendência atual mostre que o terceiro setor tem vindo a gerar postos de trabalho e em muitos casos já é o principal empregador.

As dificuldades vividas pelas freguesias mais afastadas da sede do concelho sentem-se também na vila de Mação. A perda, ainda que ligeira, de população residente no último período intercensitário e o envelhecimento da população são fenómenos que exigem o envolvimento dos diferentes agentes do território para que possam ser mitigados. (p. 22)

O concelho de Mação caracteriza-se como um território de baixa densidade, partilhando com uma parcela significativa do território nacional um conjunto de condicionantes ao seu desenvolvimento, mas também uma identidade assente na matriz rural das comunidades e na relevância dos recursos naturais nos processos de desenvolvimento. As problemáticas da sustentabilidade demográfica – com a tendência de êxodo da população em idade ativa a refletir-se no envelhecimento e em perdas elevadas de população residente – e

da dispersão do modelo de ocupação territorial – identificam-se em Mação 98 lugares, na sua totalidade com menos de 2000 residentes - influenciam decisivamente a atratividade do território e articulam-se com outras dimensões de baixa densidade económica e institucional. O modelo económico tradicional de Mação assentou na exploração dos recursos florestais e agrícolas, complementado pela transformação industrial de produtos alimentares, com destaque para as carnes e enchidos. A retração da atividade agrícola e florestal e as dificuldades de inserção da produção industrial em mercados globais mais concorrenciais refletem-se na reduzida dimensão da bolsa de emprego concelhia e na crescente preponderância do emprego na esfera da administração local e serviços públicos e sociais e em ofertas relativamente massificadas e/ou desqualificadas nos setores da construção, distribuição e comércio. (Idem, p.23)

Neste quadro, os atores locais identificam como factor crítico de sucesso de qualquer estratégia de desenvolvimento de Mação a orientação da oferta de modalidades profissionalizantes de dupla certificação para as necessidades do tecido empresarial local e para a exploração dos recursos endógenos, evitando duplicações de ofertas e outras ineficiências. Para além dos equipamentos e serviços no domínio da educação, a gestão de outras ofertas sociais, em particular as de apoio à terceira idade, assumem em territórios com as características de Mação uma natureza estratégica.

2.1.2. A economia social em Mação

Num território com estas características, a economia social ocupa um lugar de extrema importância pois por muito bem-intencionados que sejam os serviços públicos, o território não dá tréguas e muito do que se faz é na ótica de que era visível que tinha de ser feito. Ou seja, desde sempre este concelho aprendeu a lidar e gerir os seus problemas, escolhendo frequentemente a via da economia social, pelo seu carácter solidário e altruísta.

Mação conta com um total de 67 associações, 8 Instituições Particulares de Solidariedade Social, 2 Santas Casas da Misericórdia e 14 Cooperativas, o que perfaz 91 Organizações de Economia Social.

A tendência de envelhecimento populacional de comunidades fortemente dependentes de prestações da segurança social e de rendimentos do mercado de trabalho informal, num contexto de retratação das atividades tradicionais e de crise de setores intensivos em mão-de-obra, é apontada pelos atores locais como uma das principais fontes de

focos de carência económica e exclusão social, que exigem respostas de proteção social com uma muito forte participação dos recursos públicos.

O aumento da cobertura do território por equipamentos e serviços de apoio à terceira idade é evidente, ainda mais quando a opção estratégica nos últimos anos foi de criação da oferta junto das comunidades rurais (em oposição a uma estratégia mais centralizadora, de instalação dos equipamentos nos principais polos urbanos), sendo também reconhecida a relevância do terceiro setor como um dos principais em empregadores, muito em particular da população feminina. Ainda assim, registam-se necessidades de articulação entre serviços e de comunicação entre instituições, de construção de ofertas dirigidas a grupos específicos (toxicodependentes, idosos isolados, utentes com dificuldades de mobilidade) e de aplicação continuada das metodologias de deteção precoce de riscos sociais. (Idem, p. 24)

De notar que o município apoia de forma muito expressiva estas organizações, tendo inclusivamente um regulamento de apoio às mesmas, sendo ainda possível constatar, pela leitura das atas de reunião de câmara, várias situações de apoio excecional, o que demonstra a sensibilidade do executivo para a pertinência da ação destas instituições no Concelho.

Estamos, portanto, num território sofrido, que viu a quase totalidade da sua mancha florestal arder entre os anos de 2017 e 2019 e cremos que este projeto faz sentido em qualquer ponto do país, mas Mação, mais do que o berço da mestrandia, é um local ímpar de resiliência e sobrevivência onde é meritório apostar.

2.2. Caracterização do Agrupamento de Escolas Verde Horizonte de Mação

De acordo com o seu texto de apresentação, o Agrupamento de Escolas Verde Horizonte (AEVH) é um espelho do Concelho que o acolhe; os alunos são oriundos de famílias com muito baixo nível socioeconómico, poucos hábitos culturais com reflexos nos percursos escolares.

Dada a sua localização, o Agrupamento tem tido a capacidade de atrair alunos dos vários Concelhos contíguos (Sardoal, Abrantes, Gavião, Vila de Rei e Proença-a-Nova), transformando assim o Agrupamento de Escolas Verde Horizonte num Agrupamento com alunos bastante heterogéneos ao nível das capacidades, das vivências socioculturais e, consequentemente, do sucesso académico.

Também podemos afirmar, com segurança, que alguns Agrupamentos vizinhos, aproveitam esta atração que o Agrupamento exerce para se “libertarem” de alunos um pouco mais difíceis e que o mesmo, muitas vezes conseguindo, acolhê-los com sucesso.

Num Concelho em que a mobilidade é complexa, dada a sua extensão, essa complexidade agrava-se com o alargamento da nossa área de influência.

Desde há alguns anos a esta parte que o Agrupamento faz uma monitorização fina dos resultados com o objetivo de verificar, essencialmente, a qualidade do sucesso escolar dos seus alunos. Nos alunos que fazem todo o seu percurso escolar neste Agrupamento, as taxas de abandono e desistência são nulas no ensino básico e muito residuais no ensino secundário. No entanto, como chega até ao mesmo, vindo de outros agrupamentos, um número significativo de alunos com um histórico de repetências e outros problemas especialmente de ordem familiar e socioeconómica e que, apesar de toda a dedicação e envolvimento, não é possível certificá-los a todos porque alguns não conseguem manter a frequência até final do ciclo.

Como estão, objetiva e claramente, definidos na Visão, Missão e Valores inscritos no Projeto Educativo do Agrupamento a formação científica e técnica são importantes, mas não suficientes. Há uma componente social que não pode ser descurada e que o Agrupamento muito valoriza, realizando, por exemplo, na escola sede reuniões oficiais da Assembleia Municipal, da Câmara Municipal, com a participação, através da presença e intervenção, dos alunos. Possibilita, também, a participação nos projetos “Parlamento dos Jovens”, “Parlamento Europeu dos Jovens”, “Clube de Debates”, etc.

Assim, parece-nos inequívoco que cultiva uma educação para uma cidadania ativa e interessada.

A integração em vários projetos, com envolvimento e responsabilidades diversas, a participação em vários órgãos da escola fazem com que esta dimensão social da educação seja extremamente valorizada pelo que podemos considerar os seus alunos cada vez mais envolvidos e comprometidos.

A formação para a solidariedade é uma preocupação generalizada em todos os anos e ciclos e com um grande impacto na formação dos alunos. O envolvimento em variadíssimos projetos desde a recolha de alimentos para o Banco Alimentar Contra a Fome, ações da CARITAS, campanhas várias, animação de doentes nos três hospitais do Médio Tejo, organização de eventos para ajudar pessoas que necessitam, contribuem e concretizam esta formação para a solidariedade.

O sucesso do percurso escolar de cada aluno depende de uma multiplicidade de factores e agentes. Quanto menores forem os acompanhamentos e compensações externas aos alunos, familiares ou outras, mais decisiva e impactante é a escolaridade, como é o caso de Mação.

É realizada anualmente, pelo Agrupamento, a “Gala da Excelência” onde são reconhecidos e distinguidos com os respetivos prémios os alunos que se distinguiram nas mais diversas áreas. Em cada período também são reconhecidos os melhores desempenhos com os “Prémios de Mérito Contínuo.

O Agrupamento de Escolas Verde Horizonte, como única organização educativa do Concelho, tem uma responsabilidade acrescida, como a maioria dos alunos não têm possibilidades de escolher outra escola a responsabilidade é muito maior e não se fica apenas pelo desempenho, começa logo na oferta educativa.

Para lá de aparecer como parceiro na organização de um conjunto de iniciativas levadas a efeito pelas autarquias (Câmara Municipal e Juntas de Freguesia) disponibiliza instalações, equipamentos e outros recursos a várias estruturas comunitárias como, por exemplo, os laboratórios para desenvolvimento de algumas teses de mestrado ou doutoramento ou as instalações desportivas.

O lançamento anual no mercado de dezenas de profissionais, oriundos da formação vocacionada para a inserção na vida ativa, também tem contribuído para melhorar a qualidade das respostas no Concelho de Mação e na região em áreas como a hotelaria e restauração, mecatrónica automóvel, saúde, informática, estética e outras áreas afins.

A articulação e complementaridade referidas concretizam-se na sequência de uma gestão curricular não solitária, mas solidária, decorrentes de planificações articuladas dos vários intervenientes de anos, ciclos e áreas disciplinares diversas.

A contextualização do currículo é para nós fundamental e tentamos dar todas as condições para que isso aconteça. Sabendo que mais de 90% dos professores não são do Concelho de Mação, em colaboração com a Câmara Municipal, em anos de um número significativo de colocações de professores, realizando uma visita guiada ao Concelho para que estes possam ter um contacto com a realidade local tão precoce e ampla quanto possível.

A participação em feiras de artesanato e gastronomia, visitas de estudo, parcerias com instituições locais fazem com que determinados conteúdos ganhem sentido para os seus alunos já que se concretizam no “seu” mundo.

2.3. O projeto – Planificação

O objetivo primordial deste trabalho é que ele nos ajude a perceber os princípios na base de projetos e programas de sucesso, promotores da formação de futuros gestores das organizações de economia social, motivados e esclarecidos. Para isso, partindo da experiência e formação de base da mestranda criámos todos os materiais pedagógicos aqui apresentados.

Para estruturação do trabalho que desenvolvemos, utilizámos como referenciais teóricos o Manual de Empreendedorismo Social Jovem (2017), da Social SME Academy, assim como o Guião de Educação Para o Empreendedorismo (2006), sob a direção de Luís Capucha.

O projeto contou com 45 minutos semanais por cada turma – na hora destinada à disciplina de Cidadania e Desenvolvimento – o que fez um total de aproximadamente 10 horas de implementação em cada uma das turmas dos 7º e 8º anos. As aulas decorreram todas as semanas entre os meses de setembro a dezembro de 2019, perfazendo cerca de 4 horas e trinta minutos de aulas semanais.

Disponibilizamos no Anexo I a planificação sob a forma de quadro resumo, permitindo uma consulta mais resumida e visualmente mais ilustrativa do encadeamento previsto.

Passamos a apresentar a planificação que serviu de base destas 11 aulas, nomeadamente os objetivos gerais, os objetivos específicos, os conteúdos e as competências que nos propusemos desenvolver:

- As primeiras 4 aulas foram projetadas para atingir o objetivo geral: *sensibilizar os alunos do 3ºciclo do ensino básico para a problemática associada à economia social*. O objetivo específico era *promover/melhorar o conhecimento dos alunos relativamente ao enquadramento e ação das organizações de economia social*. Nestas, os conteúdos a abordar eram a *economia*, a *economia social* e os *atores de economia social*. A competência a desenvolver, para além do evidentemente conhecimento teórico implícito, era o *pensamento social crítico*.
- As 3 aulas seguintes tinham como objetivo geral: *aumentar a perceção dos alunos do 3ºciclo do ensino básico relativamente às valências do conceito de empreendedorismo social*. O objetivo específico era *promover/melhorar o conhecimento dos alunos relativamente às possibilidades abertas pelo empreendedorismo social*. Os conteúdos abordados nesta fase foram o *empreendedorismo*, o *empreendedorismo social*, o *empreendedor social* e a *inovação social*, pretendendo-se desenvolver as seguintes competências: *criatividade/ inovação* e novamente o *pensamento social crítico*.

- As últimas 4 aulas ficaram então destinadas ao objetivo geral: *fazer surgir junto de alunos do 3ºciclo do ensino básico projetos de empreendedorismo social*. O objetivo específico era *promover/propiciar momentos concretos de surgimento/criação de projetos de empreendedorismo social por parte dos alunos*. Nestas aulas os conteúdos passavam essencialmente pela criação de uma ideia de negócio social e as competências que pretendíamos desenvolver eram: *autoconfiança/assunção de riscos, iniciativa/ energia, resistência ao fracasso, planeamento/ organização, criatividade/ inovação e pensamento social crítico*.

A avaliação apresenta-se como um elemento crucial. Para haver inovação social, há impacto social, impacto este que deve ser avaliado pois a avaliação é uma ferramenta fundamental de apoio à gestão.

De acordo com a obra *Overview of Impact Evaluation* (Rogers, 2014: 1), as avaliações do impacto fornecem informações sobre os impactos produzidos numa/ através de uma intervenção, *impacts as positive and negative, primary and secondary long-term effects produced by a development intervention*.

Lemos ainda que a avaliação do impacto pode ser motivada por objetivos formativos (melhorar ou reorientar um programa ou política) ou por objetivos sumativos (dar robustez a decisões sobre a continuação, cessação ou replicação de um determinado programa ou política). *As impact evaluation should only be undertaken when its intended use can be clearly identified and when it is likely to be able to produce useful funding, taking into account the availability of resources and the timing about the programme or policy under investigation*. (Idem: 2)

A avaliação de impacto situa-se essencialmente na relação entre objetivos gerais e objetivos específicos, pelo que o próprio questionário vai buscar à planificação estes objetivos de forma intrínseca, para podermos ousar aferir efetivamente o impacto da nossa ação.

Para isso, especificámos três momentos distintos do projeto para aplicação das escalas de medição do impacto: o questionário de diagnóstico, que nos permitiu medir as ações e sensibilidades dos intervenientes numa fase que antecede a implementação do programa; o questionário de implementação, que foi aplicado a meio do programa para verificar a sua eficácia e ajustar eventuais metodologias; e o questionário final, totalmente vocacionado para uma análise comparativa com o diagnóstico e a fim de medir o impacto do programa.

Todos os questionários tiveram como foco os dois elementos-chave do projeto: economia e empreendedorismo social, como podemos ver em seguida:

IDENTIFICA-TE

Nome:

Localidade onde mora:

Idade:

Sexo:

Ano que frequenta:

VAMOS FALAR DE ECONOMIA SOCIAL

1. Economia é:
2. Economia social é:
3. Um exemplo de economia social que tenho na minha localidade/freguesia é:
4. Onde/através de quem conhecestes essa iniciativa que referiste anteriormente:
5. Empreendedorismo é:
6. Empreendedorismo social é:

O objetivo da integração das questões 3 e 4 prenderam-se com o facto de queremos perceber até que ponto os alunos reconheciam ou não as organizações de economia social que os rodeavam e ainda por que via delas tinham conhecimento.

Destacamos ainda uma particularidade no primeiro questionário, sendo esta a única diferença em relação aos dois seguintes, que é a segunda parte “Vamos conhecer-te um pouco melhor”. Esta secção do questionário serviu para percebermos o “perfil empreendedor” dos alunos que constituem a amostra, para que posteriormente tivéssemos mais dados para análise e discussão de resultados.

VAMOS CONHECER-TE UM POUCO MELHOR

7. Quando tens um problema: (*Motivação*)
 - a) Espero que me digam o que fazer
 - b) Tento encontrar uma solução
 - c) Não faço nada
8. Quando tens uma tarefa: (*Organização*)
 - a) Defino por onde devo começar e cumpro
 - b) Defino por onde devo começar mas nem sempre cumpro
 - c) Espero que me digam o que fazer
9. Quando alguém te pede ajuda: (*Iniciativa*)
 - a) Quero ajudar mas não sei bem como
 - b) Prefiro afastar-me
 - c) Defino como posso ajudar e tento

10. Quando tens de fazer uma pesquisa: (*Curiosidade*)
 - a) Não faço, porque não gosto do tema
 - b) Não faço porque não gosto de pesquisas
 - c) Procuro a informação com os recursos que tiver ao meu alcance
11. Gostas de trabalhar? (*Resiliência*)
 - a) Sim, não tenho outro remédio
 - b) Sim, é bom sentir-me útil
 - c) Não gosto
12. Quando tens de tomar uma decisão: (*Autoconfiança*)
 - a) Peço ajuda para decidir/sou indeciso
 - b) Decido na hora
 - c) Penso sobre como será melhor e/ou peço ajuda no processo de decisão
13. Quando não concordas com os outros: (*Liderança*)
 - a) Digo-lhes por quê
 - b) Depende do assunto
 - c) Não gosto de discordar/não me sinto confortável
14. Quando tens trabalhos em grupo: (*Trabalho em equipa*)
 - a) Faço tudo sozinho, não gosto de trabalhar em grupo
 - b) Distribuo entre todos aquilo que temos de fazer e/ou ajudo a distribuir
 - c) Não faço nada
15. Se algo te corre mal: (*Persistência*)
 - a) Desisto
 - b) Tento de forma diferente
 - c) Insisto da mesma forma
16. Quando vês um problema: (*Criatividade/Inovação*)
 - a) Não faço nada
 - b) Tento pensar numa forma de o ultrapassar que já conheço
 - c) Imagino soluções novas
17. Fazes amigos com facilidade? (*Relações interpessoais*)
 - a) Sim, com toda a gente
 - b) Sim, desde que conheça
 - c) Não faço amigos com facilidade

2.3.1. Da ideia à prática – Planos de aula, materiais pedagógicos utilizados

Vamos agora descrever um pouco mais detalhadamente cada uma das aulas que caracterizaram o nosso projeto. As primeiras sete aulas foram essencialmente teóricas, e iguais para as 5 turmas que constituem a nossa amostra, pelo que apenas na fase final do projeto (criação de uma ideia de negócio social) teremos de diferenciar cada um dos trabalhos desenvolvidos.

A primeira aula serviu para aplicação do questionário de diagnóstico, que incluía a caracterização do “perfil do empreendedor” dos alunos. Nesta, o sumário foi *Preenchimento dos questionários – fase de diagnóstico – relativos ao tema “Empreendedorismo Social” (Projeto)*. Foi uma aula em que o papel da mestrandia passou essencialmente pela leitura em voz alta das perguntas e das respostas, obrigando os alunos a estarem atentos.

Destacamos que na elaboração da secção destinada a apurar o “perfil do empreendedor” do aluno (“Vamos conhecer-te um pouco melhor”), nos preocupámos em não criar uma cadência rítmica nas respostas. Esta preocupação prendeu-se com o facto de que receávamos que os alunos cedessem à tendência da estratégica: a) mais afastado da resposta desejável e c) mais aproximado da mesma, e acabassem por não refletir sobre as questões.

Na segunda aula, primeira de introdução de conhecimentos, o sumário foi *Economia e economia social – definição*. Nesta aula a introdução de novos conceitos foi uma tónica constante. A nossa preocupação foi que os alunos chegassem à definição de economia social por via de uma contextualização lógica. Assim: fizemos uma exploração do conceito de economia, destacando inclusivamente os diferentes setores da atividade económica; em seguida apresentámos um gráfico acerca da evolução destes mesmos setores ao longo dos últimos 60 anos; introduzimos então o conceito de economia social, explorando a sua colocação dentro deste contexto; e finalmente mostrámos-lhes um vídeo que resumia bastante bem aquilo que tinham sido os principais conteúdos desta aula (<https://youtu.be/PpYkR5tC4s4>).

A terceira aula teve como sumário: *o empreendedorismo e o empreendedorismo social: definição. Brainstorming de problemas sociais. Preparação da entrevista ao Presidente da Associação Magalhães*.

A aula começou então com a apresentação da noção de empreendedorismo: como sendo a capacidade de identificar um determinado problema ou lacuna e colmatá-lo(a) através de projetos inovadores e sustentáveis. Esta definição foi explorada para que algumas expressões utilizadas ficassem esclarecidas e fizesse sentido para os alunos.

Seguidamente, passámos para a noção de empreendedorismo social: enquanto querermos provocar um impacto positivo na sociedade. Procurar as lacunas, as falhas de mercado, as áreas negligenciadas, as injustiças e as desigualdades sociais. Criar soluções inovadoras para tentar ultrapassar problemas sociais, mobilizando ideias, capacidades, recursos e arranjos sociais necessários para executar as transformações necessárias e para que elas sejam sustentáveis. Neste passo demorámo-nos um pouco mais na noção de “sustentabilidade” pois é, para nós, um conceito-chave e que desde cedo devia fazer parte do vocabulário dos nossos alunos.

Em seguida, passámos para o “exercício com as mãos”. Neste, cada um foi convidado a escrever um **problema social** numa “mão de papel”, sendo posteriormente todas as mãos recolhidas para dar origem a uma árvore (no quadro) – aqui aproveitámos para utilizar a imagem da “árvore dos problemas” e simultaneamente ficámos desde logo com uma pista acerca daqueles problemas que poderiam mais tarde, turma a turma, estar na base dos seus projetos de empreendedorismo social.

Ainda nesta aula, os alunos realizaram o guião da entrevista ao convidado da aula seguinte, um ator da economia social local. A turma foi dividida em grupos e foi-lhes dado um documento do qual constavam as indicações acerca do que se pretendia que fizessem:

“GUIÃO DA ENTREVISTA AO PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA ASSOCIAÇÃO MAGALHÃES

Francisco Correia

1. Façam uma pergunta em que o enfoque seja a criação da associação. Pode ser quando surgiu a associação?; por que surgiu a associação?; onde surgiu a associação?; como surgiu a associação?... Apenas podem escolher uma opção ou criar outra pergunta.
2. Façam uma pergunta em que o enfoque seja o problema social identificado pela associação. Pode ser qual o problema social que deu origem à vossa criação?; como foram alertados para o problema?; era um problema também vosso ou dos outros?; ainda identificam esse problema?... Apenas podem escolher uma opção ou criar outra pergunta.
3. Façam uma pergunta em que o enfoque sejam os apoios recebidos pela associação. Pode ser os vossos apoios são todos estatais?; já recorreram a fundos comunitários?; pedem apoios a empresas privadas?... Apenas podem escolher uma opção ou criar outra pergunta.
4. Façam uma pergunta em que o enfoque sejam os associados da associação. Pode ser os vossos associados são quantos?; os vossos associados são participativos?; os vossos associados pagam as quotas? o que é preciso para ser associado?... Apenas podem escolher uma opção ou criar outra pergunta.

5. Façam uma pergunta em que o enfoque sejam as atividades da associação. Pode ser quantas atividades têm por ano?; quais as vossas atividades?; quais as atividades mais rentáveis? qual a atividade que lhe deu mais gosto fazer?... Apenas podem escolher uma opção ou criar outra pergunta.

6. Façam uma pergunta em que o enfoque seja o futuro da associação. Pode ser qual a vossa próxima atividade?; acha que a associação vai continuar por quanto tempo?; de futuro acha que será necessário mudar alguma coisa? qual o maior risco no futuro da associação?... Apenas podem escolher uma opção ou criar outra pergunta.

Agora nomeiem de entre vós o ou os porta-vozes que farão as perguntas ao convidado. Pode ser um por pergunta ou o mesmo para todas, ou intercalado. Fica ao vosso critério.”

O objetivo da realização deste guião foi levar os alunos a refletirem acerca dos desafios, acerca das oportunidades, acerca dos problemas e até acerca do futuro das organizações de economia social.

Em resultado deste trabalho de grupo, a mestrandia preparou, antes da quarta aula, o documento final e que serviu efetivamente para que a entrevista fosse realizada, fazendo confluir todas as questões que cada grupo tinha selecionado. Foi necessário, várias vezes, introduzir outra questão que não aquela que um determinado grupo tinha feito, pois chegámos à conclusão que os alunos acabam por ter uma determinada tendência para perguntar a mesma coisa/escolher a mesma pergunta.

Ainda na terceira aula, foi dado aos alunos o “Guião do Empreendedor”. Este documento reunia toda a informação teórica que tinha sido disponibilizada até então e apresentava folhas em branco, que serviriam para que os mesmos fossem planificando nas aulas futuras aquilo que era a sua “ideia de negócio social”.

A quarta aula foi, então, a *realização da entrevista ao Presidente da Direção da Associação Magalhães*. Os alunos que constituem a amostra estiveram extremamente empenhados nesta aula, com uma postura até algumas vezes demasiado séria, tendo sido um momento muito interessante em que pudemos constatar algumas dinâmicas de grupo nomeadamente em termos de iniciativa, liderança e capacidade de comunicação. A transcrição da entrevista que reúne todas as perguntas e respostas dadas pode ser consultada no Anexo II.

A escolha desta organização para fazer parte do nosso projeto teve necessariamente a ver com a curiosidade que notámos logo no primeiro questionário. Os alunos identificavam associações, mas muitos deles achavam que as associações eram apenas cafés ou festas, não

fazendo a ligação com uma causa social. Num concelho com quase 70 associações, achámos que era importante desmistificar esta ideia e aproveitámos a Associação Magalhães por ser destinada à resolução de problemas mais direccionadas para a faixa etária em que se localizam os nossos alunos, fazendo assim mais sentido para eles.

A quinta aula foi destinada à *aplicação do segundo questionário de controlo – economia e empreendedorismo social. Construção da árvore dos problemas – desconstrução do problema social escolhido: indicar as causas e efeitos.*

Como explicitado no sumário, a aula começou com a aplicação do segundo questionário para medição do impacto do projeto junto dos alunos, tal como previsto na planificação.

Seguidamente, passámos para a construção da árvore dos problemas – especificamente para o problema social que por eles foi escolhido. Utilizámos as “mãos” onde tinham escrito um problema social, contabilizámos o problema social mais escolhido em cada turma e identificámos as causas e dos efeitos. Este trabalho levou os alunos a desconstruir o problema e ainda a distinguir as noções de “causas” e “efeitos”, percebendo então de que forma as ações tomam lugar. Neste momento não entrámos ainda em nenhuma ação concreta, mas ficou desde logo definido o problema social que cada turma escolheu, a saber:

- 7ºA – Bullying;
- 7ºB – Aquecimento Global;
- 8ºA – Violência Doméstica;
- 8ºB – Violência Doméstica;
- 8ºC – Aquecimento Global.

Em seguida, foi apresentado aos alunos um pequeno vídeo inspirador daquilo que pode e deve ser o empreendedorismo social.

O vídeo em questão apresenta o simbolismo da mão como força motriz de ação e consequência, levando os alunos a perceber que está nas suas mãos fazer a diferença na sociedade (<https://www.youtube.com/watch?v=aeUQgol7RaQ>).

Seguidamente, passámos para uma exposição teórica acerca das características do empreendedor social, nomeadamente nas competências essenciais que deve ter: como a resiliência para enfrentar o fracasso ou a capacidade de encaixar necessários ajustes aos seus projetos. Esta fase da aula culminou com um pequeno questionário aos alunos. Este questionário levava-os a pensar um pouco acerca das suas características (qualidades e potencialidades), como podemos ver em seguida:

Responde às seguintes perguntas sobre ti mesmo:

- **O que gosto eu de fazer?**

(Gosto de observar. Gosto de dar ideias. Gosto de criar. Gosto de planear. Gosto de executar. Gosto de falar. Gosto de ouvir. Gosto de desenhar. Escolhe e/ou responde de acordo com aquilo que tu efetivamente gostes.)

- **O que sou bom/boa a fazer?**

(Sou bom/boa a ler. Sou bom/boa a dançar. Sou bom/boa a explicar. Sou bom/boa a dar conselhos. Sou bom/boa a ajudar as pessoas. Sou bom/boa a jogar futebol. Sou bom/boa a aprender. Escolhe e/ou responde de acordo com aquilo que tu sentes que és bom/boa.)

- **O que sou não bom/boa a fazer?**

(Não sou bom/boa a ler. Não sou bom/boa a dançar. Não sou a explicar. Não sou bom/boa a dar conselhos. Não sou bom/boa a ajudar as pessoas. Não sou bom/boa a jogar futebol. Não sou bom/boa a aprender. Escolhe e/ou responde de acordo com aquilo que tu sentes que és bom/boa.)

Com este questionário ficámos a conhecer um pouco melhor cada um destes alunos, o que acabou por ser crucial nas aulas futuras, para ajuste dos papéis de cada um nos seus projetos e até enquanto definição de algumas potencialidades. Naturalmente algumas respostas obtidas indicavam gostos ou preferências que dificilmente conseguiríamos ver desenvolvidas neste período de tempo (como jogar futebol ou dançar), mas também isso acabou por ser extremamente importante para podermos gerir a dinâmica da turma na fase em que tivessem de escolher as ações concretas a desenvolver.

Chegados à sexta aula, o sumário foi *construção do modelo de negócio/plano de projeto. Introdução ao conceito de equipa*. Nesta aula pretendemos que os alunos percebessem as várias fases que caracterizam a criação de um modelo de negócio e as principais linhas orientadoras que deviam ser capazes de definir antes da sua implementação.

Destacamos que nesta aula fizemos um pequeno compasso no início, pois apercebemo-nos de que nas respostas dadas ao segundo questionário, o conceito de “inovação” enquanto um elemento fundamental do empreendedorismo social estava ainda muito incipiente.

Assim, começámos a aula com recurso à “história da mosca caída no leite”. Nesta história encontramos uma mosca que tendo caído uma vez num copo de leite, bateu as asas para de lá sair, o que resultou, pois o leite transformou-se em nata e ela pôde soltar-se e sair. A mesma mosca mais tarde caiu num copo de sumo e, embora existisse uma palhinha,

manteve a sua estratégia anterior (não tendo saído pela palhinha) o que acabou por levar ao seu cansaço e, inevitavelmente, fracasso. Com esta história, os alunos entenderam que uma boa solução não deve ser encarada como a única e que é importante que estejamos atentos a todas as envolventes que caracterizam determinado problema. Entenderam ainda que devemos sempre procurar outras soluções, inovar, sair da nossa zona de conforto.

Passado este momento inicial, os alunos foram convidados a assistir a um vídeo acerca do empreendedor: <https://youtu.be/24lyMv6BrbY>. Neste vídeo, são destacados alguns mitos e factos acerca dos objetivos e motivações do empreendedor. A introdução desta temática resultou igualmente da aceção que tivemos, no segundo questionário, que os alunos permaneciam com a ideia de que o empreendedorismo era essencialmente criar lucro, gerar dinheiro, esquecendo muito a motivação mais básica: identificar um problema e ultrapassá-lo.

Em seguida, entrámos na criação do plano de negócio. Atendendo às decisões já tomadas em cada turma, os alunos tiveram de completar o seguinte quadro:

Problema Social	Arquitetura de Solução	Impacto Pretendido
Proposta de Valor	Recursos e Custos	Receitas

Tabela 3 – Exercício "Modelo de Negócio"

Este exercício acabou por ser fundamental para todas as turmas, o que se refletiu em algumas tomadas de decisão no que dizia respeito às iniciativas já definidas.

Na generalidade, esta atividade foi extremamente importante pela exploração de conceitos que permitiu. Mais do que terem um tema, os alunos tiveram agora de pensar: no que queriam efetivamente alcançar (a sua proposta de valor); de que forma iriam alcançar essa proposição (arquitetura de solução); qual o objetivo de cada projeto (impacto pretendido); os recursos e custos que estavam implicados na sua solução; e ainda as receitas previstas. De notar ainda que um novo conceito foi aqui introduzido: o valor imaterial das suas ações. Efetivamente, devido ao tempo e aos recursos disponíveis, todas as turmas chegaram à conclusão que não queriam aferir receitas em termos monetários, mas apenas criar valor

social, ou seja, que as suas iniciativas trouxessem à sociedade um valor acrescido, não medível através de uma escala numérica.

Em termos particulares, como dissemos, este exercício criou um maior balizamento daquilo que seria daqui em diante o projeto de cada turma, denotando-se ajustes significativos nos projetos, resultado da dinâmica e da discussão que se gerou:

- 7ºA – Bullying – Criação do “Correio do Bullying” e do “Concurso de Ideias na Luta Contra o Bullying” (destinado às associações do Concelho);
- 7ºB – Aquecimento Global – Criação do “Blog para apelar às boas práticas que criem impacto na diminuição do aquecimento global”;
- 8ºA – Violência no Namoro – Criação e Exibição de uma peça de teatro ilustrativa/educativa desta problemática;
- 8ºB – Violência contra os Idosos – Luta contra a solidão e isolamento dos idosos do concelho através do envio de cartas;
- 8ºC – Aquecimento global – Reflorestar Mação – ação de sensibilização às Associações do Concelho de Mação.

Como podemos ver, as diferenças são significativas em relação ao momento anterior. Encontramos não apenas mudanças/ajustes aos problemas sociais selecionados, como ainda uma tentativa clara de irem ao encontro das problemáticas locais e do envolvimento de toda uma rede de sinergias que lhes pareceu poder trazer resultados mais expressivos às suas iniciativas.

Foram sem dúvida as aulas mais tensas em cada turma. Os alunos tiveram aqui de se confrontar com toda uma série de questões e problemáticas que não antes lhes tinham ocorrido. De notar que todas as turmas tiveram uma enorme capacidade de adaptação e ajuste à realidade, competências estas cruciais na formação de futuros líderes das organizações de economia social.

Chegados à sétima aula, última da contextualização teórica, o sumário foi *introdução aos conceitos: parcerias, stakeholders, canais de distribuição, marketing e análise SWOT*.

A aula começou com a resposta a algumas perguntas acerca do projeto de turma, às quais ainda não tínhamos respondido:

1. Teremos parceiros?
2. Teremos stakeholders?
3. Quais as atividades a que nos propomos?
4. Quais os canais de distribuição?

5. Receitas (o que vamos vender)?
6. Despesas (quais vão ser os recursos que vamos gastar)?
7. Qual vai ser a nossa estratégia de marketing?

As questões escolhidas serviram para que cada turma entendesse os conceitos e os aplicasse às suas próprias iniciativas e ainda para que os alunos ficassem com todo o percurso de criação de um negócio esclarecido, mesmo que não se aplicasse nalgum detalhe às ações definidas por cada grupo.

Sendo a última aula teórica, quisemos ainda introduzir um elemento de gestão estratégica que devia ficar como ferramental útil em intervenções futuras: a Análise SWOT. A receptividade dos alunos à mesma foi impressionante. Foi um dos exercícios mais estimulantes e em que os alunos participaram de forma mais entusiasta. Foi extremamente recompensante ver a capacidade de encaixe dos alunos aos termos presentes neste exercício (condicionantes internas vs. condicionantes externas), enriqueceu as suas ideias de empreendedorismo social e perceberam que a gestão de uma ideia implica muito mais do que apenas conceber um plano, há que pensar sobre ele, há que ter a capacidade de o explorar.

Chegados à fase final do projeto, em que os alunos tiveram a oportunidade de operacionalizar as suas ideias, é necessário passar a apresentar os sumários de forma diferenciada, pois não foi mais possível manter um sumário uniforme, naturalmente. Assim, estes foram os sumários das diferentes turmas na aula número 8:

Turma	Sumário
7ºA	Introdução ao projeto social da turma: combate ao Bullying – criação da caixa de correio, regras do concurso e da respetiva publicidade.
7ºB	Introdução ao projeto social da turma: aquecimento global - construção das entrevistas, jogos e vídeos.
8ºA	Introdução ao projeto social da turma: combate ao isolamento dos idosos – redação da primeira carta.
8ºB	Introdução ao projeto social da turma: combate à violência doméstica – criação da peça de teatro e da respetiva publicidade.
8ºC	Introdução ao projeto social da turma: combate à desflorestação e apoio à reflorestação. Pesquisa acerca dos elementos que vão constar da nossa carta.

Tabela 4 – Quadro-resumo dos sumários da aula 8 - diferenciação de abordagens

Como é possível verificar, cada aula se tornou distinta nesta fase, tornando-a extremamente exigente. Nesta primeira aula utilizámos as informações recolhidas acerca das qualidades e habilidades dos alunos para os podermos organizar por grupos, distribuir tarefas e desta forma dar início aos trabalhos previstos.

Ainda em resultado desta aula, a mestranda marcou reunião com o Diretor do Agrupamento e com o Presidente da Câmara pois algumas das iniciativas previam: por um lado

o apoio da escola enquanto agente de marketing e até como parceiro de execução – concretamente nos projetos “Correio do Bullying” e “Exibição da Pela de Teatro”; e, por outro lado, a parceria do Município na execução da ação de envio de cartas aos idosos isolados do concelho e ainda como fonte de acesso às moradas/emails das associações do concelho, quer para o projeto do 8ºC (combate à desflorestação e apoio à reflorestação), quer para o projeto do 7ºA (concurso de ideias na luta contra o bullying).

Naturalmente estes passos fariam mais sentido se tidos pelos próprios alunos – executantes das ações – mas perante o contexto muito específico em que nos movimentámos e mediante o factor tempo (de difícil conciliação), acabámos por decidir que seria mais exequível a mestranda mediar o estabelecimento destas parceiras. Todas estas questões foram debatidas com os alunos e negociadas com eles, que sempre entenderam perfeitamente as suas próprias limitações.

As seguintes quatro aulas – tínhamos previsto três, mas sentimos necessidade de realizar uma aula adicional – foram aulas de trabalho intenso, mas muito diversificado, e cujos sumários passamos a apresentar no seguinte quadro-síntese:

Turma Nº do Sumário	7ºA	7ºB	8ºA	8ºB	8ºC
9	Continuação dos procedimentos inerentes ao projeto social da turma – verificação do correio, criação do texto para o blog da turma.	Continuação dos procedimentos no âmbito do projeto social da turma: aquecimento global - construção das entrevistas, jogos e vídeos.	Realização de um texto coletivo para o blog da turma. Criação do email.	Continuação dos procedimentos à criação da peça de teatro e da respetiva publicidade.	Datilografar a carta às associações. Criar o questionário. Criar o email.
10	Continuação dos procedimentos inerentes ao projeto social da turma – verificação do correio, criação do texto para o blog da turma.	Continuação dos procedimentos no âmbito do projeto social da turma: aquecimento global - construção das entrevistas, jogos e vídeos.	Receção das cartas dos idosos. Resposta às mesmas. Manutenção das informações constantes do blog.	Continuação dos procedimentos à criação da peça de teatro e da respetiva publicidade.	Conclusão do trabalho iniciado na última aula. Envio das cartas/email e questionários às associações do concelho de Mação.
11	Continuação dos procedimentos	Continuação dos	Receção das cartas dos	Continuação dos	Conclusão do trabalho

	inerentes ao projeto social da turma – verificação do correio. Atualização do blog.	procedimentos no âmbito do projeto social da turma: aquecimento global - construção das entrevistas, jogos e vídeos. Atualização do blog.	idosos. Resposta às mesmas. Manutenção das informações constantes do blog.	procedimentos à criação da peça de teatro e da respetiva publicidade. Atualização do blog.	iniciado na última aula. Envio das cartas/email e questionários às associações do concelho de Mação. Atualização do blog.
12	Última aula do projeto: Conclusão do trabalho iniciado na última aula. Aplicação do 3ºquestionário.	Última aula do projeto: Conclusão do trabalho iniciado na última aula. Aplicação do 3ºquestionário	Última aula do projeto: Conclusão do trabalho iniciado na última aula. Aplicação do 3ºquestionário.	Última aula do projeto: Exercício de escrita, subordinado ao tema “Violência no namoro”. Aplicação do 3ºquestionário.	Última aula do projeto: Conclusão do trabalho iniciado na última aula. Aplicação do 3ºquestionário.

Tabela 5 - Quadro-resumo das aulas 9 a 12

A ressalva maior que temos de fazer em termos destas últimas quatro aulas tem a ver com um projeto concreto, o da turma 8ºB.

Desde as primeiras aulas, este grupo de alunos mostrou sempre uma sinergia muito particular, aliada a uma sagacidade destacável de qualquer outra turma. Esta sinergia foi sendo gerida pela mestrandia e pela Diretora de Turma. Chegados à 11ª aula, última antes da exibição, foi impossível ultrapassar os comportamentos e atitudes demonstradas por alguns elementos da turma, pelo que a sua iniciativa foi cancelada.

Esta decisão foi discutida e negociada com eles próprios e com o Diretor da Escola, tendo-se concordado que não havia condições para avançar. A iniciativa foi substituída, de forma simbólica, pela redação de um texto subordinado ao tema em apreço, tendo todos os textos sido posteriormente publicados no blog da turma.

É um assunto que aparece mais claramente explicitado no capítulo seguinte, podendo desde já dizer que por uma questão didática e pedagógica a mestrandia e a Diretora de Turma acordaram que talvez ainda executemos a peça, caso os seus comportamentos sigam um caminho desejável, o que já parece estar a acontecer.

Nos restantes projetos, os sumários foram sempre cumpridos com rigor e os alunos mostraram-se extremamente empenhados e envolvidos nas ações que estavam a desencadear, o que também verificaremos mais adiante, concretamente no capítulo destinado às entrevistas com os Diretores de Turma.

Para uma compreensão mais resumida dos projetos acima descritos sugerimos a consulta do Anexo III – Quadro-Resumo das Iniciativas de Empreendedorismo Social.

No final da nossa intervenção fizemos chegar a cada Conselho de Turma, através do seu diretor de turma, um relatório das atividades desenvolvidas, indicando algumas sugestões possíveis de trabalho, com vista à prevista e desejável continuidade dos projetos implementados pelos alunos. Estes relatórios podem ser consultados no Anexo IV – Relatórios para os Conselhos de Turma.

2.4. Resultados da medição do impacto da intervenção

Passamos agora para a medição do impacto do nosso projeto. Esta foi uma fase complexa do mesmo, na medida em que estamos perante noventa e sete alunos, que responderam a três questionários. Cada questionário continha seis perguntas, exceto o primeiro que recolhia ainda informações acerca do perfil empreendedor dos alunos, pelo que ao todos temos em mãos cerca de seis variáveis de análise, com 582 respostas, o que acabou por se tornar num trabalho extremamente exigente.

Antes de mais nada, vamos apresentar a caracterização da nossa amostra:

Quanto ao género, a nossa amostra estava bastante equilibrada pois trabalhámos no total com 97 alunos, dos quais 48 eram do sexo feminino e 49 do sexo masculino. Olhando por anos, no 7º ano, temos uma ligeira superioridade no número de elementos do sexo feminino (22) relativamente ao do sexo masculino (15), mas nada que nos pareça fazer qualquer diferença no trabalho realizado. Já no 8º ano a situação inverte-se, tendo uma amostra de elementos do sexo masculino (34) ligeiramente superior à do sexo feminino (26), mas novamente não nos parece que esta constatação possa ter influenciado os seus desempenhos.

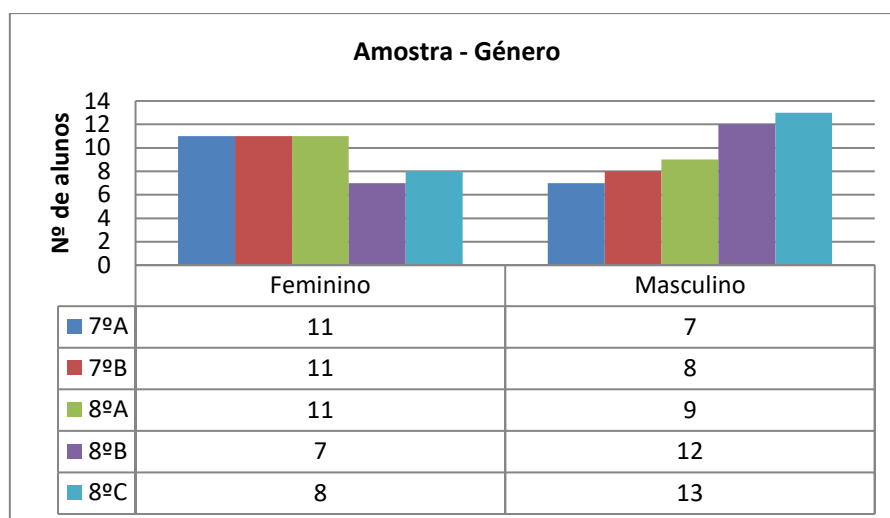


Gráfico 1- Gráfico com Tabela da Amostra "Género"

Quanto à idade, estamos perante uma amostra bastante diversificada pois atendendo a que estamos perante dois anos letivos, as idades compreendidas na amostragem vão desde os 11 aos 16 anos.

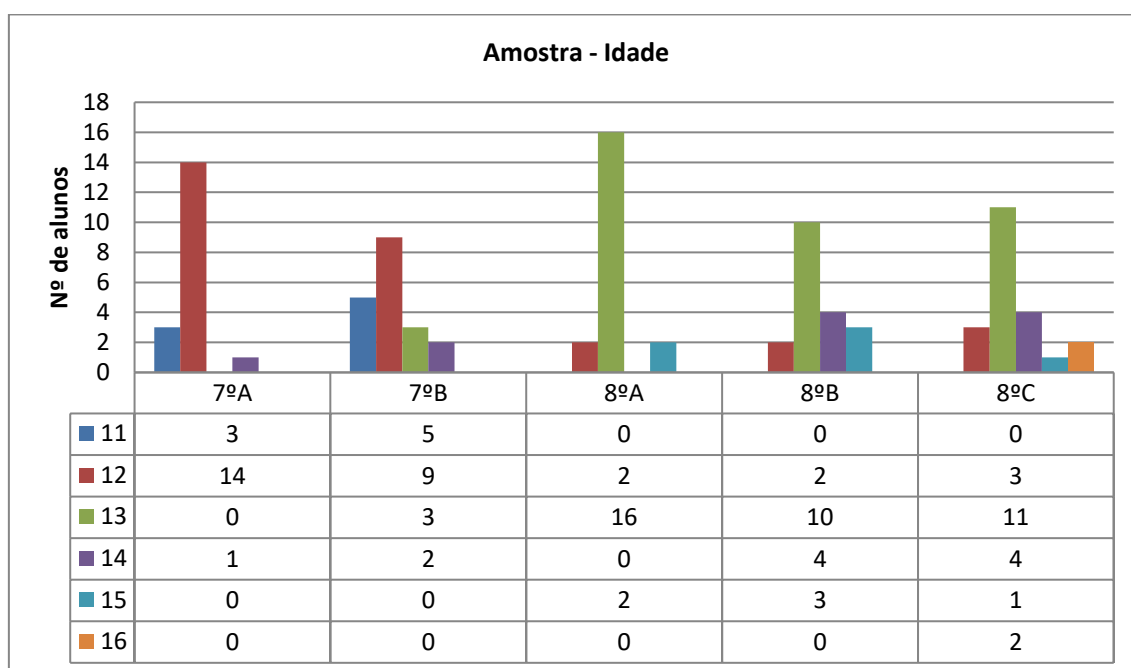


Gráfico 2- Gráfico com Tabela da Amostra "Idade"

Dando um tratamento mais analítico aos dados aqui disponibilizados, verificamos que: no 7º ano temos uma turma – o 7ªA – bastante mais equilibrada em termos de idades do que a outra – o 7ªB. Como pudemos ver na descrição das aulas, a turma A do 7º ano teve um trabalho mais homogéneo em termos das suas iniciativas, sendo mais capazes de criar sinergias e fazer surgir ideias claras e definidas, imbuídas até de alguma maturidade. Já a turma B não conseguiu ser tão assertiva em termos de definição de estratégias, tendo

abraçado uma panóplia bastante diversificada de atividades, tendo acabado por deixar cair algumas delas pela incapacidade temporal de as realizar. Com isto, parece-nos que não sendo um elemento distintivo no trabalho realizado, o facto de haver uma maior/menor equivalência em termos de idades faz com que o trabalho realizado pelos intervenientes seja mais coeso e menos avulso; No 8º ano, voltamos a constatar algum desequilíbrio nas turmas – a turma A tem uma expressiva maioria de alunos com 13 anos, assim como as turmas B e C, no entanto estas duas últimas têm ainda vários elementos com idades diferenciadas que chegam aos 16 anos. Em termos práticos não notámos consequências expressivas nos projetos desenvolvidos, pelo menos que consigamos associar a esta evidência.

Facto é que entre um ano e outro as diferenças acabam sim por ser significativas na tipologia de intervenções que os alunos escolheram realizar. Com isto queremos dizer que ainda que a idade em si não seja determinante em aspetos práticos dos seus trabalhos, certo é que a maturidade dos alunos do 8º relativamente aos de 7º teve repercussão naquilo que decidem fazer, no grau de dificuldade e, até certo ponto, na inovação.

Quanto à proveniência, a pertinência deste assunto na caracterização relacionava-se com o facto de que queríamos aferir se a mesma variável influenciava ou não o tipo de iniciativa desencadeada pelo grupo.

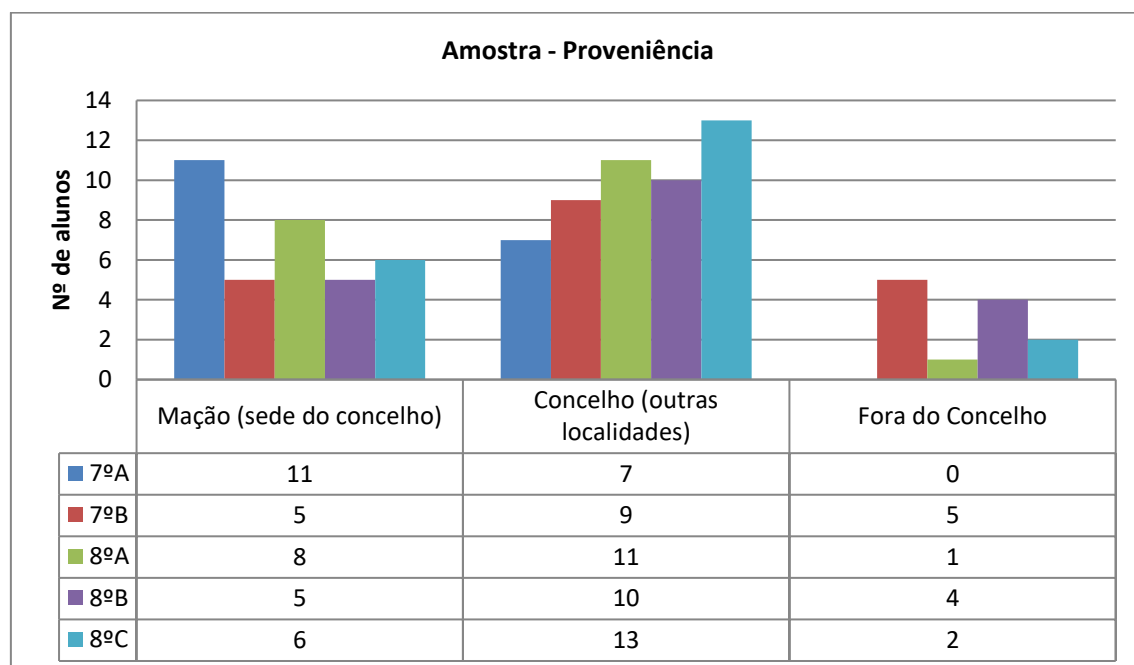


Gráfico 3- Gráfico com Tabela da Amostra "Proveniência"

Olhando para o gráfico acima apresentado, verificamos que, na generalidade, a maioria dos alunos que constituem a amostra (50) são de outras localidades do concelho de Mação, seguidos de 35 alunos da própria União de Freguesias de Mação, Penhascoso e

Aboboreira (freguesia-sede do concelho) e, finalmente, 15 alunos de localidades e concelhos vizinhos (a título de curiosidade a amostra contemplava alunos dos concelhos de Abrantes, Vila de Rei, e Gavião – o que também corresponde a três províncias diferentes – Ribatejo, Beira Baixa e Alto Alentejo).

Na generalidade não cremos que esta variável tenha tido um impacto expressivo na amostra. Por exemplo, as turmas A do 7º ano e C do 8ºano foram aquelas que escolheram incluir nas suas iniciativas as Associações do Concelho de Mação e, no entanto, a turma A tem uma maioria de alunos de Mação, sede do concelho, ao passo que a turma C tem uma maioria de alunos de outras localidades do concelho. Não encontramos, portanto, evidências significativas do efeito desta variável sobre o trabalho desenvolvido, servindo-nos dela apenas a título ilustrativo.

2.4.1. O perfil empreendedor dos alunos

Como já tivemos oportunidade de referir, o objetivo de aplicar esta secção no primeiro questionário foi essencialmente o facto de acharmos que fazia sentido conhecermos as características particulares dos alunos que compõem a nossa amostra, sobretudo em traços distintivos e que acabam por ser fundamentais para uma ação empreendedora.

A primeira característica em estudo foi a motivação. Perguntámos aos alunos o que faziam quando tinham um problema e a resposta foi homogénea. 90 dos 97 alunos responderam “Tento encontrar uma solução.”

A segunda característica era a organização. Perguntámos-lhes o que faziam quando tinham uma tarefa e a resposta mais escolhida – 57 em 97 – foi “Defino por onde devo começar e cumpro.”. Nesta variável gostaríamos de particularizar o facto de que 32 dos alunos que responderam “Defino por onde devo começar mas nem sempre cumpro” pertenciam à Turma B do 8º Ano. Nesta fase do estudo é curioso esta verificação pois foi efetivamente a única turma que não conseguiu levar a cabo a iniciativa prevista por eles próprios.

A terceira característica era a iniciativa. Perguntámos aos alunos o que faziam quando alguém lhes pedia ajuda, tendo a resposta mais escolhida – 53 alunos – sido “Defino como posso ajudar e tento.”. De notar ainda que 26 alunos responderam “Quero ajudar mas não sei bem como” e 18 alunos escolheram a resposta “Prefiro afastar-me” dos quais 14 eram da turma B do 8ºano.

A quarta característica era a curiosidade. Perguntámos aos alunos o que sentiam quando tinham de fazer uma pesquisa, tendo a maioria dos alunos – 89 em 97 – respondido “Procuro a informação”, o que no fundo vai ao encontro de uma característica muito específica dos jovens com as idades compreendidas na nossa amostra.

A quinta característica era a resiliência. Perguntámos-lhes se gostavam de trabalhar e obtivemos respostas muito divididas. 52 dos 97 alunos responderam “Sim, é bom sentir-me útil” contra 40 que escolheram a resposta “Sim, não tenho outro remédio”. Nesta variável gostaríamos de particularizar o facto de que a única turma que escolheu esta resposta em maior número foi o 8ºC, o que poderia significar que em termos práticos teriam mais dificuldades do que os restantes alunos que compõem a amostra em lidar com adversidades ou adaptar-se a mudanças, o que efetivamente não se verificou.

A sexta característica era a autoconfiança. Perguntámos aos alunos o que faziam quando tinham de tomar uma decisão e obtivemos uma maioria de 52 a responder “Penso como será melhor e/ou peço ajuda no processo de decisão”. 25 alunos responderam “Peço ajuda para decidir/sou indeciso” e 14 responderam “Decido na hora”. Destes últimos, à partida mais autoconfiantes, 12 eram do 8º ano, o que poderá ter a ver com a tal maturidade de que falámos no subcapítulo anterior.

A sétima característica era a liderança. Perguntámos-lhes o que faziam quando não concordavam com os outros e obtivemos novamente um resultado equilibrado. 50 dos 97 alunos responderam “Depende do assunto”, contra 43 respostas “Digo-lhes por quê”. Efetivamente este resultado acaba por se ter notado ao longo do projeto pois este equilíbrio acabou por se demonstrar nas próprias aulas e nas atitudes dos nossos alunos.

A oitava característica dizia respeito ao trabalho em equipa. Perguntámos aos alunos o que faziam quando tinham trabalhos em grupo e o resultado obtido é bastante homogéneo. 85 dos 97 alunos responderam “Distribuo entre todos aquilo que temos de fazer e/ou ajudo a distribuir”, o que efetivamente foi uma marca do comportamento geral da amostra, sempre que a necessidade de trabalhar em equipa surgiu.

A nona característica em apreço era a persistência. Perguntámos-lhes o que faziam quando algo lhes corria mal, tendo 80 alunos respondido “Tento de forma diferente”, o que revela grande homogeneidade e demonstra ainda que estamos perante um grupo de alunos que não desistem com facilidade e, sobretudo, que assumem a mudança de estratégia como ponto-chave.

A décima característica era a criatividade/inação. Questionámos os nossos alunos acerca do que faziam quando viam um problema e as respostas dividiram-se. 47 alunos responderam “Tento pensar numa forma diferente de o ultrapassar que já conheço”, 39 responderam “Imagino soluções novas” e 11 escolhem a resposta “Não faço nada”. Esta variável merece uma atenção particular pois acaba por ir ao encontro do que dissemos anteriormente acerca das diferenças que constatamos entre os dois anos em apreço na amostra. Os alunos do 7ºA escolheram, na sua maioria, a resposta “Imagino soluções novas”, contra uma maioria de respostas “Não faço nada” do 7ºB. Como dissemos, denotámos diferenças nos projetos levados a cabo por estas duas turmas e efetivamente voltamos a denotar estas diferenças quer no intervalo etário, quer na perspetiva da criatividade/inação. Ainda de destacar que no 8º ano esta variável apresenta um resultado curioso relativamente àquilo que percecionámos no nosso trabalho com os alunos. Enquanto nas turmas A e C do 8º ano tivemos uma maioria de respostas “Tento pensar numa forma diferente de o ultrapassar que já conheço”, na turma B a resposta mais escolhida foi: “Imagino soluções novas”. Salientamos este resultado pelo facto de efetivamente termos sentido que a turma B do 8ºano previa esta potencialidade pois os alunos demonstravam atitudes consoantes, mas enquanto turma, enquanto uma energia coletiva, não conseguiram transparecer essa característica no projeto a que se propuseram. Naturalmente que a análise destas variáveis não pode particularizar nenhum dos intervenientes, mas enquanto um elemento coletivo, são características que poderão ter sido determinantes para o rumo que uns projetos acabaram por levar em relação a outros. Ou seja, estas análises deixam-nos a pensar que realmente a sinergia de um grupo muda completamente as potencialidades que individualmente o compõem.

Quanto à última característica, relações, questionámos os alunos se faziam amigos com facilidade. Dos 97 alunos, 58 responderam “Sim, com toda a gente”, 26 escolheram a resposta “Sim, desde que conheça” e 13 responderam “Não faço amigos com facilidade”. A particularidade das respostas a esta variável reside no facto de que a maioria de “Não faço amigos com facilidade” foi dada pelo 7º ano, de modo mais notório na turma B – 6 alunos – o que no caso corresponde a quase um terço da totalidade da turma em questão (que tem 19 alunos).

Informamos ainda que todos os gráficos resultantes do apuramento do perfil empreendedor podem ser consultados no Anexo V do presente projeto.

Efetivamente os dados apresentados neste subcapítulo são profundamente discutíveis sob o ponto de vista da pergunta escolhida para aferir uma determinada característica ser ou

não a mais adequada para o efeito, mas achamos ainda assim que, dando margem a possíveis incongruências, é facto que a relação entre as perguntas colocadas e as respostas dadas nos permitem entender um pouco melhor algumas dinâmicas que fomos acompanhando ao longo do projeto e que acabam por contribuir para que as compreendamos e encaixemos.

Para estruturação desta secção do questionário utilizámos como referenciais teóricos o Manual do Empreendedor do IAPMEI e ainda o documento Guião de educação para o empreendedorismo, 2006, do Ministério da Educação.

2.4.2. A aceção dos alunos relativamente aos conceitos chave

Como já tivemos oportunidade de dizer no subcapítulo destinado à planificação, entendemos por conceitos-chave: economia e economia social; empreendedorismo e empreendedorismo social. Assim, estes foram os aspetos privilegiados em termos de medição do impacto da nossa intervenção, nomeadamente analisando a forma como os alunos os percecionam antes, durante e após a mesma.

Para visualização das respostas dadas por todos os alunos ao longo dos três questionários, sugerimos a consulta do Anexo VI.

Em termos práticos, recordamos que estes conceitos foram analisados através de quatro perguntas, que exploraremos de forma sequencial, embora aquelas viessem plasmadas no questionário com a numeração: 1) Economia é...; 2) Economia social é...; 5) Empreendedorismo é...; 6) Empreendedorismo social é... Esta escolha metodológica prendeu-se com o facto de que quisemos naqueles três momentos medir igualmente: 3) Um exemplo de economia social que tenho na minha localidade é...; e 4) Onde/através de quem conheceste a iniciativa que referiste anteriormente? Considerámos que estas duas perguntas, na perspetiva da execução, faziam sentido no enquadramento que aqui descrevemos, mas agora em quadro de análise vamos deixá-las para o final.

Para podermos apreender a existência ou não de alterações na capacidade de entendimentos dos alunos que constituem a nossa amostra no que diz respeito a estes quatro conceitos, utilizámos uma escala de categorização das respostas dadas: 0 – corresponde a respostas visivelmente copiadas e portanto não validadas; 1 – corresponde a respostas que demonstram a incapacidade para definir o conceito; 2 – diz respeito a respostas que demonstram alguma capacidade de definir o conceito, com recurso a definições

imprecisas/incompletas, ou seja, apenas identificam uma característica essencial; e finalmente 3 – que corresponde a definições com recurso a expressões adequadas/precisas/completas.

De notar que, muito embora a preparação subjacente a este estudo seja académica e apoiada num diversificado leque de autores (o que fica ilustrado na fundamentação teórica), as respostas que em seguida apresentamos e a sua validação têm necessariamente a ver com o escalão etário com que trabalhamos e, portanto, não colocámos o mesmo grau de exigência de um estudo feito em níveis de escolaridade superiores.

Para que melhor esclareçamos o leitor acerca da forma como efetivámos esta categorização, e para retirar alguma subjetividade que possamos sempre encontrar no processo de análise das respostas dos alunos, apresentamos o seguinte quadro-síntese, que serviu de base para que pudéssemos ser rigorosos e criteriosos neste processo:

1-Economia é...	2-Economia Social é...	3-Empreendedorismo é...	4-Empreendedorismo Social é...
0- Resposta não validada/cópia	0- Resposta não validada/cópia	0- Resposta não validada/cópia	0- Resposta não validada/cópia
1 – Não consegue definir	1 – Não consegue definir	1 – Não consegue definir	1 – Não consegue definir
2- Identifica uma característica essencial: • Ciência que estuda bens ou serviços • Poupança/Aproveitamento de recursos	2- Identifica uma característica essencial: • Sociedade civil/grupos de pessoas resolve(m) problemas sociais através de iniciativas privadas • São as atividades económicas que não visam apenas o lucro	2 – Identifica uma característica essencial: • É a capacidade de identificar um determinado problema, visando o lucro • Resolver um problema através de projetos inovadores • Resolver um problema através de projetos sustentáveis	3 – Identifica uma característica essencial: • É a capacidade de identificar um determinado problema social, não visando o lucro • Resolver um problema social através de projetos inovadores • Resolver um problema social através de projetos sustentáveis
3 – Todas as anteriores	3 – Todas as anteriores	3 – Todas as anteriores	3 – Todas as anteriores

Tabela 6- Código de categorização das respostas

Começamos então pelo conceito de economia. No primeiro questionário, os resultados mostram que 70 dos 97 alunos respondentes foram capazes de definir este conceito com recurso a expressões incompletas, ou seja, apenas conseguiam identificar uma característica essencial, como por exemplo, “Tem a ver com poupar e gerir dinheiro”. No mesmo momento, 20 dos alunos em análise não conseguem definir (“Os bens e os serviços”, “Juntar dinheiro”), não tendo havido qualquer resposta completa.

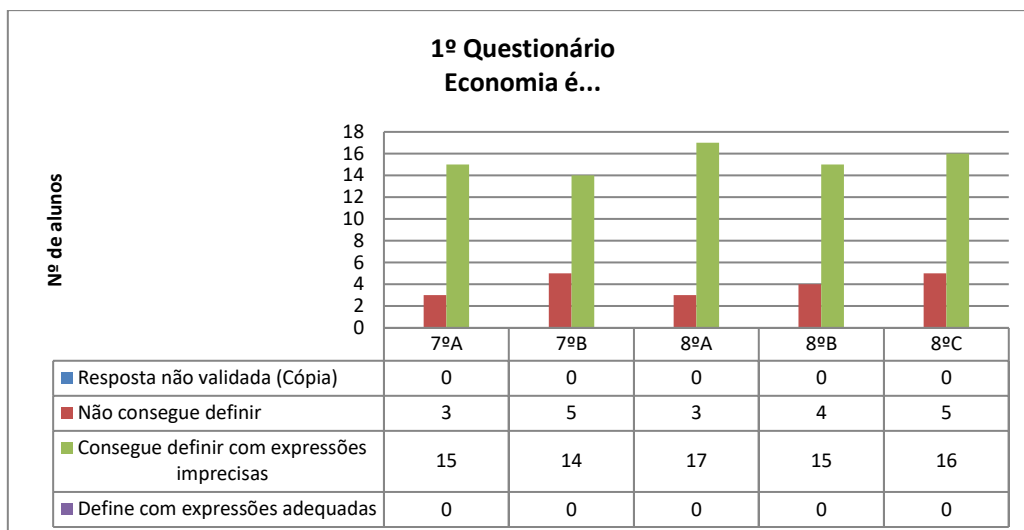


Gráfico 4 - Resultados da resposta à 1ª questão no 1º questionário

No segundo questionário, o mesmo conceito obteve já uma diferente configuração. 65 dos 97 alunos continuaram a ser apenas capazes de identificar uma característica essencial, 15 alunos mantêm a incapacidade para fornecer uma resposta correta e 8 alunos conseguiram já uma resposta completa e de acordo com o pretendido (“Uma ciência que estuda os bens e serviços, que nos ensina a gerir e faz-nos compreender os movimentos financeiros”).

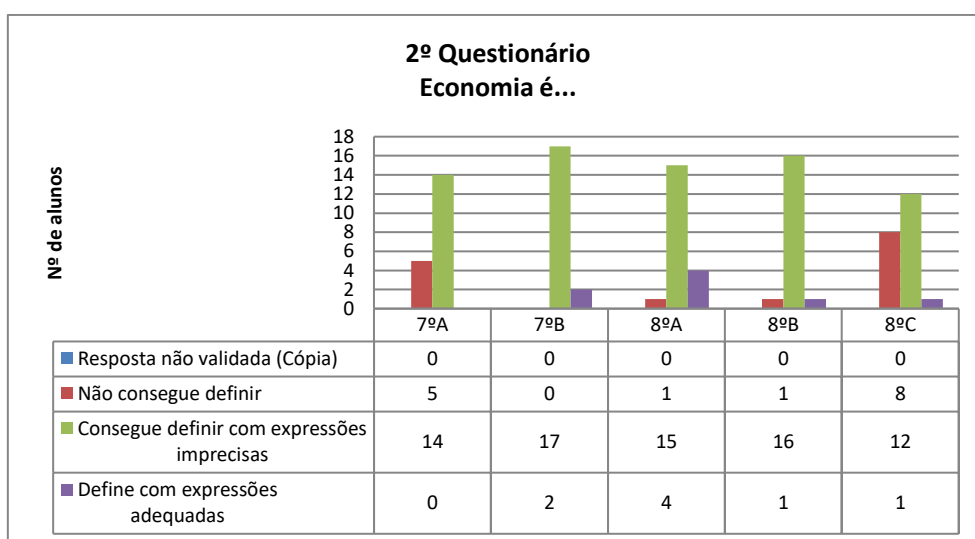


Gráfico 5- Resultados da resposta à 1ª questão no 2º questionário

No último questionário, encontramos 54 respostas incompletas, contra 24 respostas em que não é apresentada uma definição correta e finalmente 17 respostas completas.

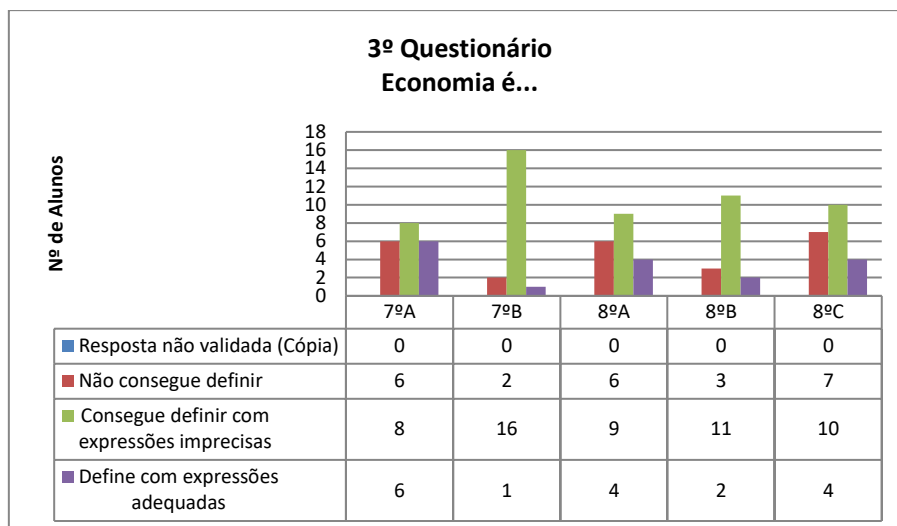


Gráfico 6- Resultados da resposta à 1ª questão no 3º questionário

Como vemos, do primeiro para o segundo questionário encontramos evidências de uma capacidade de definição do conceito melhorada, o que se relaciona com o enquadramento teórico que foi inculcado nas aulas, cujo enfoque era precisamente a compreensão destes conceitos, através da sua ilustração. No terceiro questionário nota-se claramente a evolução do número de respostas completas, mas também é de referir que notamos algum retrocesso no número de respostas incorretas (relativamente ao segundo questionário), o que relacionamos com o facto de que aquele foi realizado numa fase do projeto em que o enfoque estava do lado dos projetos propriamente ditos, ou seja, da prática, o que acaba por ajudar a entender um pouco esta constatação.

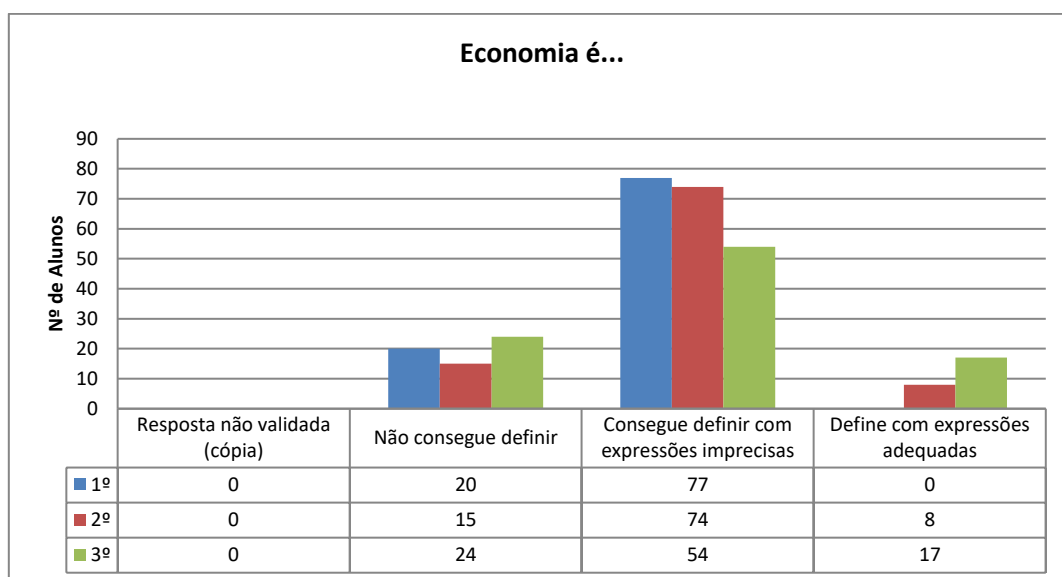


Gráfico 7 - A evolução da resposta à 1ª questão

Quanto ao segundo conceito, economia social, no primeiro questionário 71 dos 97 alunos “Não consegue definir”, sendo a maioria das respostas “Ajudar o planeta” ou “Poupar a sociedade”. É curioso notar que comparativamente à pergunta anterior os resultados neste primeiro momento são praticamente inversos e os restantes 26 alunos apenas apresentam respostas imprecisas/incompletas, como é o caso da seguinte “Uma associação sem fins lucrativos”. De referir que a turma A do 8º ano se destaca neste momento da amostra pelo equilíbrio que consegue entre o número de respostas 1) e 2), que não se verifica nos restantes casos. Acreditamos que este facto se relaciona com alguns aspetos referidos nos subcapítulos anteriores, nomeadamente as métricas relacionadas com a idade e algumas variáveis do perfil do empreendedor, que demonstram que este grupo de alunos tem manifestamente uma homogeneidade que se destaca das outras turmas.

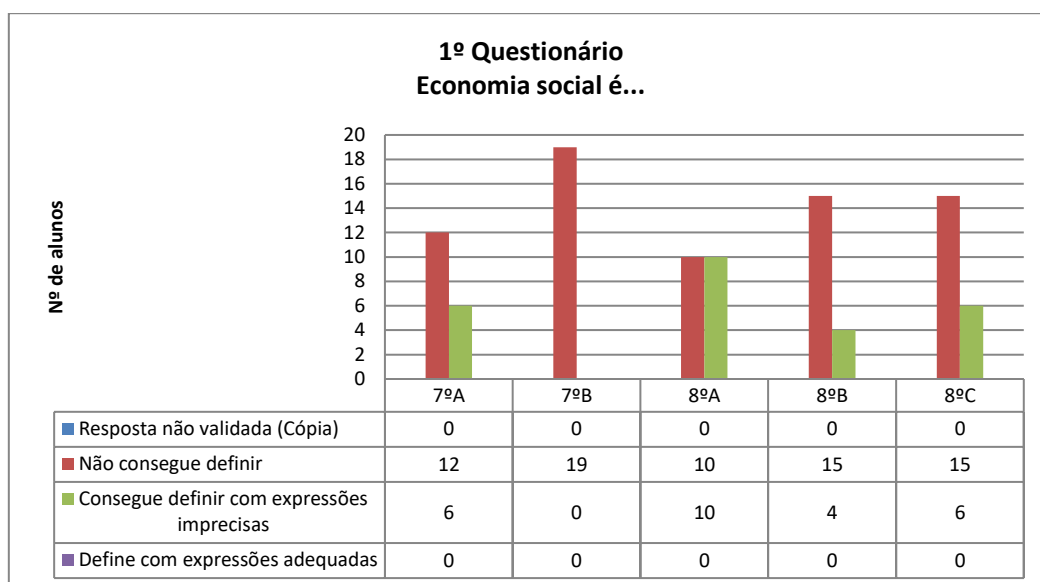


Gráfico 8 - Resultados da resposta à 2ª questão no 1º questionário

Num segundo momento, 51 dos 97 alunos continuam a não conseguir definir economia social, a par de 37 alunos que o conseguem fazer com recurso a expressões imprecisas, e já encontramos 7 alunos capazes de fornecer uma resposta completa, como é o caso da seguinte: “Iniciativas levadas a cabo pela sociedade civil para resolver problemas públicos, sem querer ganhar dinheiro”. Destacamos nesta fase a turma B do 7ºano que apresenta o valor mais alto de respostas completas, o que não conseguimos explicar através de nenhuma variável, mas apenas por ter sido um dos mais empenhados e curiosos grupos nesta fase do projeto.

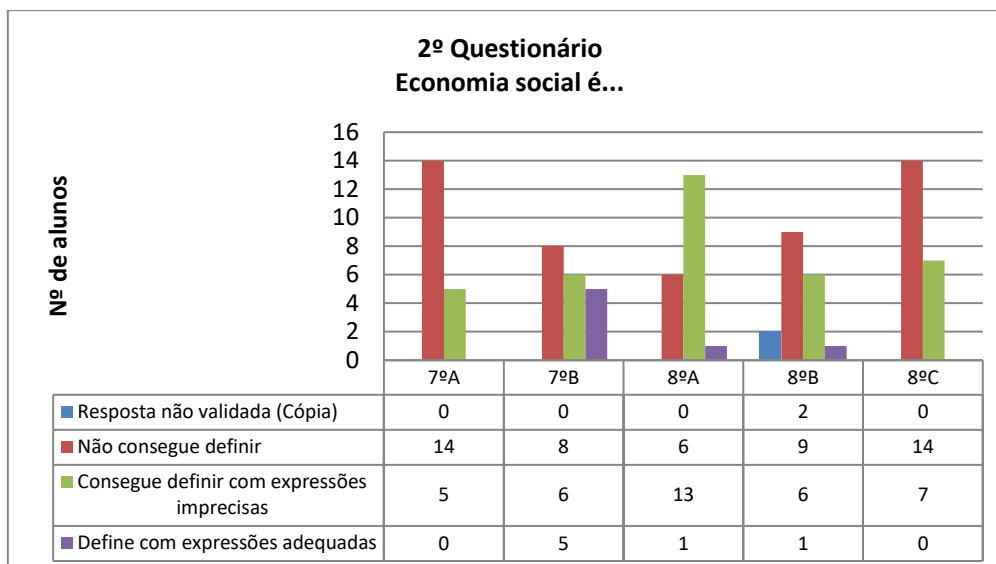


Gráfico 9 - Resultados da resposta à 2ª questão no 2º questionário

Num terceiro momento, encontramos 56 alunos a não conseguir definir o conceito de economia social, contra 23 que já o conseguem fazer, utilizando expressões imprecisas, e 16 alunos conseguem já fornecer uma resposta completa. De notar que: a turma B do 7º ano demonstra uma quebra nos resultados obtidos anteriormente; a turma A do 7ºano mantém-se equilibrada, demonstrando até a evolução mais expressiva em respostas do tipo 3, passando de 0 (num segundo momento) para 7 na fase agora em estudo; na turma A do 8º ano notamos um equilíbrio relativamente àquilo que têm vindo a ser os seus resultados; a turma B do mesmo ano evidencia nesta fase algumas fragilidades. Acreditamos que esta constatação se relaciona com o facto de ter sido precisamente nesta fase que a turma em questão deixou cair a sua iniciativa, o que poderá ter levado a alguma frustração, influenciadora da sua performance; e finalmente a turma C do 8º ano a mostrar uma melhoria significativa em relação aos resultados obtidos no segundo questionário.

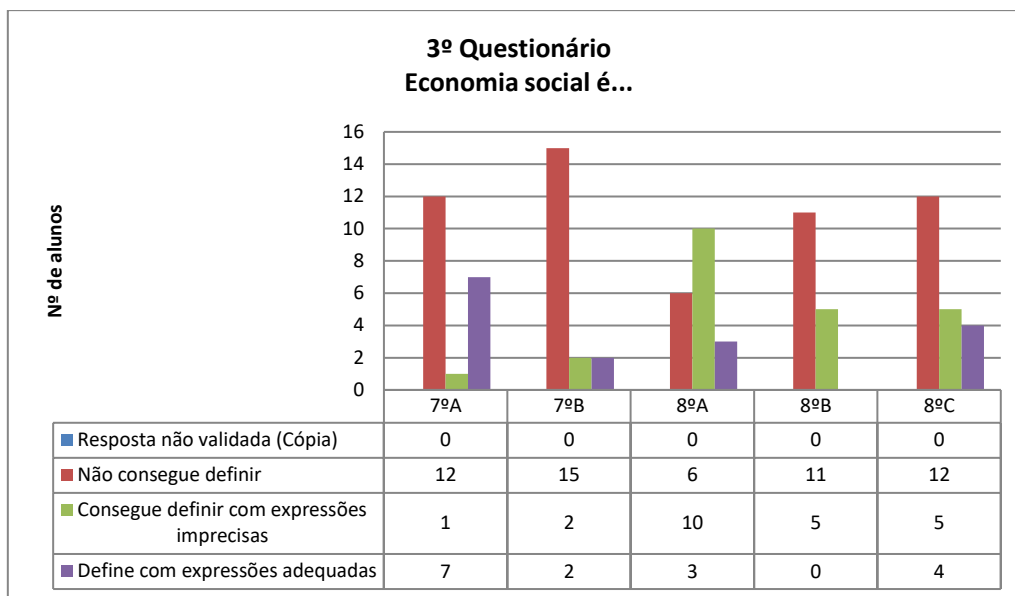


Gráfico 10- Resultados da resposta à 2ª questão no 3º questionário

Em termos de evolução, é visível no primeiro momento de avaliação que este conceito lhes trazia novidade e os colocava perante alguma incapacidade de responder. No segundo momento, verificamos que 20 respostas saíram do âmbito mais negativo para um enquadramento positivo em que já houve capacidade de responder, ainda que com recurso a expressões imprecisas. E finalmente no terceiro momento, destaca-se o aumento de respostas completas que já foi possível encontrar, ilustrativo do impacto do processo educativo a que foram sujeitos.

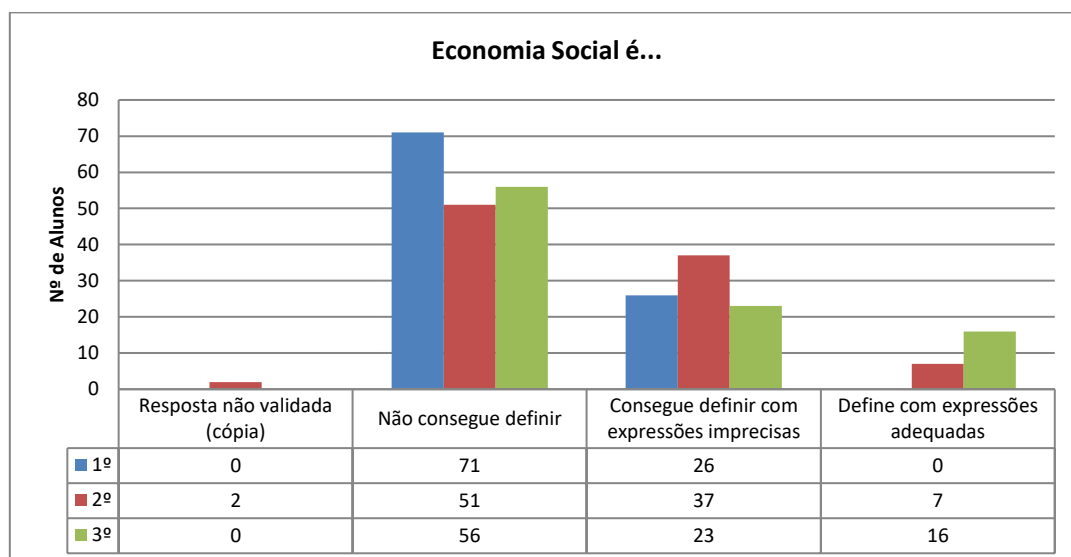


Gráfico 11- A evolução da resposta à 2ª questão

Quanto ao quinto conceito em apreço, “Empreendedorismo é...”, no primeiro momento de avaliação encontramos 69 em 97 alunos que não conseguiram fornecer uma

resposta válida (como é o caso da seguinte “É para ganhar lucro”), seguidos de 22 alunos que fornecem uma resposta com recurso a expressões indefinidas, como é o caso de “Ser capaz de ver um problema e resolvê-lo”. Destacamos neste ponto que é visível a diferença de maturidade entre o 7º e o 8º ano pois: no 7º ano 34 dos 37 alunos não conseguiram definir; ao passo que no 8º ano, 35 em 60 alunos não conseguem igualmente definir, mas encontramos já 19 alunos com respostas imprecisas e 6 que conseguem fornecer uma definição aceitável como correta, “Uma capacidade de identificar um problema e ultrapassá-lo com uma solução nova”.

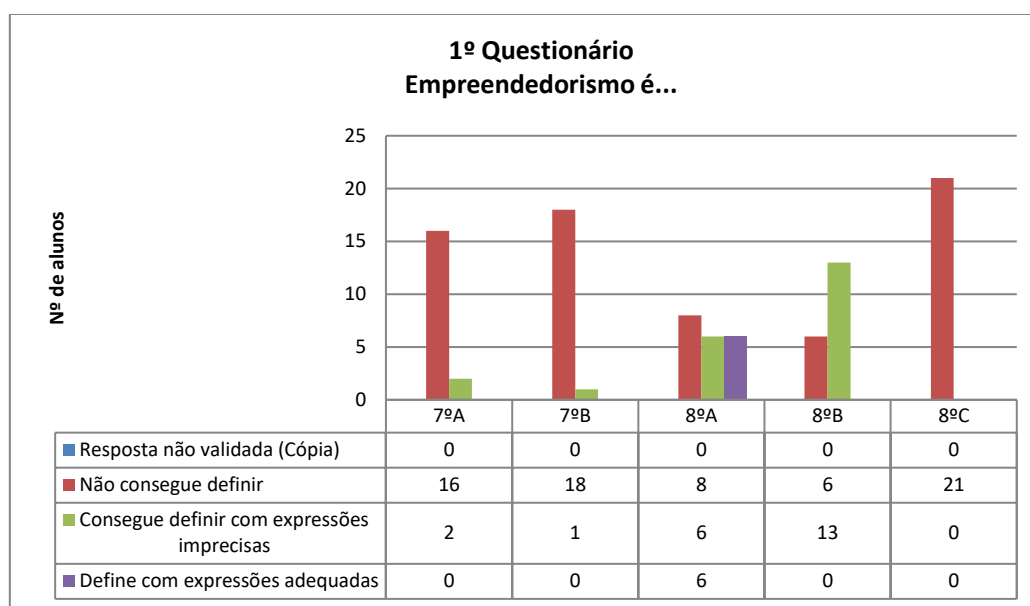


Gráfico 12 - Resultados da resposta à 5ª questão no 1º questionário

No segundo momento de avaliação, encontramos 45 respostas com recurso a expressões imprecisas, a par de 44 alunos que não conseguem efetivamente definir o conceito e novamente 6 alunos fornecem uma resposta adequada. Apontamos aqui a particularidade de que o 8º ano detinha, no primeiro momento, a totalidade das respostas completas (6), passando agora o 7º ano a liderar nesta contagem (4). De qualquer forma, continuamos a notar diferenças meritórias de apontamento no que diz respeito a estes dois anos em apreço pois: no 7º ano, dos 37 alunos, 24 continuaram a não conseguir definir o conceito, contra 10 que definem com recurso a expressões imprecisas e 4 que conseguem definir utilizando expressões adequadas; já no 8º ano, dos 60 alunos, 35 conseguem dar uma resposta ainda que com recurso a expressões imprecisas, a par de 20 alunos que continuaram a não conseguir fornecer uma definição, e 2 a conseguir dar uma resposta completa.

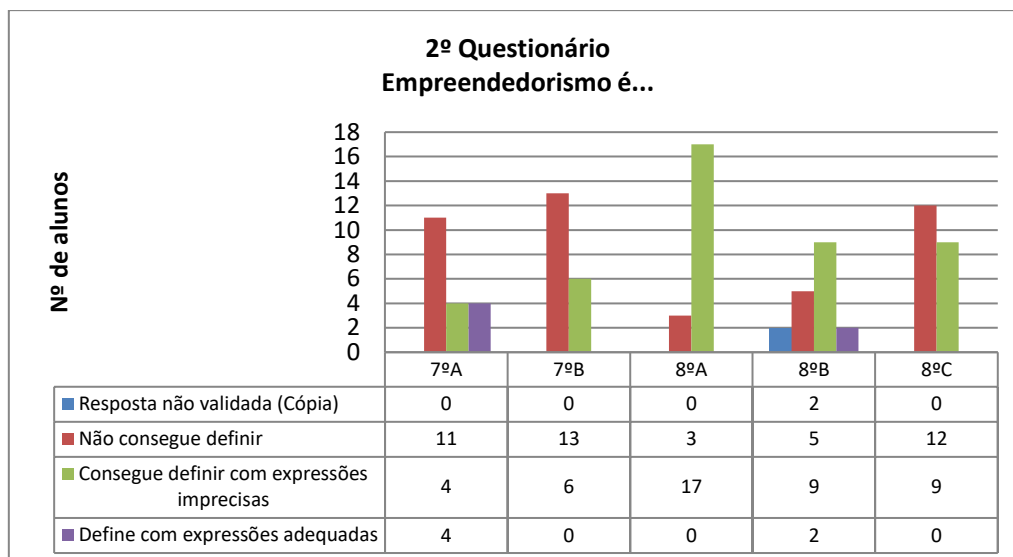


Gráfico 13- Resultados da resposta à 5ª questão no 2º questionário

No último momento de avaliação, encontramos equilíbrio na amostra: 43 alunos conseguem definir utilizando expressões imprecisas (mais 8 em relação ao resultado anterior); 35 alunos não conseguem definir o conceito (menos 9 do que no resultado anterior); e 14 alunos conseguem fornecer uma resposta completa, o que melhora significativamente em relação aos dois momentos anteriores da avaliação.

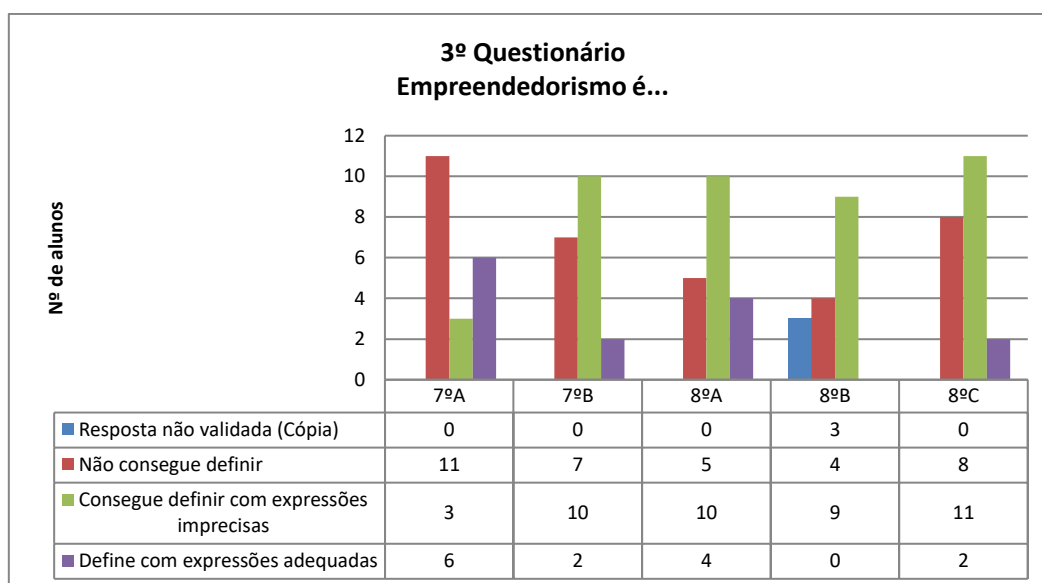


Gráfico 14 - Resultados da resposta à 5ª questão no 3º questionário

Analisando a evolução dos alunos ao longo dos três momentos, constatamos que: no primeiro momento, 71% da amostra não conseguia definir o conceito de empreendedorismo, o que no último momento se manifestou em apenas 36% da amostra; já a capacidade de responder, ainda que com recurso a expressões imprecisas, passou de 22% para 44%; e, finalmente, o número de alunos que conseguiram dar uma resposta completa, passou de 6%

no primeiro momento, a 14% no último. Parece-nos um resultado meritório e que denota o trabalho pedagógico que foi desenvolvido.

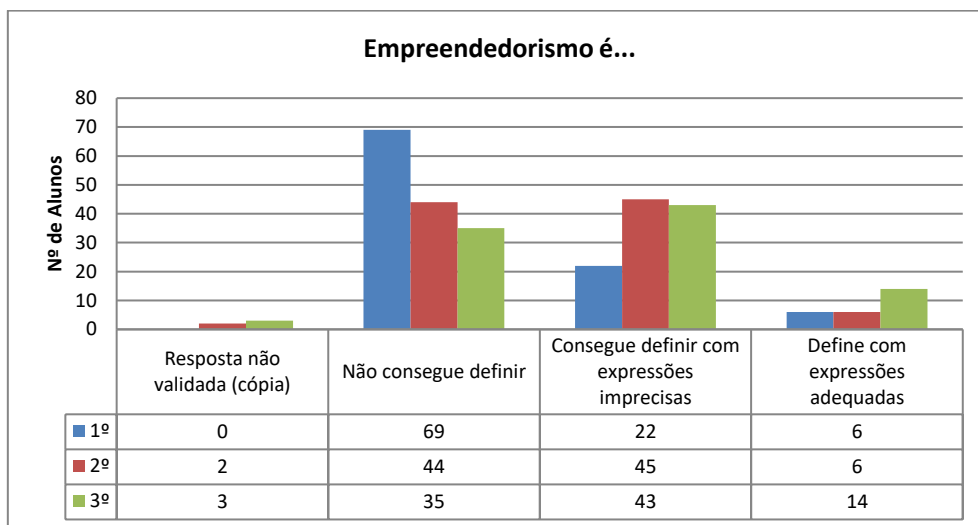


Gráfico 15- A evolução da resposta à 5ª questão

Quanto ao sexto conceito em apreço, “Empreendedorismo social é...”, no primeiro momento de avaliação encontramos 74 em 97 alunos que não conseguiram fornecer uma resposta válida (como é o caso da seguinte “Ajudar quem precisa”), seguidos de 21 alunos que fornecem uma resposta com recurso a expressões indefinidas, como é o caso de “Fazer algo inovador que ajude os outros”. De referir que neste conceito encontrámos já, neste primeiro momento, duas respostas consideradas completas, o que (apesar de ser um número baixo) é significativo dado ser, sem dúvida, o conceito mais difícil de definir devido à complexidade do mesmo (“Ultrapassar um problema social com uma nova solução sem lucros”). Notamos neste ponto, à semelhança de momentos anteriores, que é visível a diferença de maturidade entre o 7º e o 8º ano pois: no 7º ano 34 dos 37 alunos não conseguiram definir; ao passo que no 8º ano, 40 em 60 alunos não conseguem igualmente definir, mas encontramos já 18 alunos com respostas imprecisas e 2 que conseguem fornecer uma definição aceitável como correta.

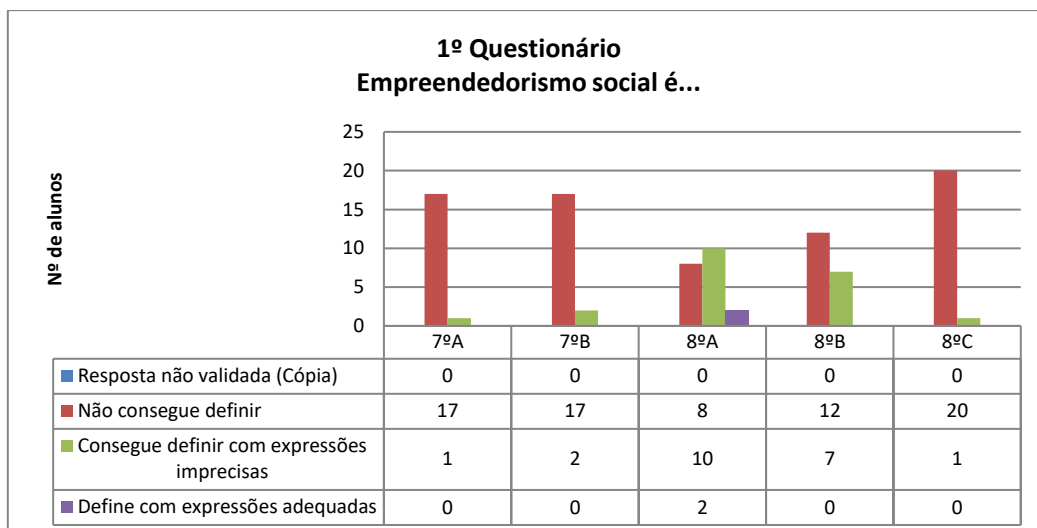


Gráfico 16- Resultados da resposta à 6ª questão no 1º questionário

No segundo momento de avaliação, encontramos ainda uma maioria de alunos que não conseguem definir esse conceito, 57 em 97, a par de 35 alunos que conseguem definir com recurso a expressões imprecisas e 5 alunos a conseguir definir de forma considerada adequada. De notar que estes resultados evidenciam uma grande homogeneidade na evolução dos dois anos letivos em análise, sendo a evolução positiva e equilibrada.

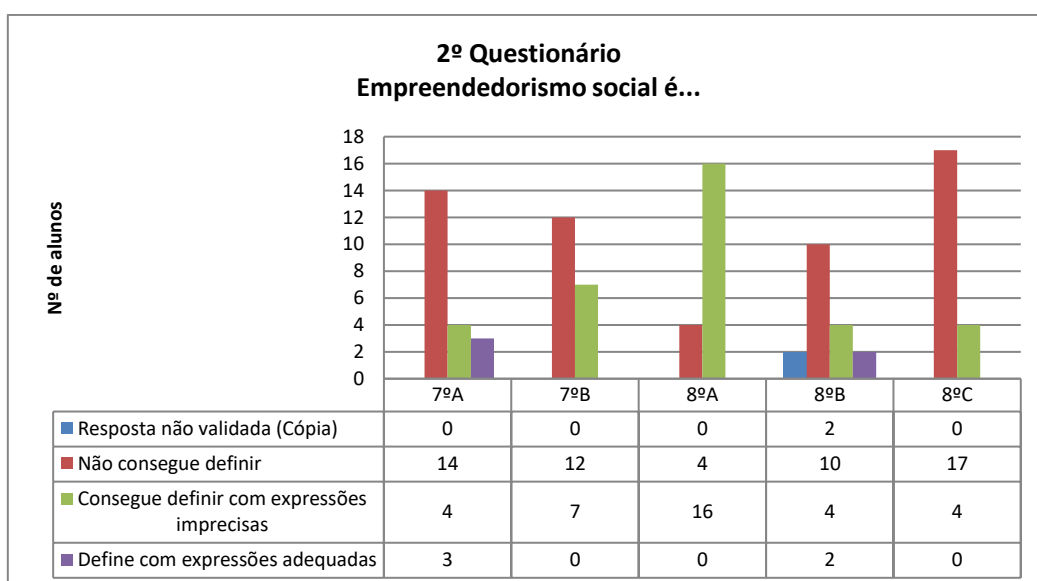


Gráfico 17- Resultados da resposta à 6ª questão no 2º questionário

No terceiro momento da avaliação, os resultados são muito semelhantes àqueles que obtivemos no momento anterior, encontrando 56 alunos que mantêm a incapacidade de definir o conceito, 35 alunos a conseguir defini-lo com recurso a expressões imprecisas e finalmente 4 alunos a conseguirem dar uma resposta completa. À semelhança do conceito anteriormente analisado, acreditamos que esta aparentemente pouco significativa evolução

do segundo para o terceiro questionários se relaciona com o facto de que neste momento do projeto estávamos há já 4 aulas a trabalhar com as iniciativas propriamente ditas, tendo havido algum afastamento do tratamento teórico dos conceitos.

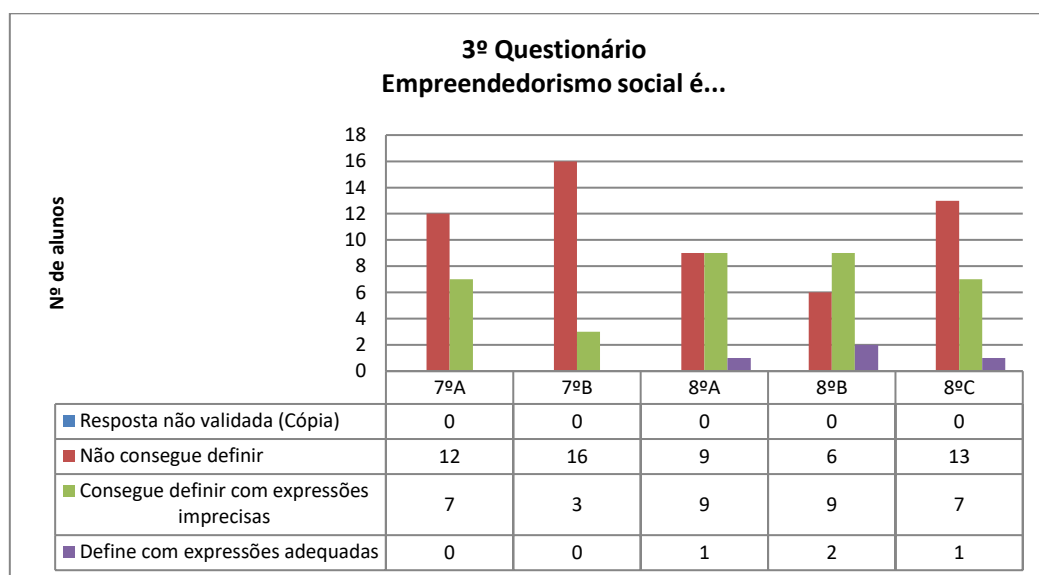


Gráfico 18- Resultados da resposta à 6ª questão no 3º questionário

Analisando a evolução dos alunos ao longo dos três momentos, constatamos que: no primeiro momento, 76% da amostra não conseguia definir o conceito de empreendedorismo social, o que no último momento se manifestou em 57% da amostra; já a capacidade de responder, ainda que com recurso a expressões imprecisas, passou de 21% para 36%; e, finalmente, o número de alunos que conseguiram dar uma resposta completa, passou de 2% no primeiro momento, a 4% no último. Comparativamente aos conceitos anteriormente analisados, notamos que a nossa intervenção tem um impacto generalizado na capacidade dos alunos definirem economia, economia social, empreendedorismo e empreendedorismo social, reconhecendo que este último acaba por lhes trazer maiores dificuldades enquanto conceito a definir, o que portanto pode querer significar que o tempo destinado ao mesmo (em futuras intervenções) tenha de ser maior pois é, efetivamente, um termo mais complexo.

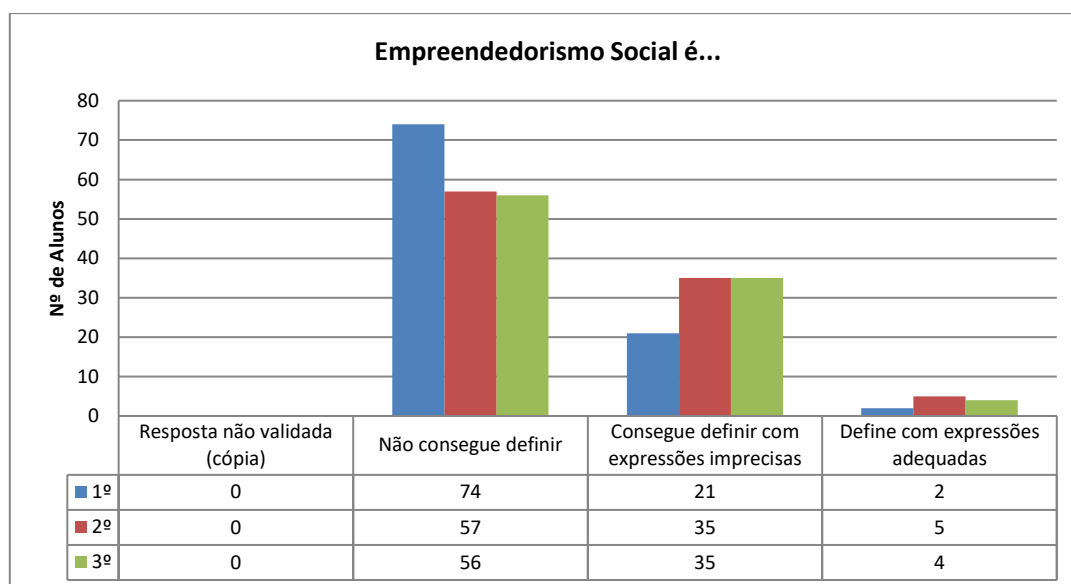


Gráfico 19- A evolução da resposta à 6ª questão

No que diz respeito às restantes duas questões sujeitas a análise: 3) Um exemplo de economia social que tenho na minha localidade é... e 4) Onde/através de quem conheceste a iniciativa que referiste anteriormente?, recordamos que a introdução destas duas questões se prendeu mais com uma perspetiva de análise em que, por um lado, se pretendia verificar a variedade de respostas, ou seja, de organizações de economia social que os alunos conseguiam identificar (e se esta se mantinha ou não ao longo do processo); e, por outro lado, para podermos aferir alguns aspetos relacionados com a forma como conhecem/reconhecem essas organizações.

Os gráficos relacionados com a análise destas duas questões encontram-se em Anexo VII, pois considerámos que a pertinência dos mesmos era acessória relativamente aos anteriores conceitos analisados neste subcapítulo.

Como referido anteriormente, Mação tem cerca de cem organizações de economia social, das quais quase 70 são associações, 8 Instituições Particulares de Solidariedade Social, 2 Santas Casas da Misericórdia e 14 Cooperativas. No primeiro momento de avaliação, a organização mais identificada pelos alunos foi a IPSS/SCM – há qual “carinhosamente” os alunos chamam com frequência “lar”, o que nos levou a ter de juntar as duas variáveis no mesmo indicador pois não nos era possível distinguir com precisão aquilo a que os alunos se queriam referir. Foram portanto 44 em 97 os alunos que deram esta resposta, tendência que se manteve ao longo dos dois momentos seguintes de avaliação. Ainda de referir que a segunda organização mais identificada foi a Associação, 30 alunos no primeiro questionário apresentaram esta resposta, o que se mantém mais ou menos equilibrado até ao terceiro questionário.

Estas foram, portanto, as organizações mais reconhecidas pelos alunos que constituem a nossa amostra, havendo ainda referências aos Bombeiros Voluntários de Mação. Curiosamente apenas 1 aluno referiu Fundação (no primeiro momento) e Cooperativa (no segundo) e é ainda mais merecedor de atenção este facto pela particularidade de não ter sido um aluno do concelho de Mação, mas antes do concelho vizinho, Vila de Rei.

Quanto à questão, 4) Onde/através de quem conheceste a iniciativa que referiste anteriormente?, verificamos que a opção “Pais/Familiares/O Próprio” é sempre a mais escolhida, em qualquer um dos três momentos em apreço. Sendo uma resposta de escrita livre, tal como a anterior, tivemos alguma dificuldade em condensar em variáveis os resultados obtidos, sendo ainda assim de referir que os alunos paulatinamente vão reconhecendo as organizações na sua própria vida. Ou seja, enquanto no primeiro momento, dos alunos que compõem a amostra, apenas 5 especificam que um familiar (normalmente a mãe) trabalha na Instituição por eles referida, este valor aumenta no segundo momento para 9 e volta a aumentar no terceiro momento para 13. Acreditamos, portanto, que o nosso projeto, para além de melhorar o conhecimento dos alunos em relação à economia social, torna-os também mais atentos à sua realidade familiar, acabando por denotar que essas organizações são o emprego de um dos familiares.

2.4.3. As entrevistas com os atores envolvidos (diretores de turma e diretor do agrupamento)

As entrevistas que realizámos a estes atores do processo educativo em que estivemos envolvidos relacionaram-se com o facto de que considerámos esta informação crucial para as conclusões acerca do impacto do projeto. Ou seja, é para nós ponto de honra que o diretor do agrupamento e os diretores das turmas envolvidas tenham uma palavra a dizer. De referir que estas entrevistas foram realizadas no final do mês de Janeiro de 2020, para que as diretoras de turma tivessem já um mês de aulas e pudessem percecionar as mudanças (se as houvesse).

Assim, começando pelos diretores de turma, vamos analisar as respostas dadas às perguntas colocadas:

A primeira de todas procurou aferir as expectativas dos nossos interlocutores quanto ao nosso projeto no âmbito da disciplina de “Cidadania e Desenvolvimento”. As respostas dadas apresentam uma grande uniformidade. Todas as diretoras de turma concordaram que: o projeto foi pertinente, na medida em que esperaram que os alunos aprendessem um pouco mais sobre o tema; acharam-no útil pois o desenvolvimento desta competência

(empreendedorismo) nos alunos era um dos objetivos previstos; consideraram que esta seria uma forma de sensibilizar os alunos para uma tipologia de questões que muitas vezes lhes passam ao lado; consideraram que o empreendedorismo social poderia ser excecional para as vidas futuras dos jovens; e finalmente encontrámos uma resposta muito interessante, na qual a diretora de turma diz que “não tinha grandes expectativas porque descobri que sabia muito pouco sobre empreendedorismo social”.

A segunda questão pretendia aferir quais tinham as suas impressões nomeadamente acerca da reação dos alunos aos temas abordados, visto que tinham acompanhado todos os momentos do mesmo, ao longo das 11/12 aulas. As nossas intervenientes identificam que: a experiência foi muito positiva, o que se refletiu na participação e motivação dos alunos; a forma como os alunos viam as coisas passou a ser diferente; e o facto dos mesmos terem conseguido criar ideias muito interessantes é igualmente apontado como demarcador de uma reação positiva. Há ainda uma resposta que gostaríamos de destacar: proveniente de uma das diretoras de turma do 7º ano, que nos disse que “no início achei que não estavam (motivados) mas depois achei que se envolveram, sobretudo quando passaram a aspetos mais práticos”. O que nos leva a crer que, e juntando esta informação a todas as constatações que já reunimos ao longo deste capítulo, os alunos deste escalão etário estão ainda um pouco imaturos e acabam por se identificar mais facilmente com os temas quando estes assumem uma configuração mais prática e menos teórica, o que poderá ser importante para intervenções futuras.

A terceira questão passou por querer saber as suas impressões quanto à pertinência dos assuntos em foco. Foi novamente opinião unânime que os temas escolhidos ajudaram a despertar a vontade de os alunos serem solidários, assim como foi referido o facto de ser ter conseguido, em alguns casos, um valor local e concelhio, o que acaba por enobrecer ainda mais a iniciativa. Denotámos novamente nas respostas das diretoras de turma do 7º ano a assunção de que, independentemente da pertinência inegável dos assuntos, a metodologia deve ser sempre mais prática para a faixa etária a que se estavam a referir em concreto.

A quarta questão procurava perceber junto das nossas interlocutoras as suas constatações, terminado o projeto. As respostas dadas passaram por: referência ao facto de que os alunos ficaram ansiosos pela continuação dos projetos, na generalidade, e estavam embrenhados no tema pelo que seria bom verem os resultados efetivos da sua ação; e ainda referência ao facto de que os alunos tiveram aqui uma oportunidade de iniciar novos projetos, definir objetivos e delinear uma linha de ação, o que os marca enquanto indivíduos; finalmente, obtivemos uma

resposta que gostaríamos de partilhar, em que nos é dito que “o saber ser na perspetiva deles mudou (...) ficaram com competências que não tinham anteriormente”.

Na quinta questão, perguntámos se os alunos mantinham interesse na iniciativa iniciada durante o projeto. As respostas dadas apresentam algumas diferenças entre o 7º e o 8º ano. As diretoras das turmas de 7ºano não identificaram interesse por parte dos alunos, ainda que admitam que eles têm visitado os respetivos emails criados para o efeito. E as diretoras das turmas de 8º ano indicam que: “os alunos têm perguntado constantemente pelas cartas dos idosos” (caso particular do 8ºA); assim como a diretora da turma C que relatou que os alunos visitam constantemente o email e atualizam a tabelas das associações que se querem associar a eles na sua iniciativa.

A sexta pergunta pretendia perceber se algum/ns professor/es mantêm as iniciativas iniciadas. Em harmonia com o que aferimos na pergunta colocada anteriormente, verificamos que apenas duas turmas – o 8º A e C – têm professores dispostos a continuar a iniciativa, o que acreditamos que também tem a ver com o facto de o entusiasmo destes alunos para com as mesmas ser notório e provocar um certo efeito de contágio.

Finalmente, perguntámos aos diretores de turma se notaram algum impacto do nosso projeto nos alunos e em que termos. As respostas foram globalmente muito positivas: “despertou neles muito entusiasmo e isso repercute-se no trabalho que se desenvolve”; “ficaram conscientes do tema (...) não sabiam muitos dados que lhes foram dados (...) ficaram a conhecer associações que havia na freguesia e no concelho deles”; “gostei sobretudo da forma como lidou com eles, simples, direta, e isso foi produtivo para eles”.

Na globalidade, o resultado da análise destas entrevistas mostra-nos que o projeto fez todo o sentido para estes alunos, denotando-se apenas a necessidade de ajustar um pouco a metodologia ao 7º ano de escolaridade. É também claro que há duas turmas cujas iniciativas tiveram um maior impacto em termos de sustentabilidade, o que é positivo.

Entrevistámos ainda o diretor do agrupamento, como dissemos, ao qual começámos por perguntar como chegou o mesmo às várias distinções em termos de empreendedorismo, recebidas nos últimos anos. O nosso interlocutor explicou-nos que olharam para o empreendedorismo como uma componente importante da formação dos alunos porque remete para algumas dimensões que são essenciais no crescimento de crianças e jovens, que é olhar para um problema e tentar (quando não está disponível à primeira vista a solução) criar essa mesma solução. Tentaram levar os alunos a olhar com uma atenção diferente para a realidade que os envolvia, tentando numa primeira fase identificar problemas e tentar encontrar solução para as mesmas. Foram encontrando problemas e soluções interessantes e

foram ganhando algumas distinções. Foi no fundo, terem “olhado para o empreendedorismo como uma oferta formativa válida para os jovens”.

Seguidamente, questionámo-lo sobre as suas interrogações sobre como o nosso projeto poderia acrescentar valor ao projeto educativo do agrupamento, numa perspetiva pré-intervenção.

A resposta dada indicou que, pela área de trabalho afeta, o agrupamento “ficou rendido pois essa dimensão dá-nos milhentas possibilidades de trabalho a curto e médio prazo”. Foi-nos ainda dito que “Há muita coisa feita na área social, muitas experiências, muitas tentativas, mas há algo que pode ser feito de forma estruturada. A dimensão social tem sido olhada de forma demasiado redutora e o empreendedorismo social vai alargar o leque, vai trazer para esta área social componentes, dimensões, intervenientes, protagonistas que até agora estavam arredados da mesma. O próprio conceito de dimensão ou ação social está-se a alargar de uma forma imensa. As necessidades das pessoas também se estão a alargar. Não precisamos apenas e só de satisfazer as necessidades primárias, mas toda uma dimensão em que este projeto pode interferir. E vi que este projeto poderia trazer essa dimensão para a formação dos nossos alunos”.

Seguidamente, questionámos as suas constatações acerca do mesmo, agora que tinha terminado. A resposta dada indicou que, constatou que se criaram aqui oportunidades de trabalho para os professores, especialmente para os diretores de turma, que acompanharam o projeto, e foi-lhe transmitido que puderam experimentar e criar na cabeça deles algumas ideias de intervenção. “Trouxe uma componente muito importante que foi olhar para esta dimensão em rede, ou seja, como células comunicantes, multidimensionais que nem sempre é fácil ver. E também a possibilidade de os miúdos estarem no contexto em contacto com realidades muito diferentes. Foi o caso da relação dos alunos com os idosos, identificarem as fragilidades deles, ajudarem a atenuar essas fragilidades. Isso é crescer e isso é fantástico”.

Seguidamente, perguntámos se o Sr. Diretor se revia entre aqueles que acusam a atual juventude de manifesta indiferença face aos problemas sociais. A resposta foi imediatamente negativa. Indicou-nos que considerava lógico haver jovens indiferentes mas, na sua opinião, “até que são apenas aparentemente indiferentes. Se conseguirmos ligar o interruptor da atenção e do envolvimento, eles ligam-se. Nós muitas vezes também falhamos e imputamos a responsabilidade aos outros. Muitas vezes andamos à procura das causas do insucesso nos alunos, mas nem sempre as coisas são assim”.

Por último perguntámos se o nosso interlocutor partilhava da visão de que a escola é um espaço potenciador da transformação, contra-hegemónico, com condições para que novos conteúdos em matéria de consciencialização social sejam integrados nos currícula. O mesmo

anuiu dizendo que a escola deve ser um espaço potenciador de aprendizagens que permitam aos alunos criar elasticidade, a escola tem de lhes permitir que desenvolvam competências que os ajudem, por um lado, a se adaptarem à realidade que encontrem e, por outro lado, a agirem sobre ela de forma esclarecida.

Em suma, consideramos a entrevista com o Sr. Diretor, Dr. José António dos Santos Almeida, extremamente importante para a nossa análise, pois acaba por confirmar as nossas expectativas e premissas iniciais: a escola é efetivamente o local onde as mudanças sociais começam e a forma como os alunos nela são tratados, a forma como as suas competências de empreendedorismo social são, ou não, estimuladas, define o modo como posteriormente vão agir como cidadãos e, inevitavelmente, como os futuros gestores das organizações de economia social.

CONCLUSÃO

Atendendo ao facto de que o título do presente projeto aplicado é “Inovação e Governança para a Sustentabilidade das Organizações de Economia Social: educação de jovens empreendedores e dirigentes de projetos sociais”, consideramo-nos satisfeitos com o trabalho realizado pois este projeto aplicado pretendia provar, e provou, que é possível e desejável apostarmos na educação para o empreendedorismo social dos jovens.

A questão de investigação que subjaz a este projeto: “Qual o impacto de um projeto de empreendedorismo social numa escola pública? O caso concreto do Agrupamento de Escolas Verde Horizonte de Mação” ficou respondida:

O impacto é visível nos alunos, que aumentaram de modo significativo as suas aceções acerca dos conceitos chave que pretendíamos alcançar: economia, economia social, empreendedorismo; e empreendedorismo social;

O impacto é visível nos professores, neste caso nos diretores de turma, que assumem que este projeto, além de se ajustar perfeitamente à disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, acrescenta valor aos alunos nele envolvidos: permitindo desenvolver competências; e levando estes alunos a reconhecer de modo mais efetivo as organizações de economia social que os rodeiam;

O impacto é visível junto do Agrupamento de Escolas, pois denotámos o reconhecimento claro em relação ao nosso trabalho, denotámos o efeito positivo do mesmo enquanto, por um lado, oportunidade de oferecer aos alunos uma oferta diferente e, por outro lado, pela mudança social efetiva que acabou por acontecer, nomeadamente na forma como a escola interagiu com públicos com os quais não tinha interações significativas, como é o caso dos idosos e das associações.

O impacto é ainda visível em pontos que nem sequer tínhamos colocado como objetivo: junto dos elementos que acabaram por se tornar parceiros dos nossos alunos, como a Câmara Municipal de Mação, as Associações do Concelho, e os próprios idosos que tomaram parte ativa num dos projetos. Para constatação deste impacto, sugerimos a consulta do Anexo VIII – reação de uma associação ao projeto do 8ºC.

Reconhecemos, contudo, que, em futuras intervenções, é necessário efetuar ajustes relativamente à forma como este tema é abordado. A operacionalização do mesmo tem de respeitar com mais rigor o escalão etário a que se dirige, pois embora tenhamos assumido que

estávamos a trabalhar dentro do mesmo ciclo de estudos, estamos a lidar com idades cujas características mudam de forma muito expressiva, de um ano para o outro, resultado este que acaba por se verificar nas próprias iniciativas levadas a cabo pelos alunos e pelas suas aceções dos conceitos chave. Esta constatação ficou clara em todo o capítulo destinado à avaliação do impacto da nossa intervenção, e foi salientado nas entrevistas com as respetivas diretoras de turma.

O principal obstáculo que verificámos foi o tempo. Para podermos adaptar o nosso projeto à realidade e às exigências do sistema educativo, apenas pudemos utilizar três meses, um período escolar, o que acabou por se demonstrar demasiado curto para o trabalho que entretanto foi iniciado pelos alunos, as suas iniciativas, cujas expetativas acabam por ficar comprometidas pelo facto de terem de avançar para outras temáticas no segundo período. Neste aspeto particular, parece-nos que o empreendedorismo social na disciplina de Cidadania e Desenvolvimento devia ser uma competência transversal a ser desenvolvida, pois consegue adaptar-se à quase totalidade dos temas propostos (como pudemos ver na fundamentação teórica).

Esta sugestão, resultado da análise que fizemos do impacto da nossa intervenção, assume que os alunos são capazes de analisar qualquer tema que lhes seja dado na perspetiva em que o empreendedorismo social os coloca: identificar fragilidades/problemas, sugerir mudanças necessárias, prever ações sustentáveis e inovadoras, definir objetivos, criar redes de parceria, identificar stakeholders. Ou seja, a melhor forma de realmente provocarmos mudança social, através da formação dos futuros gestores das organizações de economia social, passa pela forma como a disciplina de Cidadania e Desenvolvimento está a ser aproveitada. A escola tem já em si todos os recursos de que necessita, apenas não os está a aproveitar da forma mais eficaz.

O novo diploma da Autonomia e Flexibilidade dá efetivamente esta possibilidade às escolas e, portanto, acreditamos que o caminho está traçado e basta sensibilizar os agentes educativos para esta problemática, envolvê-los nesta preocupação, mostrar-lhes a viabilidade das ações acima descritas, torná-los cúmplices destas preocupações.

BIBLIOGRAFIA

ALTER, S.K. (2006). "Social Enterprise Models and Their Mission and Money Relationships" in A. Nicholls (ed.), *Social Entrepreneurship – New models for sustainable Social Change*. Oxford: Oxford University Press.

AUSTIN, J., STEVENSON, H., WEI-SKILLERN, J. (2006) apud PARENTE, C. & QUINTÃO, C. (2014). *Uma abordagem eclética ao empreendedorismo social*. In C. Parente (ed.), *Empreendedorismo Social em Portugal*, Porto: EbookFLUP.

AZEVEDO, J. (2001) *Leitura de síntese: inteligência política, estratégia, mobilização social e realização de compromissos sociais*. CARNEIRO, R. (Dir.) *O futuro da educação em Portugal – tendências e oportunidades: Um estudo de reflexão prospectiva*. Lisboa: Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento. Ministério da Educação

BORZAGA, C., GALERA, G., NOGALES, R. (2008), *Social Enterprise – a new model for poverty reduction and employment generation*, UNDP Regional Bureau, United Nations Development Programme (UNDP) e EMESEuropean Research Network.

DEES, J.G. (2001), *The meaning of "Social Entrepreneurship"*. Consultado online em https://centers.fuqua.duke.edu/case/wp-content/uploads/sites/7/2015/03/Article_Deas_MeaningofSocialEntrepreneurship_2001.pdf.

DEFOURNY, J., DEVELTERE, P. (1999) "Origines et contours de l'économie sociale au Nord et au Sud", em Defourny, J., Develtere, P. E Fonteneau, B. (org.) *L'économie sociale au Nord et au Sud*, Paris, De Boeck Université, 25-56.

LAVILLE, J. (2011) *L'économie solidaire*, Paris: CNRS Éditions.

LIMA, A., SIMÕES, R. (2010). *Teorias clássicas do desenvolvimento regional e suas implicações de política económica: o caso do Brasil*: Revista de Desenvolvimento Económico, 21.

MARTINHO, A., PARENTE, C, SILVA, S. (2014) *És social: guião pedagógico do documentário*. Porto: Ebook Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

MYRDAL, Gunnar. (1957), *Economic Theory and Undeveloped Regions*, London: Methuen & Co.

MURRAY, R.CAULIER-GRICE, J. & MULGAN, G. (2010). *The Open Book of Social Innovation*. London: The Young Foundation.

PACHECO, A. (2016) *Inovação Social em Organizações de Economia Solidária: experiências de Brasil e Portugal*, Lisboa: ISEG (Universidade de Lisboa).

PARENTE, C.; CHAVES, R.; COSTA, D.; SANTOS, M (2011) *Empreendedorismo social: contributos teóricos para a sua definição. XIV Encontro nacional de sociologia industrial, das organizações e do trabalho: emprego e coesão social: da crise de regulação à hegemonia da globalização*. Lisboa.

PARENTE, C. & QUINTÃO, C. (2014). *Uma abordagem ecléctica ao empreendedorismo social*. In C. Parente (ed.), *Empreendedorismo Social em Portugal* , Porto: EbookFLUP.

PERROUX, F. (1977). *Considerações em torno da noção de polo de crescimento*. Belo Horizonte: Revista Brasileira de Estudos Políticos .

ROGERS, P. (2014). *Overview of Impact Evaluation*, Methodological Briefs: Impact Evaluation 1, UNICEF Office of Research, Florence.

ROLDÃO, M. C., PERALTA, H. e MARTINS, I. (2017). *Currículo do Ensino Básico e do Ensino Secundário para a construção de aprendizagens essenciais baseadas no perfil dos alunos*. Lisboa: Direção-Geral da Educação.

YUNUS, M. (2011). *A Empresa Social - A Nova Dimensão do Capitalismo Para Fazer Face às Necessidades mais prementes da Humanidade*. Lisboa: Editorial Presença.

- Legislação/Documentos orientadores

Despacho nº 9311/2016, de 21 de Julho, 2017: 13-17

Diário da República, 2ª série, nº90, 10 de Maio de 2016, Presidência do Conselho de Ministros e Educação; Gabinetes de Secretaria de Estado para a Cidadania e a Igualdade e do Secretário de Estado da Educação; Despacho nº 6173/2016

Ensino Básico e Secundário, Cidadania e Desenvolvimento, Enquadramento, 2016

Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, XXI Governo Constitucional

Guião de Educação Para o Empreendedorismo, direcção de Luís Capucha, Lisboa, 2006

Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº46/86 de 14 de Outubro) in Ensino Básico e Secundário, Cidadania e Desenvolvimento, Enquadramento, 2016

Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (2017), Ministério da Educação

- Outros documentos de suporte

Escola de Economia Solidária (ESOL) in PARENTE, C.; CHAVES, R.; COSTA, D.; SANTOS, M., *Empreendedorismo social: contributos teóricos para a sua definição. XIV Encontro nacional de sociologia industrial, das organizações e do trabalho: emprego e coesão social: da crise de regulação à hegemonia da globalização*. Lisboa, 2011

Estratégia de Lisboa Renovada (2005) in PARENTE, C.; CHAVES, R.; COSTA, D.; SANTOS, M (2011) *Empreendedorismo social: contributos teóricos para a sua definição. XIV Encontro*

nacional de sociologia industrial, das organizações e do trabalho: emprego e coesão social: da crise de regulação à hegemonia da globalização. Lisboa

Guide to Social Innovation, Comissão Europeia, Fevereiro de 2013

Livro Branco, Propostas para fazer da economia social um pilar da União Europeia Social Economy Europe; Alain Coheur (ed.), 2015

Manual do Empreendedor, IAPMEI, [https://www.iapmei.pt/PRODUTOS-E-SERVICOS/Empreendedorismo-Inovacao/Empreendedorismo-\(1\)/DOCS_Emp/ManualEmpreendedor_sd.aspx](https://www.iapmei.pt/PRODUTOS-E-SERVICOS/Empreendedorismo-Inovacao/Empreendedorismo-(1)/DOCS_Emp/ManualEmpreendedor_sd.aspx), 10/08/2019, 14.36

Manual do Empreendedorismo Social Jovem, Social SME Academy, 2017

Plano de desenvolvimento estratégico de Mação – 2025, Fevereiro de 2016, Promotor Câmara Municipal de Mação, retirado de http://www.cm-macao.pt/images/PLANO/P3_PDE.pdf, 14/02/2020, 22:01

Texto de Apresentação do Agrupamento de Escolas Verde Horizonte de mação, Novembro de 2016, retirado de http://www.verdehorizonte.net/wa_files/01Texto_20de_20apresenta_C3_A7_C3_A3o_20do_20Agrupamento.pdf, 15/12/2019, 10:05

ANEXO I – PLANIFICAÇÃO DO PROJETO

Objetivos Gerais	Objetivos específicos	Conteúdos	Competências	Ações	Duração
✓ Sensibilizar os alunos do 3ºciclo do ensino básico para a problemática associada à economia social	✓ Promover/melhorar o conhecimento dos alunos relativamente ao enquadramento e ação das organizações de economia social	✓ Economia ✓ Economia social ✓ Atores de economia social	✓ Pensamento social crítico	✓ Questionário ✓ Exposição ✓ Jogo ✓ Convidados	4*45 minutos
✓ Aumentar a perceção dos alunos do 3ºciclo do ensino básico relativamente às valências do conceito de empreendedorismo social	✓ Promover/melhorar o conhecimento dos alunos relativamente às possibilidades abertas pelo empreendedorismo social	✓ Empreendedorismo ✓ Empreendedorismo social ✓ Empreendedor Social ✓ Inovação Social	✓ Criatividade/ inovação ✓ Pensamento social crítico	✓ Exposição ✓ Jogo ✓ Questionário	3*45 minutos
✓ Fazer surgir junto de alunos do 3ºciclo do ensino básico projetos de empreendedorismo social	✓ Promover/propiciar momentos concretos de surgimento/criação de projetos de empreendedorismo social por parte dos alunos	✓ Criar uma ideia de projeto	✓ Autoconfiança/assunção de riscos ✓ Iniciativa/ energia ✓ Resistência ao fracasso ✓ Planeamento/ organização ✓ Criatividade/ inovação ✓ Pensamento social crítico	✓ Atividade “role play” ✓ Questionário	4*45 minutos

Tabela 7 - Planificação do Projeto

ANEXO II – ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA ASSOCIAÇÃO “MAGALHÃES”

1. Porque surgiu a Associação Magalhães?

A associação surgiu do facto de que nos apercebemos enquanto grupo de amigos que aquela dinâmica que existia entre nós fazia falta no concelho de Mação. Não havia uma associação que proporcionasse aos jovens momentos para eles.

2. Onde e quando surgiu a Associação?

A Associação (oficialmente) surgiu em 2015, dia 19 de março. A ideia surgiu de um jantar de Natal em 2009 que o tal grupo de amigos costumava realizar.

3. Foi difícil criar a Associação?

Sim, não posso dizer que tenha sido fácil. No dia 4 de julho de 2014 decorreu a 1ª Assembleia Geral e só passado 8 meses é que a Associação foi oficializada pelo Registo Civil de Castelo Branco. Atualmente há já formas diferentes de constituir, mas na altura, estávamos precisamente numa fase de transição e todos os procedimentos acabaram sim por levar algum tempo.

4. De onde veio o nome Magalhães?

Nós basicamente olhámos para os fundadores e pensámos que seria giro utilizar um sobrenome que nenhum de nós tivéssemos e o apelido Magalhães pareceu-nos soar bem e ficou.

5. Qual foi a primeira atividade da Associação?

A primeira atividade da associação foi uma Semana Académica e da Juventude (SAJ) pequenina, em 2013, realizada no Pavilhão de Penhascoso e o dinheiro angariado nessa atividade foi para ajudar um menino carenciado do nosso concelho que precisava de adquirir uma cadeira de rodas, salvo erro.

6. Foi sempre Presidente ou ocupou outros cargos na Associação?

De 2014 a 2018 fui Presidente da Assembleia Geral. Desde então, portanto apenas há um ano, ocupo o lugar de Presidente da Direção.

7. Qual o problema social que deu origem à vossa associação?

Como penso que já referi, o problema social foi em boa medida o facto de não existir no nosso concelho eventos específicos para e com jovens, naturalmente aquela situação da angariação de dinheiro para ajudar o menino espoletou o resto do mecanismo que depois nos levou a acreditar que poderíamos fazer ainda mais.

8. Há outros problemas no concelho que gostaria de combater com a associação?

Sim, naturalmente há toda uma série de coisas que gostaríamos de ajudar a resolver mas vamos tentando andar com pequenos passos, mas firmes e decididos, para também não atropelar outras associações e outras entidades.

9. Qual o maior desafio de trabalhar com jovens?

O maior desafio é mesmo cativá-los. Ir ao encontro dos seus gostos. Fazer com que as coisas resultem e façam sentido e sobretudo levar as pessoas a perceberem que podem e devem ser mais ativas, mais participativas.

10. Qual o maior problema que tiveram até hoje?

Bem eu só posso falar de há um ano para cá e realmente o maior problema foi a greve dos combustíveis em Abril deste ano e que nos inibia o abastecimento da SAJ. Foi uma preocupação enorme e que felizmente acabou por se resolver.

11. Já recorreram a fundos comunitários?

Não, nunca recorremos.

12. Pedem apoios a empresas privadas?

Pedimos, esses apoios são muito importantes e constituem depois aquilo que vocês conhecem como patrocínios. Realmente sem esses contributos, que podem ser dinheiro ou bens/descontos, fazem toda a diferença.

13. Os vossos apoios são todos estatais?

Não, mas são uma fatia crucial sem dúvida nenhuma. Sem o apoio da Câmara Municipal de Mação e da União de Freguesias de Mação, Penhascoso e Aboboreira algumas atividades, como a SAJ, corriam mesmo sérios riscos ou pelo menos ficavam altamente comprometidas.

14. As pessoas que colaboram nos eventos, cobram?

Não. Muitos são associados, outros não são. Alguns são outras associações. Certo é que são todos voluntários e aliás se assim não fosse as coisas ficavam muito complicadas.

15. Quando organizam uma atividade fazem os cálculos dos apoios que precisam?

Sim, claro. Temos necessariamente de fazer um orçamento de forma a nos permitir a negociação. Temos de estimar/calcular o dinheiro que vamos gastar e o que prevemos conseguir para que não corramos o risco de não conseguirmos o equilíbrio desejado.

16. Os vossos associados são quantos?

Somos mais de 100 associados, à volta de 120, não consigo ser preciso.

17. Os vossos associados são participativos?

Pergunta difícil. Mas sim, são. Pena é que às vezes precisávamos de mais colaboração, mas ainda assim eles vão participando.

18. O que é preciso para ser associado?

Para ser associado tem apenas que se dirigir a nós, através das redes sociais ou pessoalmente, fazer-se sócio, pagar uma joia de 3 euros e uma quota anual de 12.

19. Os associados costumam ir às Assembleias?

Não com a assiduidade e representatividade desejada. Ou seja, em 120 Associados, 35 foram à Assembleia em que fui eleito Presidente e, portanto, aqui se vê que realmente a adesão não é muito positiva nesse aspeto particular.

20. Os associados pagam as quotas regularmente?

Sim, vão pagando sim. Mas admito que há uma certa tendência para se pagar as quotas antes de um grande evento como a SAJ, pelos benefícios que isso lhes traz.

21. Quantas atividades têm por ano?

Temos: a SAJ, o BOTEILLON, a FESTA DE NATAL, o Torneio Igor Marques, um evento de stand up comedy e várias participações em atividades de outras associações.

22. Qual a atividade que lhe deu mais gosto de fazer?

A SAJ sem dúvida nenhuma. É a atividade que desafia mais, que ocupa mais, que coloca mais pressão mas também é aquela que traz mais retorno positivo em termos do gosto que dá promover uma festa com aquela dimensão.

23. Qual vai ser a vossa próxima atividade?

À partida seria a Festa de Natal mas ainda estamos a pensar se vamos ou não fazer uma atividade relacionada com o São Martinho.

24. Qual a atividade mais rentável?

As atividades mais rentáveis são os torneios desportivos e as festas mais pequenas como o botellón. Porque o espetáculo são os próprios jogos, os jogos são disputados por equipas que disputam o torneio (para ganharem um prémio final) e, portanto, acabam por ser atividades com um lucro mais expressivo, relativamente às despesas, naturalmente. Basicamente quando menores forem as despesas, mais próximo está o evento de gerar bom retorno a nível financeiro.

25. Têm outro público sem ser os jovens?

Sim, temos. Algumas atividades como torneio de penaltis que é transversal a todas as idades, a palestra enquadrada na SAJ, Stand Up Comedy...

26. De futuro acha que será necessário mudar alguma coisa?

Quanto a isso o que acho é que devemos estar sempre cientes de que isso é uma realidade na medida em que nos temos de ir adaptando às necessidades e desafios do nosso público, mas não consigo antecipar nenhuma mudança.

27. Qual o maior risco no futuro da Associação?

O maior risco no futuro da Associação é acabar.

28. Quer continuar a ser presidente depois deste mandato?

Não sei. Agora quero continuar com o meu trabalho e depois logo se vê.

ANEXO III-QUADRO-SUMÁRIO DAS INICIATIVAS DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL

SUMÁRIO DAS INICIATIVAS DE EMPREENDEDORISMO ANOS /TURMAS			PROBLEMA SOCIAL	PARCEIROS	SUSTENTABILIDA DE	DESCRIÇÃO SUMÁRIA DAS INICIATIVAS
7º	A	“Combater o bullying” https://sosstopbullying123.blogspot.com/2019/11/sos-stop-bullying.html	Bullying	-Município de Mação - Associações do Concelho de Mação	- Sim – O correio do bullying continua ativo	- Caixa de email destinada a situações de reporte e encaminhamento para os serviços de psicologia da escola; - Concurso de Ideias de Luta contra o Bullying – destinado às Associações do Concelho de Mação
	B	“Vamos lutar contra o aquecimento global” https://protegeroambienteprotegeravida.blogspot.com	Aquecimento Global	-----	-----	- criação de um blog e desenvolvimento de vários conteúdos como entrevistas, jogos, imagens, entre outros.
8º	A	“Combate ao isolamento e solidão dos idosos” https://cidadaniaverdehorizonte.blogspot.com/2019/11/respeito.html	Violência sobre os idosos	- Serviços sociais do Município de Mação	- Sim – A correspondência entre os alunos e os idosos continua e estão já previstas outras atividades	- troca de correspondência com pessoas idosas; - encaminhamento de situações alarmantes para as autoridades competentes; - desenvolvimento de outras atividades intergeracionais
	B	“Violência no Namoro” https://violencianonamoro8b.blogspot.com/2019/11/	Violência no namoro	-----	-----	- peça de teatro destinada aos colegas da escola
	C	“Reflorestar Mação” https://juntospela floresta.blogspot.com/2019/11/associacoes-do-concelho-queremos-ser.html	Aquecimento Global	-Município de Mação - Associações do Concelho de Mação	- Sim – A iniciativa continua na disciplina de Ciências Naturais	- envolver as associações do concelho de Mação na luta pela reflorestação e aumentar/ ajudar na melhoria das suas competências neste sentido;

Tabela 8 - QUADRO-SUMÁRIO DAS INICIATIVAS DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL

ANEXO IV – RELATÓRIOS ENVIADOS AOS CONSELHOS DE TURMA

Relatório acerca do funcionamento do Projeto “Empreendedorismo Social Em Alunos do 3ºCiclo”, no âmbito da Disciplina de Cidadania e Desenvolvimento

A turma **A do 7ºano** teve na generalidade uma excelente receptividade ao projeto em si. Trata-se de um grupo de alunos bastante equilibrado em termos de idade, aquisição de conhecimentos e maturidade, criando uma sinergia que permite o bom funcionamento das aulas.

Como previsto, o grupo recebeu ao longo das primeiras 6 sessões conhecimentos mais teóricos: acerca da economia em geral; acerca da economia social, suas características e particularidades (fase em que entrevistaram o Presidente da Direção de uma associação jovem local, Os Magalhães); acerca do empreendedorismo de uma forma lata; e finalmente acerca do empreendedorismo social, com enfoque no conceito de inovação social.

Após esta fase, demos início àquilo que podemos chamar a fase de arranque da sua própria iniciativa, em que gradualmente foram dando os seus passos:

1. Primeiro escolher o problema social a tratar, escolha que foi feita de uma forma democrática. No seu caso, o tema mais votado foi o **Bullying**;
2. Seguidamente quisemos desbloquear o tema para conseguirmos visualizar as causas e efeitos do mesmo e, desta forma, chegarmos a aspetos mais operacionais. Foi este o caminho que nos trouxe a **Mação, co-responsabilização, entreajuda**. Ainda nesta fase, os alunos foram convidados a sugerir ações, tendo surgido várias sugestões diferentes, tendo sido o meu papel o de limitar as ações que não se enquadrassem em aspetos particulares do projeto como o tempo ou, em alguns casos, a falta da inovação.
3. Foi então que chegámos à iniciativa em si – **criar o Correio do Bullying e criar um concurso de Ideias para combater o Bullying-destinado às associações do concelho de Mação**. Como quaisquer empreendedores, a turma sentiu necessidade de criar parcerias, neste caso com a Câmara Municipal de Mação, para poder ter acesso às moradas/emails das mesmas. Foram enviadas 50 cartas e uma dezena de emails. Criaram ainda um blog, a partir do email criado para o efeito, cujas credenciais indico para futura gestão: lutacontrabullying123@gmail.com, pass: 7.A.2019. Este blog serviu para dar expressividade à ação que estavam a desenvolver – nomeadamente dar a conhecer o Correio do Bullying – e, simultaneamente, permitir chegar a algumas

associações que possam não ter sido encontradas pelas vias apresentadas anteriormente.

4. Na aula final, 12ª (prevíamos 11, mas sentimos necessidade de mais uma para ultimar alguns procedimentos),
5. Finalmente, gostaria de destacar que, embora não tenha ainda feito – à data deste questionário – a análise comparativa dos 3 questionários, mediante uma análise preliminar, foi visível uma evidente evolução no reconhecimento dos alunos perante a economia social. Este acaba por ser, em termos académicos, o objetivo máximo do projeto – sensibilizar/apelar os jovens e a escola para uma maior preocupação com a formação dos gestores das organizações de economia social. Numa altura em que estas organizações se fazem frequentemente substituir ao estado na resolução de problemas sociais, se em 96 alunos tiver conseguido semear em 6 deles o carinho por esta área, terei atingido plenamente o objetivo a que me propus.

Em suma, este projeto enquadrou-se na disciplina de cidadania e desenvolvimento e efetivamente cumpriu o seu objetivo pois levou os alunos a aprender e a executar, promovendo a originalidade, a resolução de problemas, a adaptação, o trabalho em equipa, a autonomia, entre outras competências.

Foi um enorme gosto trabalhar com este grupo de alunos e com os respetivos professores, salientando neste ponto a presença e apoio constante da Diretora de Turma, Professora Anabela, agradecendo a vossa receção ao projeto. Grata.

Cláudia Cordeiro

Relatório acerca do funcionamento do Projeto “Empreendedorismo Social Em Alunos do 3ºCiclo”, no âmbito da Disciplina de Cidadania e Desenvolvimento

A turma **B do 7ºano** teve na generalidade uma excelente receptividade ao projeto em si. Trata-se de um grupo de alunos bastante equilibrado em termos de idade, aquisição de conhecimentos e maturidade, criando uma sinergia que permite o bom funcionamento das aulas.

Como previsto, o grupo recebeu ao longo das primeiras 6 sessões conhecimentos mais teóricos: acerca da economia em geral; acerca da economia social, suas características e particularidades (fase em que entrevistaram o Presidente da Direção de uma associação jovem local, Os Magalhães); acerca do empreendedorismo de uma forma lata; e finalmente acerca do empreendedorismo social, com enfoque no conceito de inovação social.

Após esta fase, demos início àquilo que podemos chamar a fase de arranque da sua própria iniciativa, em que gradualmente foram dando os seus passos:

1. Primeiro escolher o problema social a tratar, escolha que foi feita de uma forma democrática. No seu caso, o tema mais votado foi o **Aquecimento Global**;
2. Seguidamente quisemos desbloquear o tema para conseguirmos visualizar as causas e efeitos do mesmo e, desta forma, chegarmos a aspetos mais operacionais. Foi este o caminho que nos trouxe a **tecnologia, boas práticas, criar impacto**. Ainda nesta fase, os alunos foram convidados a sugerir ações, tendo surgido várias sugestões diferentes, tendo sido o meu papel o de limitar as ações que não se enquadrassem em aspetos particulares do projeto como o tempo ou, em alguns casos, a falta da inovação.
3. Foi então que chegámos à iniciativa em si – **criar um blog para apelar às boas práticas que criem impacto na diminuição do aquecimento global**. Como quaisquer empreendedores, a turma dividiu-se em vários grupos vocacionais: um grupo tratou de criar desenhos, animações visuais impactantes dentro do tema; outro grupo redigiu e enviou entrevistas para dar conta de boas práticas ambientais (a saber, Diretor do Agrupamento de Escolas Verde Horizonte – José António Almeida; o Presidente da Câmara Municipal de Mação, Vasco Estrela; o Presidente da Delta Cafés, Rui Nabeiro; e finalmente, o ambientalista local Arlindo Marques); finalmente, outro grupo ficou responsável por animações/jogos subordinados a esta problemática – com recurso a tecnologia. O blog foi criado a partir do email 7bempresasocial@gmail.com, cujas credenciais indico para futura gestão: pass: o7befixe.
4. Na aula final, 12ª (prevíamos 11, mas sentimos necessidade de mais uma para ultimar alguns procedimentos), procedemos à publicação dos vários materiais em curso até então e o resultado final é muito positivo.
5. Finalmente, gostaria de destacar que, embora não tenha ainda feito – à data deste questionário – a análise comparativa dos 3 questionários, mediante uma análise preliminar, foi visível uma evidente evolução no reconhecimento dos alunos perante a economia social. Este acaba por ser, em termos académicos, o objetivo máximo do projeto – sensibilizar/apelar os jovens e a escola para uma maior preocupação com a formação dos gestores das organizações de economia social. Numa altura em que estas organizações se fazem frequentemente substituir ao estado na resolução de problemas sociais, se em 96 alunos tiver conseguido semear em 6 deles o carinho por esta área, terei atingido plenamente o objetivo a que me propus.

Em suma, este projeto enquadrou-se na disciplina de cidadania e desenvolvimento e efetivamente cumpriu o seu objetivo pois levou os alunos a aprender e a executar, promovendo a originalidade, a resolução de problemas, a adaptação, o trabalho em equipa, a autonomia, entre outras competências. É um tema transversal e seria interessante manter o blog com as possíveis e relevantes adaptações. Destaco ainda que os alunos mostraram muito interesse em conhecer a Delta Cafés, nomeadamente no que diz respeito à responsabilidade ambiental.

Foi um enorme gosto trabalhar com este grupo de alunos e com os respetivos professores, salientando neste ponto a presença e apoio constante da Diretora de Turma, Professora Cristina, agradecendo a vossa receção ao projeto. Grata.

Cláudia Cordeiro

Relatório acerca do funcionamento do Projeto “Empreendedorismo Social Em Alunos do 3ºCiclo”, no âmbito da Disciplina de Cidadania e Desenvolvimento

A turma **A do 8ºano** teve na generalidade uma excelente receptividade ao projeto em si. Trata-se de um grupo de alunos equilibrado em termos de idade, aquisição de conhecimentos e maturidade tendo sido possível criar uma sinergia que permitiu o bom funcionamento das aulas.

Como previsto, o grupo recebeu ao longo das primeiras 6 sessões conhecimentos mais teóricos: acerca da economia em geral; acerca da economia social, suas características e particularidades (fase em que entrevistaram o Presidente da Direção de uma associação jovem local, Os Magalhães); acerca do empreendedorismo de uma forma lata; e finalmente acerca do empreendedorismo social, com enfoque no conceito de inovação social.

Após esta fase, demos início àquilo que podemos chamar a fase de arranque da sua própria iniciativa, em que gradualmente foram dando os seus passos:

1. Primeiro escolher o problema social a tratar, escolha que foi feita de uma forma democrática. No seu caso, o tema mais votado foi o **A Violência**;
2. Seguidamente quisemos desbloquear o tema para conseguirmos visualizar as causas e efeitos do mesmo e, desta forma, chegarmos a aspetos mais operacionais. Foi este o caminho que nos trouxe a **Mação, vulnerável, idosos, solidão**. Ainda nesta fase, os alunos foram convidados a sugerir ações, tendo surgido várias sugestões diferentes,

tendo sido o meu papel o de limitar as ações que não se enquadrassem em aspetos particulares do projeto como o tempo ou, em alguns casos, a falta da inovação.

3. Foi então que chegámos à iniciativa em si – **combater a solidão dos idosos através de correspondência**. Como quaisquer empreendedores, a turma sentiu necessidade de criar parcerias, neste caso com a Câmara Municipal de Mação, para poder efetivar a sua ação, pelo que as cartas foram levadas aos idosos através da iniciativa municipal – Clube Sénior – do Gabinete de Ação Social. Criaram ainda um blog, a partir do email criado para o efeito, cujas credenciais indico para futura gestão: 8acidadania2019@gmail.com, pass: verdehorizonte2019. Este blog serviu para dar expressividade à ação que estavam a desenvolver e, simultaneamente, dar conhecimento da enorme importância daquilo que estavam a fazer.
4. Na aula final, 12ª (prevíamos 11, mas sentimos necessidade de mais uma para ultimar alguns procedimentos), estivemos a dar conta das impressões produzidas pela iniciativa junto dos próprios alunos, denotando-se o contentamento dos mesmos perante o impacto que uma iniciativa tão simples como uma carta teve junto dos idosos abrangidos.
5. Finalmente, gostaria de destacar que, embora não tenha ainda feito – à data deste questionário – a análise comparativa dos 3 questionários, mediante uma análise preliminar, foi visível uma evidente evolução no reconhecimento dos alunos perante a economia social. Este acaba por ser, em termos académicos, o objetivo máximo do projeto – sensibilizar/apelar os jovens e a escola para uma maior preocupação com a formação dos gestores das organizações de economia social. Numa altura em que estas organizações se fazem frequentemente substituir ao estado na resolução de problemas sociais, se em 96 alunos tiver conseguido semear em 6 deles o carinho por esta área, terei atingido plenamente o objetivo a que me propus.

Em suma, este projeto enquadrou-se na disciplina de cidadania e desenvolvimento e efetivamente cumpriu o seu objetivo pois levou os alunos a aprender e a executar, promovendo a originalidade, a resolução de problemas, a adaptação, o trabalho em equipa, a autonomia, entre outras competências, mas creio que seria interessante se não ficasse por aqui. Aliás, a própria parceira (Câmara Municipal de Mação) mostrou-se disposta a promover um eventual momento de encontro entre estas gerações, o que seria de facto muito interessante.

Foi um enorme gosto trabalhar com este grupo de alunos e com os respetivos professores, salientando neste ponto a presença e apoio constante da Diretora de Turma, Professora Lucília, agradecendo a vossa receção ao projeto. Grata.

Cláudia Cordeiro

Relatório acerca do funcionamento do Projeto “Empreendedorismo Social Em Alunos do 3ºCiclo”, no âmbito da Disciplina de Cidadania e Desenvolvimento

A turma **B do 8ºano** teve na generalidade uma receptividade pouco satisfatória em relação ao projeto em si. Trata-se de um grupo de alunos bastante especial na medida em que se apresentam com uma maturidade distinta da faixa etária que os caracteriza, no entanto enquanto turma, produzem uma sinergia pouco positiva, tendo sido difícil a execução de tudo aquilo a que o projeto se propunha, o que acabou por culminar na incapacidade de executarem a ação que haviam escolhido.

Como previsto, o grupo recebeu ao longo das primeiras 6 sessões conhecimentos mais teóricos: acerca da economia em geral; acerca da economia social, suas características e particularidades (fase em que entrevistaram o Presidente da Direção de uma associação jovem local, Os Magalhães – aula esta que se destacou pela positiva pois foi evidente o gosto perante aquele momento, aspeto sentido e referido inclusivamente pelo próprio convidado); acerca do empreendedorismo de uma forma lata; e finalmente acerca do empreendedorismo social, com enfoque no conceito de inovação social.

Após esta fase, demos início àquilo que podemos chamar a fase de arranque da sua própria iniciativa, em que gradualmente foram dando os seus passos:

1. Primeiro escolher o problema social a tratar, escolha que foi feita de uma forma democrática. No seu caso, o tema mais votado foi o **A Violência Doméstica**;
2. Seguidamente quisemos desbloquear o tema para conseguirmos visualizar as causas e efeitos do mesmo e, desta forma, chegarmos a aspetos mais operacionais. Foi este o caminho que nos trouxe a **escola, namoro, jovens**. Ainda nesta fase, os alunos foram convidados a sugerir ações, tendo surgido várias sugestões diferentes, tendo sido o meu papel o de limitar as ações que não se enquadrassem em aspetos particulares do projeto como o tempo ou, em alguns casos, a falta da inovação.
3. Foi então que chegámos à iniciativa em si – **sensibilizar a comunidade escolar para a problemática “violência no namoro” através de uma dramatização**. Criaram ainda um blog, a partir do email criado para o efeito, cujas credenciais indico para futura gestão:

8B20192020cidadania@gmail.com, pass: violencianonamoro. Este blog serviu para dar expressividade à ação que estavam a desenvolver e, simultaneamente, deixar algumas mensagens de apoio/educacionais acerca das questões relacionadas com a violência.

4. Ao longo das sessões destinadas à elaboração da peça, a turma foi dividida em grupos de trabalho nomeadamente: um grupo mais focado na manutenção do blog e criação dos panfletos; um grupo para a criação de aspetos cénicos; e outro grupo para elaboração dos conteúdos textuais – peça em si. Na 11ª aula, última antes da exibição, foi visível a imaturidade de alguns alunos que inibiram a prossecução do projeto. Foi-lhes dado a escolher o futuro da iniciativa, destacando que apenas um número reduzido de alunos respondeu a esta chamada de responsabilidade. Mediante isto, decidiu-se não levar a iniciativa a cabo mas antes executar um exercício de escrita, a ser publicado no seu blog.
5. Finalmente gostaria de destacar que, embora não tenha ainda feito – à data deste questionário – a análise comparativa dos 3 questionários, mediante uma análise preliminar, foi visível uma evidente evolução no reconhecimento dos alunos perante a economia social. Este acaba por ser, em termos académicos, o objetivo máximo do projeto – sensibilizar/apelar os jovens e a escola para uma maior preocupação com a formação dos gestores das organizações de economia social. Numa altura em que estas organizações se fazem frequentemente substituir ao estado na resolução de problemas sociais, se em 96 alunos tiver conseguido semear em 6 deles o carinho por esta área, terei atingido plenamente o objetivo a que me propus.

Em suma, este projeto enquadrou-se na disciplina de cidadania e desenvolvimento e previa levar os alunos a aprender e a executar, promovendo a originalidade, a resolução de problemas, a adaptação, o trabalho em equipa, a autonomia, entre outras competências, o que não foi conseguido na totalidade, enquanto trabalho de equipa. Os conteúdos foram efetivamente transmitidos e, como referi anteriormente, mostram-se impactantes, mas as competências concretas necessárias para que daí resultasse um trabalho expressivo não foram conseguidas.

Foi um desafio enorme trabalhar com este grupo de alunos, salientando neste ponto a presença e apoio constante da Diretora de Turma, Professora Teresa, agradecendo a vossa receção ao projeto, independentemente da execução ou não da iniciativa prevista. Grata.

Cláudia Cordeiro

Relatório acerca do funcionamento do Projeto “Empreendedorismo Social Em Alunos do 3ºCiclo”, no âmbito da Disciplina de Cidadania e Desenvolvimento

A turma **C do 8ºano** teve na generalidade uma excelente receptividade ao projeto em si. Trata-se de um grupo de alunos díspar em termos de idade, aquisição de conhecimentos, maturidade e até nacionalidade e ainda assim consegue criar uma sinergia que permite o bom funcionamento das aulas.

Como previsto, o grupo recebeu ao longo das primeiras 6 sessões conhecimentos mais teóricos: acerca da economia em geral; acerca da economia social, suas características e particularidades (fase em que entrevistaram o Presidente da Direção de uma associação jovem local, Os Magalhães); acerca do empreendedorismo de uma forma lata; e finalmente acerca do empreendedorismo social, com enfoque no conceito de inovação social.

Após esta fase, demos início àquilo que podemos chamar a fase de arranque da sua própria iniciativa, em que gradualmente foram dando os seus passos:

1. Primeiro escolher o problema social a tratar, escolha que foi feita de uma forma democrática. No seu caso, o tema mais votado foi o **Aquecimento Global**;
2. Seguidamente quisemos desbloquear o tema para conseguirmos visualizar as causas e efeitos do mesmo e, desta forma, chegarmos a aspetos mais operacionais. Foi este o caminho que nos trouxe a **Mação, incêndios, floresta, reflorestação**. Ainda nesta fase, os alunos foram convidados a sugerir ações, tendo surgido várias sugestões diferentes, tendo sido o meu papel o de limitar as ações que não se enquadrassem em aspetos particulares do projeto como o tempo ou, em alguns casos, a falta da inovação.
3. Foi então que chegámos à iniciativa em si – **sensibilizar e colaborar com as Associações do Concelho de Mação em termos da sua ação na reflorestação do concelho**. Como quaisquer empreendedores, a turma sentiu necessidade de criar parcerias, neste caso com a Câmara Municipal de Mação, para poder ter acesso às moradas/emails das mesmas. Foram enviadas 50 cartas (entregues em mão, recorrendo aos próprios alunos que cobriam todas as freguesias do concelho) e uma dezena de emails. Criaram ainda um blog, a partir do email criado para o efeito, cujas credenciais indico para futura gestão: combate.aquecimento.global@gmail.com, pass: 8C2019floresta. Este blog serviu para dar expressividade à ação que estavam a desenvolver e, simultaneamente, permitir chegar a algumas associações que possam não ter sido encontradas pelas vias apresentadas anteriormente.

4. Na aula final, 12ª (prevíamos 11, mas sentimos necessidade de mais uma para ultimar alguns procedimentos), estivemos a elaborar uma tabela de Excel onde lançámos as respostas dadas pelas associações que já responderam ao seu apelo. Destaca-se o interesse manifestado por todas até agora, assim como as palavras de elogio e apoio pela iniciativa dos alunos.
5. Finalmente, gostaria de destacar que, embora não tenha ainda feito – à data deste questionário – a análise comparativa dos 3 questionários, mediante uma análise preliminar, foi visível uma evidente evolução no reconhecimento dos alunos perante a economia social. Este acaba por ser, em termos académicos, o objetivo máximo do projeto – sensibilizar/apelar os jovens e a escola para uma maior preocupação com a formação dos gestores das organizações de economia social. Numa altura em que estas organizações se fazem frequentemente substituir ao estado na resolução de problemas sociais, se em 96 alunos tiver conseguido semear em 6 deles o carinho por esta área, terei atingido plenamente o objetivo a que me propus.

Em suma, este projeto enquadrou-se na disciplina de cidadania e desenvolvimento e efetivamente cumpriu o seu objetivo pois levou os alunos a aprender e a executar, promovendo a originalidade, a resolução de problemas, a adaptação, o trabalho em equipa, a autonomia, entre outras competências, mas creio que seria interessante se não ficasse por aqui. Devido ao tema transversal a outras disciplinas e perante o interesse demonstrado pelas associações, seria muito positivo apoiar os alunos para que conseguissem seguir em frente, neste caso, reunindo informações acerca da reflorestação responsável e sustentável do concelho de Mação.

Foi um enorme gosto trabalhar com este grupo de alunos e com os respetivos professores, salientando neste ponto a presença e apoio constante da Diretora de Turma, Professora Camila, agradecendo a vossa receção ao projeto. Grata.

Cláudia Cordeiro

ANEXO V – GRÁFICOS DO PERFIL EMPREENDEDOR DOS ALUNOS

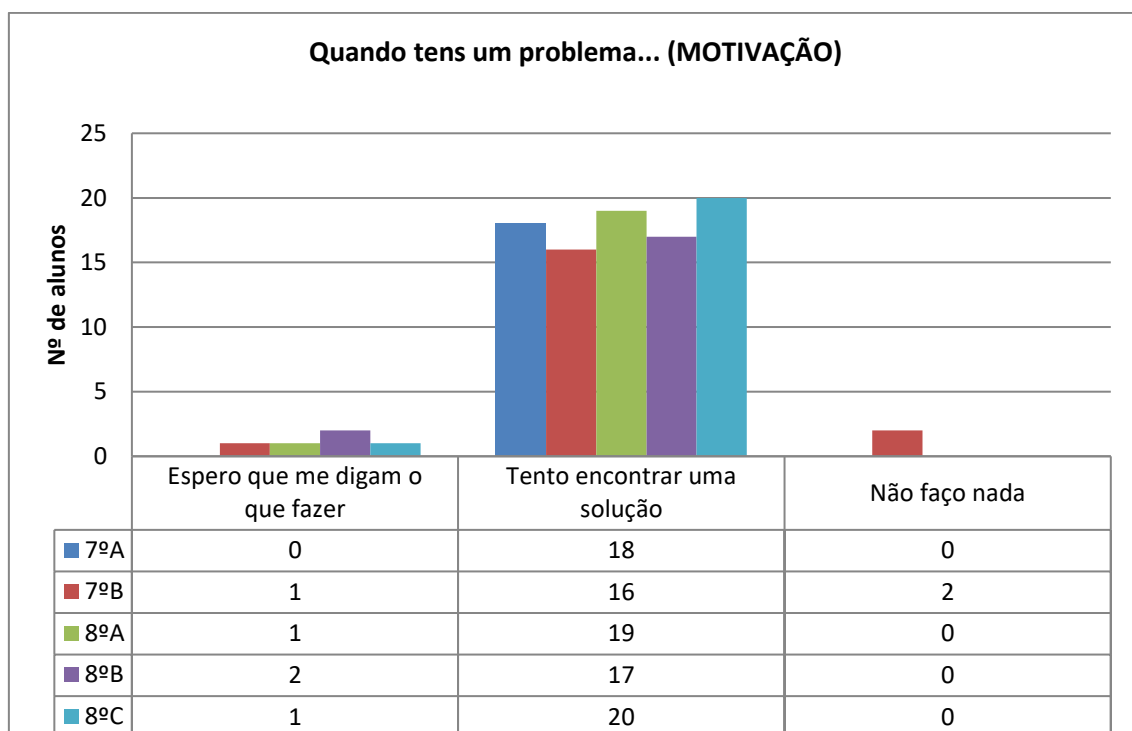


Gráfico 20 - Resultados do Perfil de Empreendedor – MOTIVAÇÃO

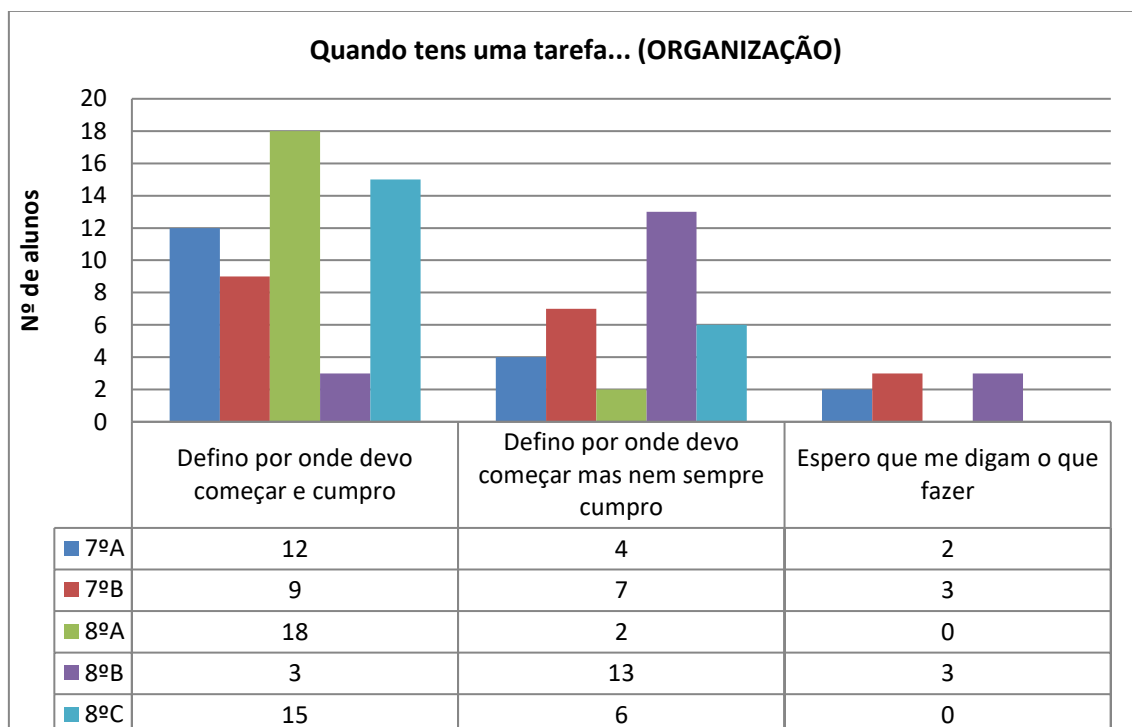


Gráfico 21 - Resultados do Perfil de Empreendedor - ORGANIZAÇÃO

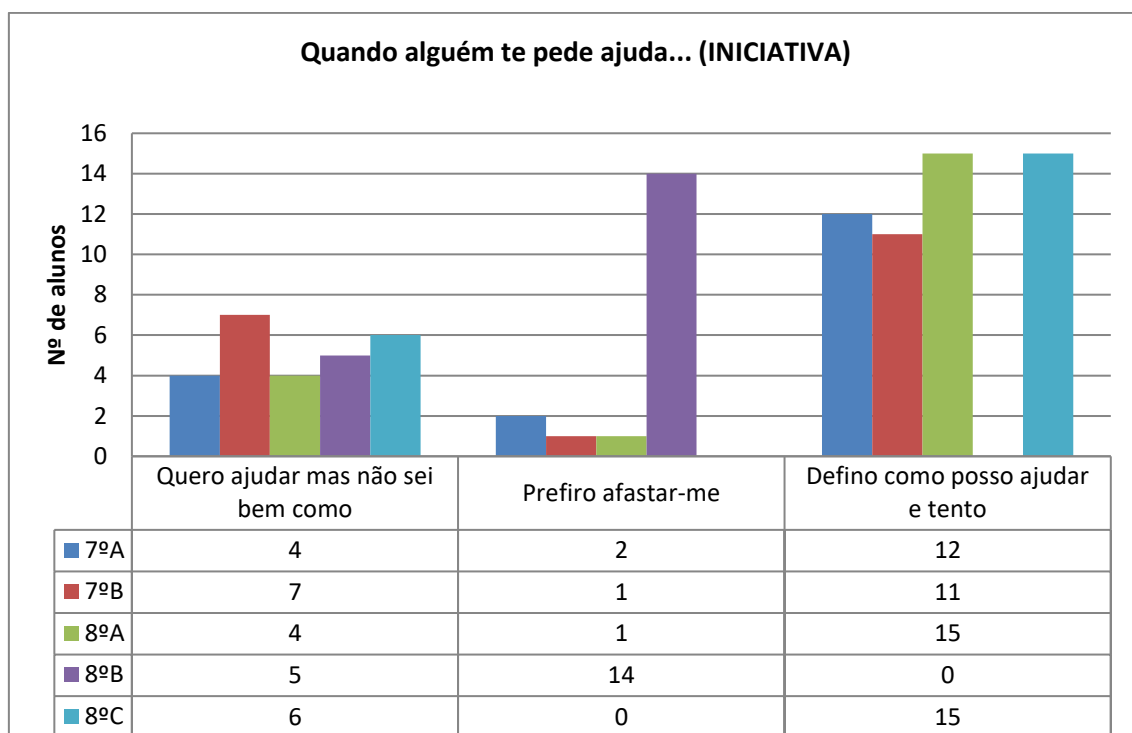


Gráfico 22- Resultados do Perfil de Empreendedor – INICIATIVA

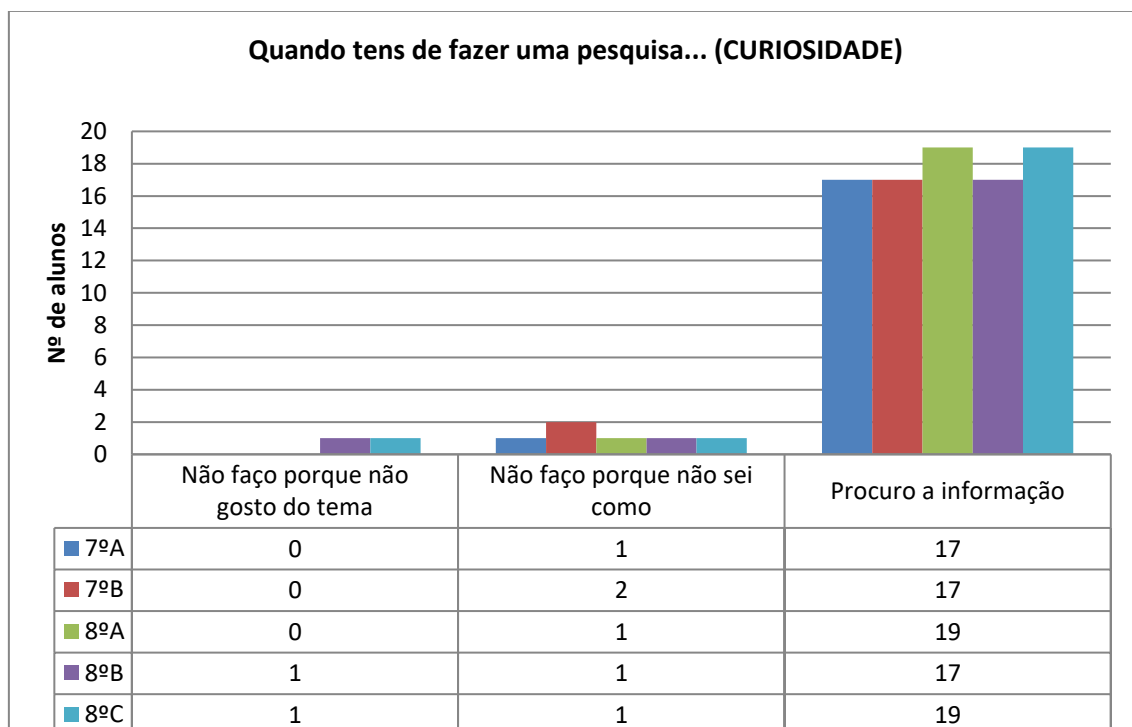


Gráfico 23- Resultados do Perfil de Empreendedor -CURIOSIDADE

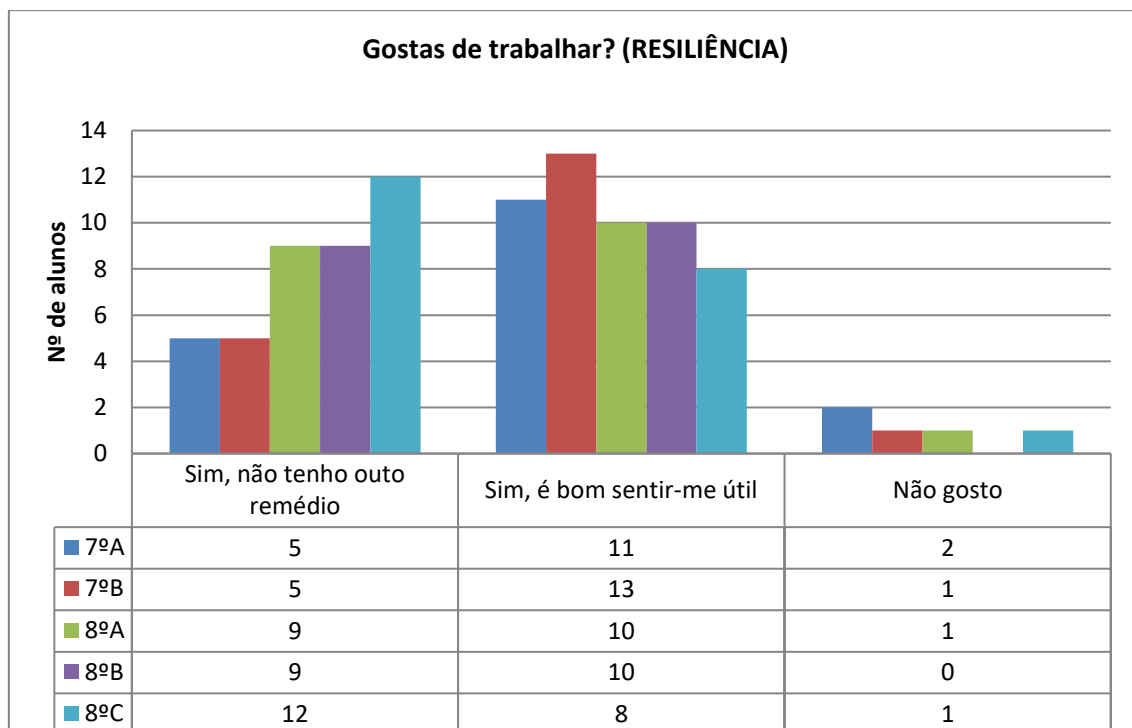


Gráfico 24 - Resultados do Perfil de Empreendedor -RESILIÊNCIA

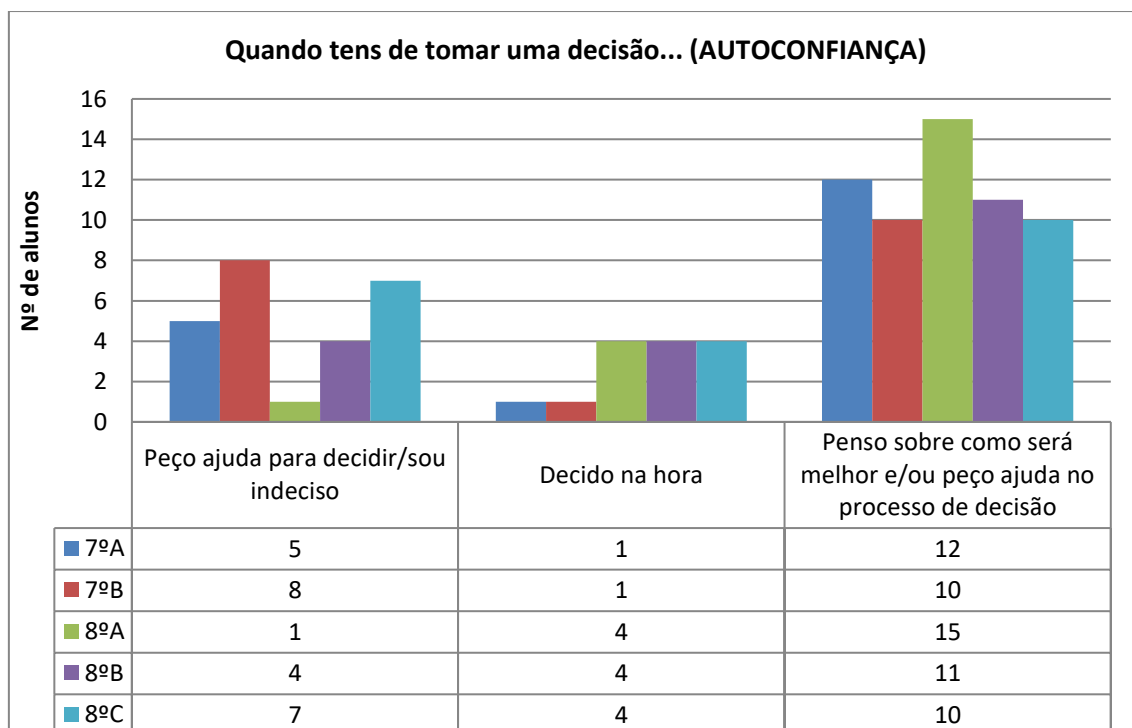


Gráfico 25- Resultados do Perfil de Empreendedor -AUTOCONFIANÇA

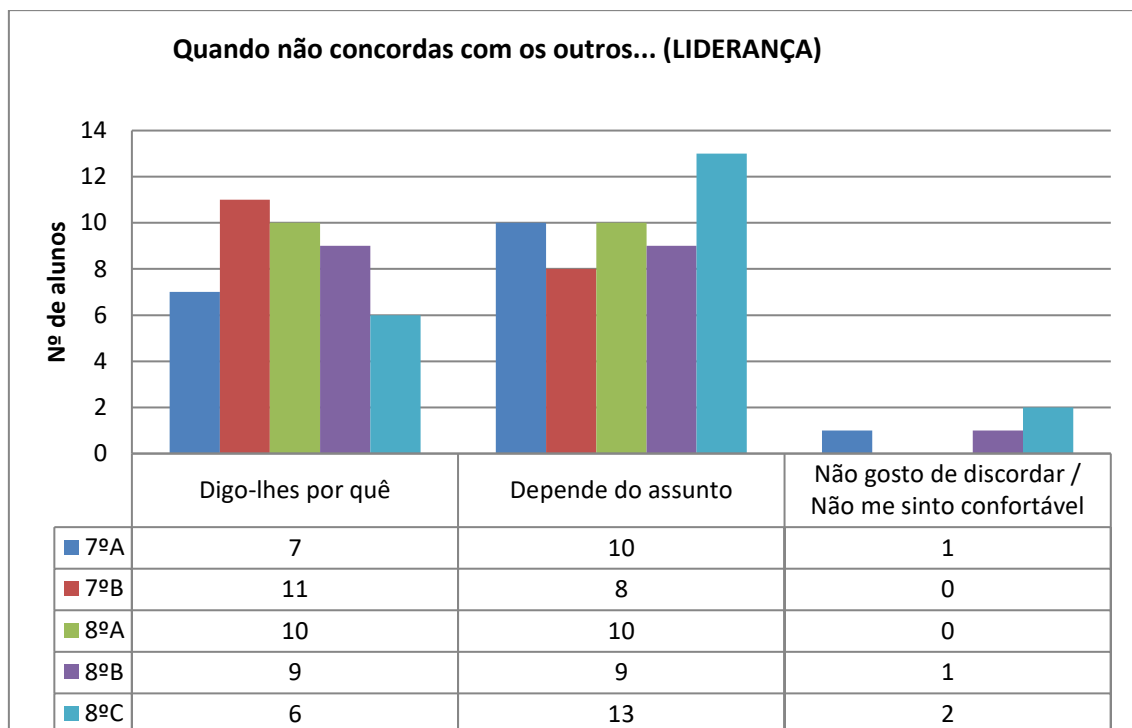


Gráfico 26- Resultados do Perfil de Empreendedor -LIDERANÇA

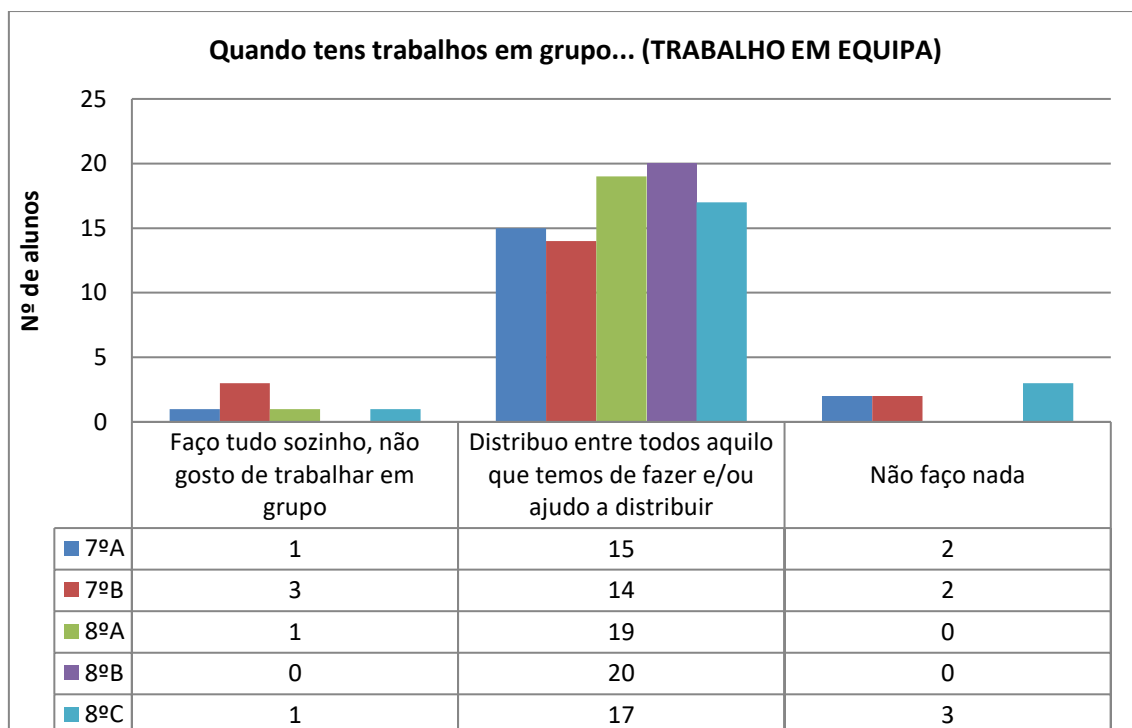


Gráfico 27 - Resultados do Perfil de Empreendedor -TRABALHO EM EQUIPA

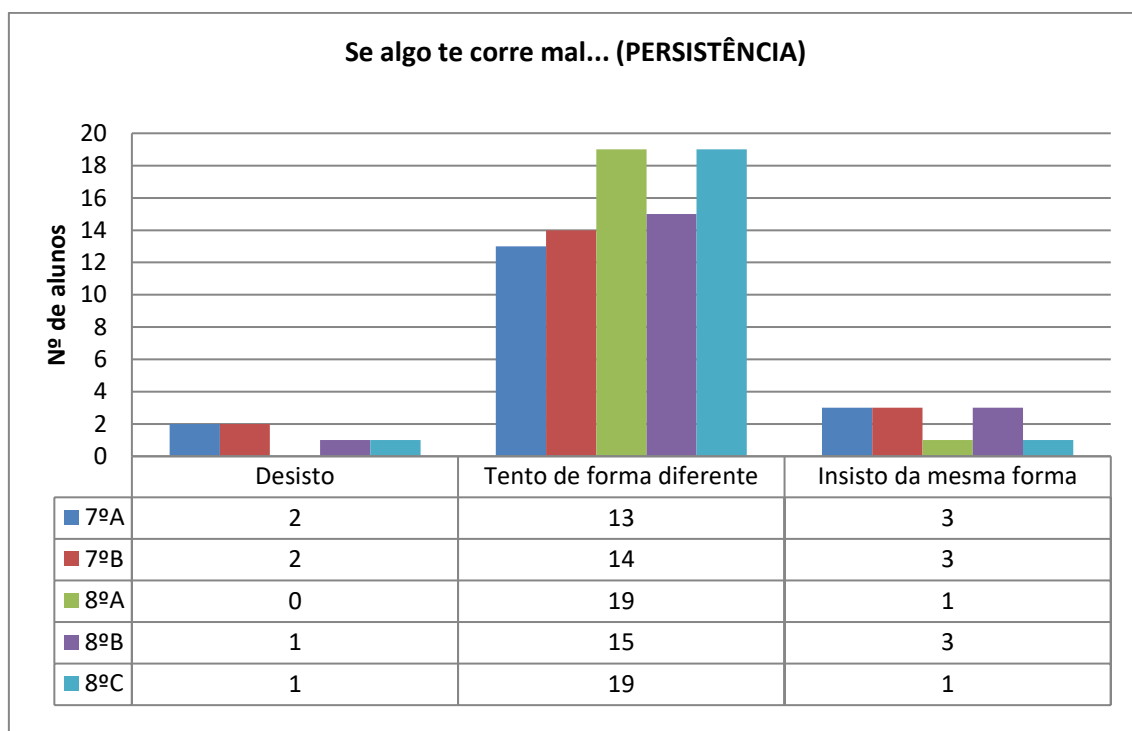


Gráfico 28- Resultados do Perfil de Empreendedor - PERSISTÊNCIA

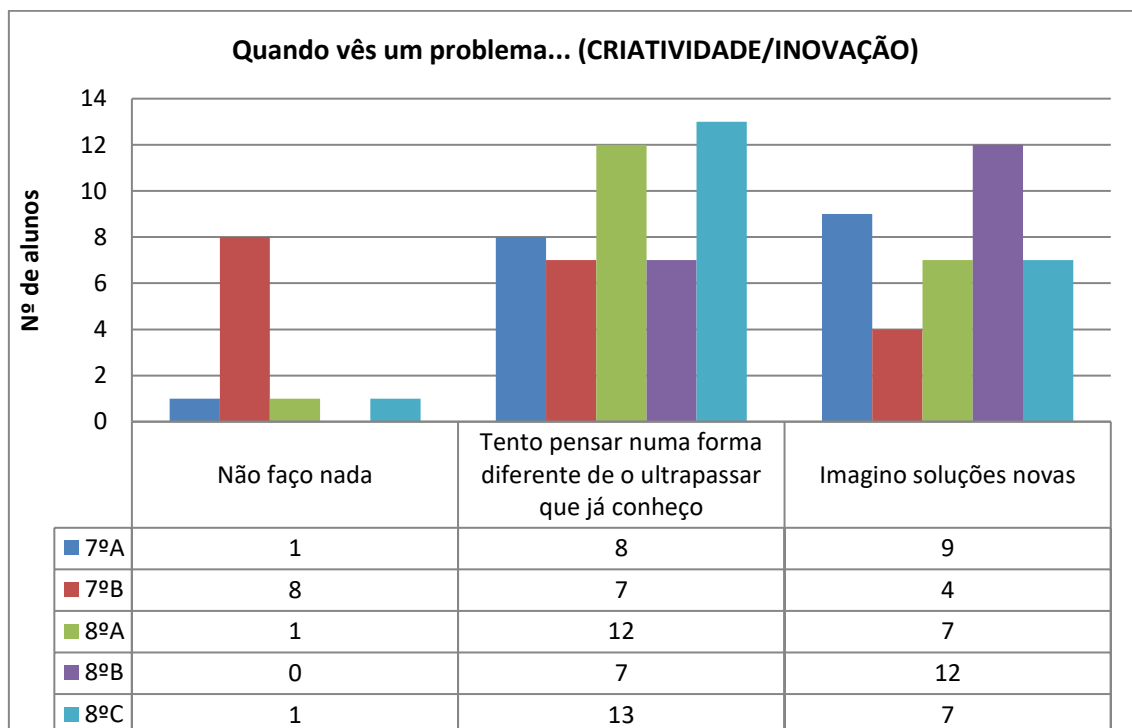


Gráfico 29- Resultados do Perfil de Empreendedor -CRIATIVIDADE/INOVAÇÃO

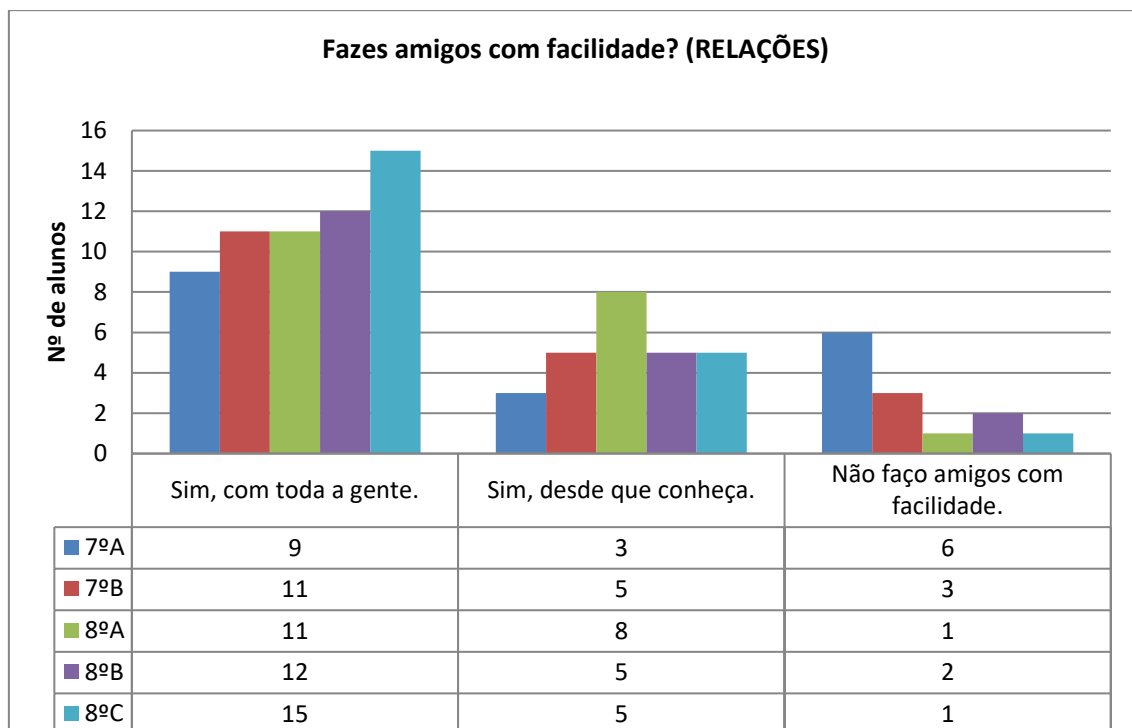


Gráfico 30- Resultados do Perfil de Empreendedor -RELAÇÕES

**ANEXO VI – QUADROS SÍNTESE COM APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS DADAS EM TODOS OS
QUESTIONÁRIOS**

Veremos falar da economia e da empreendedorismo	Grupo de Intervenção: Póvoa																			
	Número dos alunos e respostas dadas																			
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Quantidade de Escalas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
1	A+	B	B	B	Insucesso	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	Insucesso	B	B	B
2	A+	C	A	A	Insucesso	B	A	A	C	A	A	A	A	A	B	B	Insucesso	A	A	B
3	A+	B	C	C	Insucesso	C	C	A	A	C	C	C	A	C	A	B	Insucesso	C	C	C
4	A+	C	C	C	Insucesso	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C	Insucesso	C	C	C
5	A+	C	A	A	Insucesso	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	Insucesso	A	B	A
6	A+	B	C	A	Insucesso	B	C	C	A	A	A	C	C	C	C	C	Insucesso	C	A	A
7	A+	B	A	A	Insucesso	B	B	B	A	A	A	B	A	B	B	B	Insucesso	B	A	A
8	A+	C	B	B	Insucesso	B	B	B	B	B	B	B	B	B	C	B	Insucesso	B	A	B
9	A+	C	B	B	Insucesso	B	B	B	B	B	B	B	B	B	A	C	Insucesso	C	B	B
10	A+	A	C	C	Insucesso	C	B	C	C	C	B	B	B	B	C	C	Insucesso	B	C	B
11	A+	C	C	A	Insucesso	C	B	C	C	A	C	C	C	A	A	C	Insucesso	C	A	A
Economia é	Procurar	A capacidade de poupar dinheiro	A gestão de dinheiro	Insucesso	Insucesso	A capacidade de poupar	Capacidade de poupar	A capacidade de poupar	Gerir dinheiro	Para mim a economia tem a ver com poupar	Para mim a economia é a capacidade de poupar e gerir	Seber gerir o dinheiro gastando menos	Ter a ver com a gestão de dinheiro	Procurar	Gerir o dinheiro	Tem a ver com o dinheiro a poupar	Insucesso	Poupar os objetos	Tem a ver com poupar e gerir dinheiro	Tem a ver com poupar e gerir dinheiro
Economia social é	Procurar sociedade	Ajudar as pessoas e o ambiente sem o objetivo de ganhar dinheiro	Proteger o planeta do lixo	Insucesso	Ajudar as outras pessoas que sejam pobres ou sem recursos, devemos ajudar	São coisas eu tenho de fazer para ajudar	A disponibilidade das pessoas para ajudar os outros sem receber nada em troca	Gerir a quem precisa e ajudar a não consumir produtos	Para mim a economia social é ajudar os outros sem receber nada em troca	Fazer de tudo para ajudar os outros e o planeta	Ajudar a sociedade, o ambiente, sem ter como ganhar dinheiro	Ajudar as pessoas e o meu ambiente	Fazer algo pelas outras sem receber dinheiro	Procurar a sociedade	Apararar o lixo no chão para ajudar o planeta	Para mim a economia social é ajudar o planeta e também ajudar a sociedade	Insucesso	O ambiente	Fazer coisas pelas outras sem receber dinheiro	Ajudar o planeta
Um exemplo de economia social que tenho na minha localidade é	Lar	Lar	SPUM (Sociedade Portuguesa de Apoio à Vítima)	Insucesso	Ajudar a Lar de Idosos, Santa Casa	Lar de idosos e o SPUM	O lar e os bombeiros	SPUM	Bombeiros por exemplo	No Carvão e o Lar de Idosos e Associação de Fátima do Carvão	Os bombeiros prestam serviços e o dinheiro ganha dinheiro, etc) são utilizados para melhorar a própria segurança	Lar	Bombeiros voluntários	Magalhães e bombeiros	Não respondeu	O lar	Insucesso	ADM	Bombeiros, área do futebol	Lar, bombeiros
Onde/até onde de quem conheceu essa iniciativa que referiste anteriormente	Minha tia (lar para si)	Não sei lembrar	Eu participei no SPUM	Insucesso	Minha tia (lar)	Porque eu tenho conhecidos que trabalham nesse mesmo setor	Foi porque a minha avó trabalhava no lar e os bombeiros não sei	Eu participei no SPUM	Pela minha família	Porque a minha mãe trabalhava um lar de idosos	Eu já conheci mas fiquei a dar mais validação dos trabalhos de 2017	Pela minha mãe porque ela trabalhava lá	Através da televisão, já vi nas redes sociais e as vezes não sei quem são os bombeiros	Não respondeu	Não sei lembrar	Insucesso	Porque eu jogo lá futebol	Bombeiros, meu irmão trabalhava lá. Área do futebol, conheci grupos e um amigo	De uma tia	
Empreendedorismo é	Gerir	O empreendedorismo é gerir dinheiro de forma inovadora	Negociar, gerir, vender, comprar	Insucesso	Comprar, vender, algo inovador, gerir, algo	Querer gerir, comprar, negociar e vender de forma inovadora	A capacidade de criar coisas novas e comprar, vender, gerir, negociar de forma inovadora	Insucesso	A capacidade de inovar	A capacidade de gerir algo novo	Resolver os problemas tanto pessoais como os dos outros de uma forma inovadora (com algo novo)	Gerir o dinheiro de forma inovadora	Comprar, vender, negociar, gerir de forma inovadora	Não respondeu	O empreendedorismo é negociar com as pessoas de uma forma com que consigamos criar algo novo	Insucesso	A capacidade de gerir de forma inovadora	Comprar, vender, negociar, gerir de forma inovadora	A capacidade de gerir de forma inovadora	
Empreendedorismo social é	Gerir para ajudar as pessoas	Comprar, ajudar, vender, negociar	Ajudar quem precisa	Insucesso	Comprar, vender, gerir, negociar, para resolver os problemas da sociedade ao ajudar quem precisa	Gerir, comprar, vender e negociar para ajudar os outros	Ajudar quem precisa	Comprar, vender, negociar e gerir	Comprar, vender, negociar e gerir	Comprar, vender, negociar e gerir	Fazer algo inovador que ajude os outros (que resolve os problemas dos outros)	Comprar, ajudar, vender, negociar	Comprar, vender, negociar, gerir de forma inovadora para ajudar a sociedade sem receber dinheiro	Seber ajudar as pessoas	Comprar, vender, negociar e gerir	Insucesso	Comprar, vender, negociar e gerir	Comprar, vender, negociar, gerir de forma inovadora	Comprar, vender, negociar para os outros	
2ª Questão: Economia é	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Economia é	Forma para ganhar dinheiro	Um grupo de pessoas que trabalham para fazer alguma atividade	Aproveitamento eficiente de recursos	Calcular que estudam a produção	Os problemas sociais de hoje em dia	Porque, negociar, vender inovadoramente	Uma coisa que estudo o dinheiro por exemplo	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso
Economia social é	Forma para resolver os problemas de sociedade	A economia de dinheiro para ajudar quem precisa	Uma economia social é ajudar quem precisa	Os bens	É um conjunto de pessoas que estudam	Uma coisa que estudo o dinheiro por exemplo	É um grupo que se junta para ajudar as pessoas sem que eles possam nada	Insucesso	Um grupo que se junta para ajudar as pessoas	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso
Um exemplo de economia social que tenho na minha localidade é	Magalhães	O Lar de Idosos	SPUM (Sociedade Portuguesa de Apoio à Vítima)	O lar	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso
Onde/até onde de quem conheceu essa iniciativa que referiste anteriormente	João Miguel (Chalupa)	Eu sei porque mora lá e já fui lá as férias	Sou participante da banda e sou músico	Os Magalhães	Não frequento de Enxendros	Conheço de onde falar	Conheci esta iniciativa através do meu irmão mais velho	Insucesso	Família	Através da minha prima / mãe	Através de uma das minhas amigas mais velhas	Minha mãe trabalhava lá	Meu pai e através de cartazes	Pelo meu irmão	O meu irmão porque é músico fundador dos Magalhães	Fui na minha escola - Póvoa e foi a minha família	O meu irmão	Fui na minha escola - Póvoa	O meu irmão	O meu irmão
Empreendedorismo é	Saber como vender	Ter capital de ver um problema e resolvê-lo	Fazer projetos	Uma capacidade, um conhecimento	Ajudar as pessoas com problemas	Achar uma solução nova para um problema	A minha capacidade de resolver um problema e conseguir resolvê-lo com uma solução nova	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso
Empreendedorismo social é	Saber seleccionar e resolver problemas	Resolver um problema que ajude alguém ou alguma empresa, sem fins lucrativos	Querer proporcionar um grande impacto positivo na sociedade	O procurar as pessoas	Ajudar toda a gente que precisa	Achar uma solução nova para um problema social	A minha capacidade de resolver um problema e conseguir resolvê-lo com uma solução nova	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso
3ª Questão: Economia é	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Economia é	Saber gerir e controlar os recursos	Calcular dos bens e serviços	Uma coisa que estudo os bens e serviços	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso
Economia social é	A coisa que é saber gerir para ajudar	Para todos	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso	Insucesso
Um exemplo de economia social que tenho na minha localidade é	Magalhães	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia
Onde/até onde de quem conheceu essa iniciativa que referiste anteriormente	Magalhães	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia	De uma tia
Empreendedorismo é	Ajudar a gerir e controlar os recursos	Gerir e controlar os recursos	Gerir e controlar os recursos	Gerir e controlar os recursos	Gerir e controlar os recursos	Gerir e controlar os recursos	Gerir e controlar os recursos	Gerir e controlar os recursos	Gerir e controlar os recursos	Gerir e controlar os recursos	Gerir e controlar os recursos	Gerir e controlar os recursos	Gerir e controlar os recursos	Gerir e controlar os recursos	Gerir e controlar os recursos	Gerir e controlar os recursos	Gerir e controlar os recursos	Gerir e controlar os recursos	Gerir e controlar os recursos	Gerir e controlar os recursos
Empreendedorismo social é	Ajudar os outros de um problema social	Para ajudar os outros	Para ajudar os outros	Para ajudar os outros	Para ajudar os outros	Para ajudar os outros	Para ajudar os outros	Para ajudar os outros	Para ajudar os outros	Para ajudar os outros	Para ajudar os outros	Para ajudar os outros	Para ajudar os outros	Para ajudar os outros	Para ajudar os outros	Para ajudar os outros	Para ajudar os outros	Para ajudar os outros	Para ajudar os outros	Para ajudar os outros

Tabela 9 – Quadro-Síntese das Respostas dos Alunos da Turma 7ªA

Vamos falar de economia e de empreendedorismo		Grupo de Intervenção: 7ºB																				
7ºB Questionário - Faltas		Número das alunas e respostas dadas																				
Data: 10/09/2019		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	
Questões de Escolha		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	
1. a-b		b	b	b	b	b	b	b	a	b	b	b	b	a	b	b	c	b	b	b		
2. a-c		a	b	a	b	b	a	a	a	a	c	b	a	b	a	a	c	a	b	b		
3. a-c		c	c	c	c	a	a	a	a	a	c	c	c	c	a	c	b	a	c	c		
4. a-c		c	c	c	b	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	b	c	c	c		
5. a-c		b	b	a	a	b	b	b	a	b	b	b	b	a	b	b	c	b	b	a		
6. a-c		c	c	a	a	a	a	c	c	c	c	c	a	a	a	b	c	a	c	a		
7. a-c		b	a	a	a	a	b	b	a	b	a	b	b	a	a	b	b	a	a	a		
8. a-c		b	b	b	b	b	b	b	b	b	b	b	b	b	b	a	a	b	b	a		
9. a-c		b	b	b	c	a	b	b	b	b	b	b	b	b	b	b	c	c	b	a		
10. a-c		a	a	c	b	a	b	a	a	b	b	b	c	c	a	c	a	b	a	b		
11. a-c		c	a	a	a	b	b	a	b	b	c	b	c	a	a	a	a	a	a	a		
Economia é		Falar sobre dinheiro	Falar sobre dinheiro	Falar sobre dinheiro	Poupar	Falar sobre poupar as nossas coisas	Guardar dinheiro e falar sobre dinheiro	Falar sobre poupanças que temos de ter na nossa vida	Poupar dinheiro	Poupar a nossa dinheiro	Poupança	Falar sobre várias aspetas do dinheiro	A poupança	Falar de dinheiro	A importância com o dinheiro	E poupar dinheiro	Poupar dinheiro	Falar sobre como poupar o dinheiro e falar sobre ele	O ato de poupar	Poupar dinheiro		
Economia social é		Ajudar as pessoas	Ajudar a sociedade	Ajudar as pessoas	Ajudar os outros	O ato de ajudar a sociedade	Ajudar as pessoas que não conseguem fazer tudo sozinhas	Ajudar as pessoas com as poupanças	Ajudar pessoas	Que a sociedade se ajude a economizar	Respeitar as pessoas	Ajudar pessoas a poupar	Ajudar a quem precisa	Ajudar as pessoas com necessidade, por exemplo, os pobres.	A sociedade entre todos	A economia social para mim é ajudar as pessoas.	Ajudar as pessoas	Saber ajudar pessoas através de dinheiro	Ajudar as pessoas a poupar	Ajudar as pessoas		
Um exemplo de economia social que tenho na minha localidade é		Lar	O lar	Os bombeiros	O lar	Associação	Bombeiros	Os bombeiros	Lar	Bombeiros	Centro de saúde	Grupo "Os Aficionados"	Lar	Lar	Bombeiros	Na minha frequência é a unidade saúde.	Lar	O lar	O lar	Lar, associação		
Onde/através de quem conheci esta iniciativa que referiste anteriormente		A minha avó	Os meus pais	Através da escola	Mãe	Amigos	Conheci através da escola	A minha tia trabalha lá nos Bombeiros	A minha mãe	Foi a minha mãe porque quando passei lá perguntar e ela explicou-me	Dos meus pais	Com a minha mãe	A minha mãe antes trabalhava em um lar	A minha avó	A minha bisavó	Foi no Centro de Saúde de Ortiga	Mãe	Através das ideias que frequentamos o lar	Foi a minha mãe porque ela trabalha num lar.	Amigos		
Empreendedorismo é		Quando há problema	Não baixar os braços e resolver o problema	Quando há um problema nunca desistir	É um problema	Quando há um problema e tem de se resolver	Eu não desisto	Quando há um problema e tentam arranjar uma solução	Trabalhar	Quando alguém precisa de ajuda e pode ajudar a uma empresa.	Tem aver com empresas	Como se pode ajudar para resolver um problema	Não desistir	Ajudar a resolver os problemas	Ter insistente para ajudar	Para mim, o empreendedorismo é a capacidade que as pessoas têm para resolver um problema.	É não desistir	Empresas que ajudam a resolver certos problemas.	Um ato que expensas fazem para resolver algum problema.	Ajudar as pessoas quando há um problema e faz-lo.		
Empreendedorismo social é		Resolver os problemas dos outros	O ato de ajudar a resolver um problema da sociedade.	Resolver um problema da sociedade.	Ajudar as pessoas pobres	Resolver um problema da sociedade.	Resolver um problema nosso ou dos outros	Resolver o problema das pessoas, por exemplo, o banco alimentar, se tiver a ver com esse assunto.	Resolver um problema das outras	Resolver um problema da sociedade.	Resolver problemas das outras	Conseguir solucionar os problemas da sociedade	Não respondeu	Tentar resolver um problema da sociedade	Tentar resolver um problema nosso e da sociedade.	O empreendedorismo social é resolver um problema da sociedade.	É resolver os problemas dos outros.	Empresas que ajudam as pessoas da sociedade a resolver problemas.	É resolver um problema das outras pessoas.	Resolver problemas de outras pessoas.		
8º Questionário - Durante a		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	
Data: 16/10/2019																						
Economia é		Poupar e é a ciência que estuda o dinheiro.	Poupar	A ciência que estuda o dinheiro.	Poupar	O estudo do dinheiro	Ciência que estuda o dinheiro	Ciência que estuda o dinheiro	Poupar	A ciência que estuda o dinheiro das pessoas e como devem poupar	Poupar	A ciência que ensina a poupar e a estudar o dinheiro	Poupança	Aprender a poupar	Ciência que estuda o dinheiro	Ciência que estuda o dinheiro	Poupar	Poupar dinheiro	A ciência que estuda o dinheiro	Ciência que estuda o dinheiro		
Economia social é		Grupos de pessoas que organizam coisas	Ações para ajudar as pessoas	Grupos de pessoas que ajudam os outros	Lares	A ajuda à sociedade	Grupos de pessoas que organizam	Grupos de pessoas que organizam ações para ajudar as pessoas	Lar	Grupos de pessoas que organizam ações para ajudar as pessoas	Associações de solidariedade	Associações criadas por pessoas para ajudar outras	Grupos de pessoas que organizam algo para ajudar as pessoas	Grupos de pessoas que organizam algo	Associações, bombeiros	Grupos de pessoas que organizam coisas / ações para ajudar as pessoas	Associações, bombeiros	Grupos de pessoas que organizam ações para ajudar as pessoas.	Grupos de pessoas que ajudam os outros	Ações para ajudar a sociedade		
Um exemplo de economia social que tenho na minha localidade é		Associações como a ADM	Santa Casa da Misericórdia de Matão	Lar	Lar de Ortiga	Bombeiros	Santa Casa de Cardeiros	Lar da Carreira	Lar de Ortiga	Lar de Cardeiros	Associação de Pais e Encarregados de Educação	Associação Recreativa de Casais Revelhos	Lar ACATIM	Lar de Matão	O lar de Matão	Lar de Ortiga	Lar da Carreira	Lar de Ortiga	Lar	Lar da Carreira		
Onde/através de quem conheci esta iniciativa que referiste anteriormente		Por dois amigos meus, o Simão Moura e o Pedro Ferreira	A minha mãe trabalha lá	Os meus pais	A minha mãe	Através dos meus pais	A minha mãe trabalha na Santa Casa de Cardeiros	A minha tia está no lar	Mãe	Mãe	Quando entrei na 1ª ciclo integral	Amigos que estão lá integrados	Minha mãe	Minha avó	Passando por lá	O meu bisavô está no lar.	Mãe	As minhas bisavós estão no lar	A minha mãe trabalha num lar	Mãe		
Empreendedorismo é		Encontrar soluções inovadoras.	Encontrar soluções inovadoras.	Encontrar soluções inovadoras.	Criar um negócio	Um negócio que devado sem receber nada	Criar um negócio	Encontrar soluções inovadoras	Criar um negócio	Encontrar novas soluções	Criar um negócio	Criar um negócio para encontrar soluções inovadoras	Criar um negócio	Ajudar as pessoas	Criar um negócio	Criar um negócio	Encontrar soluções inovadoras	Criar um negócio	Encontrar soluções inovadoras para os problemas.	Criar um negócio		
Empreendedorismo social é		Tentar resolver um problema social através de uma solução.	Tentar resolver problemas sociais.	Tentar resolver um problema social.	Negocio inovador	Uma associação, etc, para ajudar a sociedade.	Tentar resolver um problema social	Tentar resolver um problema social através de uma solução inovadora	Negocio inovador	Tentar resolver um problema social através de uma solução inovadora.	Tentar resolver um problema social	Para resolver problemas sociais	Tentar resolver um problema social através de uma solução/negocio inovador	Ajudar as pessoas	Tentar resolver um problema social	Tentar resolver um problema social através de uma solução/negocio inovador.	Tentar resolver um problema social	Tentar resolver um problema social através de uma solução/negocio inovador.	Encontrar soluções inovadoras para os problemas sociais.	Ajudar a sociedade		
9º Questionário - Durante a		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	
Data: 16/10/2019																						
Economia é		O dinheiro que a sociedade gasta.	A poupança.	A ciência que estuda bens ou serviços.	Ausente	É a poupança.	A ciência que estuda bens ou serviços.	Ciência que estuda bens ou serviços.	É a poupança.	A poupança.	A ciência que estuda o dinheiro que a sociedade gasta.	O dinheiro que a sociedade gasta/ a poupança/ a ciência que estuda bens e serviços.	A poupança e gasta de dinheiro da sociedade.	O dinheiro que a sociedade gasta.	A ciência que estuda bens ou serviços.	O dinheiro que a sociedade gasta.	É o dinheiro que a sociedade gasta.	É o dinheiro que a sociedade gasta.	Ciência que estuda bens ou serviços.	A ciência que estuda bens ou serviços.		
Economia social é		Resolver problemas da sociedade.	Resolver problemas da sociedade.	Pessoas que resolvem problemas da sociedade.	Ausente	Tomam iniciativas.	Grupos que ajudam os outros.	Resolver problemas da sociedade.	Resolver problemas da sociedade.	Tomam iniciativas.	Grupos de pessoas que tomam novas iniciativas.	Pessoas ou grupos de pessoas tomam iniciativas para resolver os problemas da sociedade.	Grupos de pessoas que tomam iniciativas para resolver os problemas da sociedade.	Ajudar alguém.	Resolver problemas da sociedade.	Resolver problemas da sociedade.	Pessoas/grupos de pessoas.	Tomar iniciativas	Resolver problemas da sociedade.	Grupos de pessoas que tomam iniciativas.		
Um exemplo de economia social que tenho na minha localidade é		ADM	Lar	O Lar	Ausente	Lar de idosos.	Bombeiros	Lar	Lar da Carreira.	Lar	Lar	A junta de freguesia.	Lar dos Casais de Revelhos.	Santa Casa da Misericórdia.	Lar	Santa Casa da Misericórdia.	Lar	Associação de Escarceiros	Lar de Ortiga	Lar		
Onde/através de quem conheci esta iniciativa que referiste anteriormente		De uns amigos meus.	A minha mãe trabalha num.	Dos meus pais.	Ausente	Da minha mãe	Escola	A minha tia trabalha lá.	A minha mãe trabalha lá.	Mãe	A minha mãe trabalha lá.	Nas aulas de cidadania e desenvolvimento.	Porque amigos meus trabalham lá.	Através da minha avó.	Através da minha mãe.	Por passar muitas vezes por lá.	O meu bisavô está lá.	Carreira	As minhas avós estão lá.	Conheci o lar porque a minha mãe já trabalhou lá.	Através do meu primo Leonardo	
Empreendedorismo é		Iniciativas inovadoras.	Resolver problemas.	Iniciativas inovadoras.	Ausente	Dão lucro.	Grupo que se preocupa com o lucro.	Resolver problemas.	Iniciativas inovadoras.	Dão lucro.	Uma iniciativa inovadora	Iniciativas inovadoras, resolver problemas, dar lucro.	Iniciativas que dão dinheiro.	Uma iniciativa.	Iniciativas inovadoras.	Iniciativas inovadoras.	Iniciativas inovadoras.	Resolver problemas.	Iniciativas inovadoras.	Resolver problemas.		
Empreendedorismo social é		Não dá tanto valor ao lucro.	Resolver problemas sociais.	Querer resolver problemas sociais sem dar tanto valor ao lucro.	Ausente	Quer resolver problemas sociais.	Grupo que não se preocupa com o lucro.	Quer resolver problemas sociais.	Quer resolver problemas sociais.	Não dá tanto valor ao lucro.	Resolver problemas sociais, onde não querem ter lucro.	Não dar tanto valor ao lucro, querer resolver problemas sociais.	Não dá dinheiro mas resolve os problemas.	Uma iniciativa para ajudar alguém.	Quer resolver problemas sociais.	Não dá tanto valor ao lucro.	Não dá tanto valor ao lucro.	Quer resolver problemas sociais.	Não dá tanto valor ao lucro.	Resolver problemas sociais.		

Tabela 10 - Tabela 8 – Quadro-Síntese das Respostas dos Alunos da Turma 7ºB

[illegible]

Tabela 11 - Tabela 8 – Quadro-Síntese das Respostas dos Alunos da Turma 8ºA

Questões de Economia e de empreendedorismo	Grupo de Interaprendizagem 8ºB																		
	Número dos alunos e respostas obtidas																		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
1. Qual é a definição de economia?	b	b	a	b	a	b	b	b	b	b	b	b	b	b	b	b	b	b	b
2. Qual é a definição de empreendedorismo?	a	b	b	b	a	b	b	b	b	b	b	b	a	c	c	b	b	b	b
3. Qual é a definição de economia social?	a	c	c	c	c	c	a	c	c	c	c	c	c	c	c	a	c	a	c
4. Qual é a definição de economia social?	a	c	c	c	c	c	a	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c
5. Qual é a definição de economia social?	b	a	a	b	b	b	b	a	a	a	b	a	b	a	a	b	a	a	b
6. Qual é a definição de economia social?	a	c	a	a	a	c	a	c	c	c	b	c	c	c	c	a	a	a	b
7. Qual é a definição de economia social?	b	b	b	b	b	b	b	a	a	a	a	b	b	b	b	b	b	b	b
8. Qual é a definição de economia social?	a	c	c	c	b	b	b	a	b	b	b	b	b	b	b	b	b	b	b
9. Qual é a definição de economia social?	b	b	b	b	b	b	b	b	b	b	a	c	b	b	b	b	b	b	b
10. Qual é a definição de economia social?	b	c	c	c	b	c	b	c	c	b	c	c	b	c	c	c	c	a	c
11. Qual é a definição de economia social?	b	b	b	b	b	b	a	c	c	b	a	c	a	a	a	a	a	a	a
Economia e	Área que lida com o dinheiro.	Serve para poupar e para os outros.	A área que lida com o dinheiro para trabalhar.	A organização de contas, União Maçônica.	Poupar por exemplo gastar menos e poupar o dinheiro.	Uma ciência que estuda o estudo e gerido.	A economia é minimizar os gastos de dinheiro.	Maneiras de trabalhar o dinheiro de forma a que possamos viver de acordo com aquilo que temos.	Trabalhar com o dinheiro nasas.	Á área em que se gerir diferentes coisas. Como a gestão de empresas.	Poupar e saber gerir o dinheiro.	Á área que lida com o dinheiro.	Poupar, trabalhar para ganhar dinheiro.	Poupar o dinheiro.	Poupar para ter uma vida melhor e um planeta melhor.	É fazer contas para ver.	Á ciência que lida com o dinheiro.	Uma área que trabalha com contas e com dinheiro.	É uma ciência que estuda gestão.
Economia social e	Faerem coisas para ajudar a sociedade.	Fazer coisas para ajudar a sociedade.	Que inclui ajudar os outros.	O que tudo um ajuda a ajudar.	Não respondeu.	Faerem coisas para ajudar a sociedade.	Cria negócios para ajudar a sociedade.	Ajudar as pessoas a viver com boas condições.	Trabalhar com o dinheiro de toda a sociedade.	Á área da economia que trata de tudo a gente.	Ajudar os outros sem querer nada em troca.	Cria negócios para ajudar os outros.	Ajudar as pessoas a viver com boas condições.	Ajudar as pessoas.	Cria negócios para ajudar as pessoas.	Ajudar pessoas necessitadas.	Como a economia mas inclui todos as pessoas e serve para ajudar.	Cria formas de ajudar os outros.	É para ajudar.
Um exemplo de economia social que tenha na minha localidade é	Associações	Associação	Aburcas tem o bando de economia social.	A Sociedade Filarmônica União Maçônica.	Não respondeu.	Bombeiros	Lar/ Centro de dia	Centro de Dia/ADM	A SFUM	Lar/ Centro de dia	Lar, centro de dia, Missões, Bombeiros, Bando.	A associação.	Não respondeu.	Santa Casa da Misericórdia	Associação da Serra.	O lar oferecer comida às famílias mais necessitadas.	Sociedade Filarmônica União Maçônica.	Lar/ Centro de dia	O centro de dia
Crie/através de quem conhecesse essa iniciativa que referiste anteriormente	Em casa.	Através do meu pai	Não bandu.	Conheci essa iniciativa pelo meu pai Adriano.	Não respondeu.	Em casa	Conheci porque a minha mãe trabalha lá.	Eu jogo futebol na ADM	Das meus pais	Porque desde que me lembro que a minha mãe estuda lá.	Através da minha família e várias coisas.	Em casa pessoalmente	Não respondeu.	Não sei	Conheci porque vi lá na Serra, porque a Serra é onde mora.	Quis falar na rua.	Faço parte.	Não me lembro	Não respondeu
Empreendedorismo e	Capacidade de criar algo e inovar.	Capacidade de inovar.	Cria uma coisa nova.	A capacidade de cada um de criar ou inovar.	É a capacidade de criar e inovar.	Capacidade de criar algo e inovar.	Capacidade de criar algo e inovar.	Capacidade de criar algo e inovar.	Tentar arranjar dinheiro através de um investimento.	Investir para lucrar.	A minha capacidade de inovar.	A capacidade de inovar.	Ter a capacidade de criar e inovar.	Criamos alguns atos.	A capacidade de inovar algo.	Cria algo novo.	A capacidade de criar algo inovador e original.	Capacidade de inovar.	Ter a capacidade de renovar.
Empreendedorismo social e	Capacidade de criar algo e inovar para ajudar os outros.	Capacidade de criar algo para os outros.	Cria uma coisa nova em conjunto.	A capacidade de criar algo e inovar para ajudar algum.	Ajudar pessoas.	Capacidade de criar algo e inovar para ajudar os outros.	Capacidade de criar algo e inovar para os outros.	Capacidade de criar algo e inovar para os outros.	Tentar arranjar dinheiro para ajudar o mundo.	A sociedade investir nulo.	Capacidade de criar algo para resolver os problemas dos outros.	Investir na sociedade.	Não respondeu.	Não respondeu.	A sociedade pode criar algo para os outros.	Cria algo que ajude a sociedade.	Capacidade de criar algo para os outros.	Capacidade de inovar.	Cria algo para os outros.
1. Qual é a definição de economia e de empreendedorismo?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
Economia e	Á ciência que estuda a cadeia dos bens e serviços.	Á ciência que estuda a poupança de dinheiro.	Aproveitamento eficiente de recursos.	Poupança de dinheiro e o dinheiro.	Á ciência que estuda o dinheiro.	Á ciência que estuda a cadeia de bens e serviços.	Á ciência que estuda a cadeia de bens e serviços.	Á ciência que estuda a cadeia de bens e serviços.	Á ciência que estuda a cadeia de bens e serviços.	Á ciência que estuda a cadeia de bens e serviços.	Á ciência que estuda a cadeia de bens e serviços.	Á ciência que estuda a cadeia de bens e serviços.	Á ciência que estuda a cadeia de bens e serviços.	Á ciência que estuda a cadeia de bens e serviços.	Á ciência que estuda a cadeia de bens e serviços.	Á ciência que estuda a cadeia de bens e serviços.	Á ciência que estuda a cadeia de bens e serviços.	Á ciência que estuda a cadeia de bens e serviços.	Á ciência que estuda a cadeia de bens e serviços.
Economia social e	Pessoas que querem ajudar a sociedade.	Sociedade que ganha dinheiro para ajudar os outros.	Resposta não validada - cópia	Uma sociedade onde ganha dinheiro para ajudar os outros.	Uma sociedade que estuda a forma de ajudar os outros.	Pessoas que querem ajudar a sociedade.	Uma ajuda que se faz sem querer nada em troca.	Aproveitamento de recursos para bem social	É uma ciência que estuda o dinheiro das pessoas.	Uma tipo de economia em que as pessoas se ajudam umas às outras na sociedade.	Uma ajuda que se faz sem querer nada em troca.	Transferiu-se no decorrer do projeto	É uma ciência que estuda o dinheiro de todos os mundos.	Á ciência que ajuda os outros.	Resposta não validada - cópia	Á ciência que estuda maneiras de ajudar os outros.	O aproveitamento de recursos para ajudar os outros.	Á ciência que ajuda os outros.	É uma ciência que estuda o dinheiro.
Um exemplo de economia social que tenha na minha localidade é	Associações	Milagrides	Santa Casa da Misericórdia.	Sociedade Filarmônica União Maçônica.	ACATM	Associações.	Centro de Orfãs/ Liga de Orfãs/ Associação de Capangas de Orfãs	Lar de idosos	Milagrides.	ISS - Lar	ADM, Santa Casa da Misericórdia.	Associação.	Transferiu-se no decorrer do projeto	Santa Casa da Misericórdia	Milagrides.	A Santa Casa da Misericórdia	Santa Casa da Misericórdia	Lar de idosos.	Milagrides.
Crie/através de quem conhecesse essa iniciativa que referiste anteriormente	Em casa.	Através das festas que fazem.	Pelo meus colegas.	Conheci através do meu pai e de integrantes que frequentam.	A minha mãe trabalha lá.	Em casa	Pai e mãe	Pai existe um na aldeia onde vivo	SAI	Conheci através da minha bisavó que lá estava.	Amigos e familiares.	Do meu pai	Transferiu-se no decorrer do projeto	Através de idosos	Através da SAI.	Pelo minha tia	Através de todos porque a mãe dele trabalha lá.	Pai existe um na aldeia onde eu vivo.	Através da SAI
Empreendedorismo e	A capacidade de identificar um problema ou lacuna e procurar soluções inovadoras.	Uma capacidade de poder identificar um problema.	Resposta não validada - cópia	Uma capacidade de poder identificar um problema.	A capacidade de encontrar formas de resolver problemas.	A capacidade de identificar um problema e resolver com projetos.	Identificar um problema e resolver com projetos.	Identificar um problema e resolver com projetos.	Identificar um problema e resolver com projetos.	Identificar um problema e resolver com projetos.	Identificar um problema e resolver com projetos.	Identificar um problema e resolver com projetos.	Identificar um problema e resolver com projetos.	Identificar um problema e resolver com projetos.	Identificar um problema e resolver com projetos.	Identificar um problema e resolver com projetos.	Identificar um problema e resolver com projetos.	Identificar um problema e resolver com projetos.	Identificar um problema e resolver com projetos.
Empreendedorismo social e	Queremos ajudar a sociedade e procurar soluções inovadoras.	Identificar os problemas que as pessoas têm.	Resposta não validada - cópia	Identificar um problema que existe na sociedade.	Uma empresa que ajuda a população.	Queremos ajudar a sociedade, procurar problemas e ajudar com soluções inovadoras.	Cria um impacto positivo na sociedade.	Resolver problemas dos outros.	É ajudar dinheiro para as pessoas.	Encontrar os problemas que existem na sociedade, criar soluções para estes através daquilo que podemos obter à nossa volta.	Cria um impacto positivo na sociedade.	Transferiu-se no decorrer do projeto	Identificar um problema e resolver com projetos.	Identificar um problema e resolver com projetos.	Identificar um problema e resolver com projetos.	Identificar um problema e resolver com projetos.	Identificar um problema e resolver com projetos.	Identificar um problema e resolver com projetos.	Identificar um problema e resolver com projetos.
2. Qual é a definição de economia e de empreendedorismo?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
Economia e	Á ciência que estuda a cadeia dos serviços.	Uma ciência que estuda os mercados.	Á ciência que estuda os bens e serviços e avaliar o mercado.	Á ciência que estuda os bens e serviços e avaliar o mercado.	Á ciência que estuda os bens e serviços e avaliar o mercado.	Á ciência que estuda os bens e serviços e avaliar o mercado.	Á ciência que estuda os bens e serviços e avaliar o mercado.	Á ciência que estuda os bens e serviços e avaliar o mercado.	Á ciência que estuda os bens e serviços e avaliar o mercado.	Á ciência que estuda os bens e serviços e avaliar o mercado.	Á ciência que estuda os bens e serviços e avaliar o mercado.	Á ciência que estuda os bens e serviços e avaliar o mercado.	Á ciência que estuda os bens e serviços e avaliar o mercado.	Á ciência que estuda os bens e serviços e avaliar o mercado.	Á ciência que estuda os bens e serviços e avaliar o mercado.	Á ciência que estuda os bens e serviços e avaliar o mercado.	Á ciência que estuda os bens e serviços e avaliar o mercado.	Á ciência que estuda os bens e serviços e avaliar o mercado.	Á ciência que estuda os bens e serviços e avaliar o mercado.
Economia social e	A sociedade civil substitui o estado para ultrapassar os seus problemas.	Colaboração entre pessoas para resolver um problema.	A sociedade civil substitui o estado para ultrapassar os seus problemas.	Á ciência que resolve os problemas.	Todas as iniciativas ajudam a ultrapassar os problemas na sociedade.	Todas as iniciativas ajudam a ultrapassar os problemas na sociedade.	Todas as iniciativas ajudam a ultrapassar os problemas na sociedade.	Todas as iniciativas ajudam a ultrapassar os problemas na sociedade.	Todas as iniciativas ajudam a ultrapassar os problemas na sociedade.	Todas as iniciativas ajudam a ultrapassar os problemas na sociedade.	Todas as iniciativas ajudam a ultrapassar os problemas na sociedade.	Todas as iniciativas ajudam a ultrapassar os problemas na sociedade.	Todas as iniciativas ajudam a ultrapassar os problemas na sociedade.	Todas as iniciativas ajudam a ultrapassar os problemas na sociedade.	Todas as iniciativas ajudam a ultrapassar os problemas na sociedade.	Todas as iniciativas ajudam a ultrapassar os problemas na sociedade.	Todas as iniciativas ajudam a ultrapassar os problemas na sociedade.	Todas as iniciativas ajudam a ultrapassar os problemas na sociedade.	Todas as iniciativas ajudam a ultrapassar os problemas na sociedade.
Um exemplo de economia social que tenha na minha localidade é	Milagrides.	O Lar de idosos	Sociedade Filarmônica União Maçônica.	ACATM	Misericórdias.	ISS/ISSO	Centro de Dia	CRIA, Santa Casa da Misericórdia de Mação, Milagrides, MAC TV, São Miguel Bica	Lar de idosos	Santa Casa da Misericórdia, Bombeiros.	Associação.	Transferiu-se no decorrer do projeto	Santa Casa da Misericórdia	Milagrides.	O Lar de idosos	Sociedade Filarmônica União Maçônica.	ACATM	Misericórdias.	ISS/ISSO
Crie/através de quem conhecesse essa iniciativa que referiste anteriormente	Casa	Amigos	Não respondeu	Através do meu pai Adriano.	A minha mãe trabalha lá.	Casa	Famílias que lá trabalham.	Pelo minha família e porque já lá estrei.	Porque a minha mãe trabalha na Santa Casa da Misericórdia de Mação.	Através da minha bisavó que lá estava.	Família e amigos.	Não me lembro	Transferiu-se no decorrer do projeto	Não sei	Através do meu pai	Assente	Aula de Cidadania e Desenvolvimento	Pelas pessoas da minha aldeia.	Assente
Empreendedorismo e	Resposta não validada - cópia	Ter ideias inovadoras para ganhar dinheiro.	Cria iniciativas inovadoras para obter lucro.	Garhar lucro com alguma iniciativa para ganhar dinheiro.	Cria soluções novas lucros	Resposta não validada - cópia	Cria iniciativas inovadoras para obter lucro.	Capacidade de criar algo novo e ganhar dinheiro.	Ganhar dinheiro através de um projeto inovador.	Iniciativas onde se aplica recursos para obter lucro.	Resposta não validada - cópia	Cria iniciativas inovadoras para obter lucro.	Cria algumas coisas que não existem	Cria algumas coisas que não existem	Assente	É criar algo inovador para conseguir lucro.	Um trabalho novo para conseguir lucro.	Assente	Assente
Empreendedorismo social e	Cria soluções inovadoras para problemas sociais.	Ter ideias inovadoras para ajudar algum.	Cria iniciativas/ soluções inovadoras para problemas sociais.	Garhar lucro para ajudar algum.	Cria iniciativas/ soluções inovadoras para resolver problemas sociais.	Não respondeu.	Cria algo novo para ajudar os outros.	Ganhar dinheiro para a sociedade.	Criação de iniciativas e soluções inovadoras para resolver um problema da sociedade.	Querem promover um problema na sociedade.	Cria algumas coisas que não existem	Cria algumas coisas que não existem	Cria algumas coisas que não existem	Cria algumas coisas que não existem	Assente	Criaram algo inovador que serve para ajudar as cidades.	Assente	Assente	Assente

Tabela 12 - Tabela 8 – Quadro-Síntese das Respostas dos Alunos da Turma 8ºB

[illegible]

Tabela 13 - Tabela 8 – Quadro-Síntese das Respostas dos Alunos da Turma 8ºC

ANEXO VII- GRÁFICOS DAS RESPOSTAS OBTIDAS NAS QUESTÕES 3 E 4

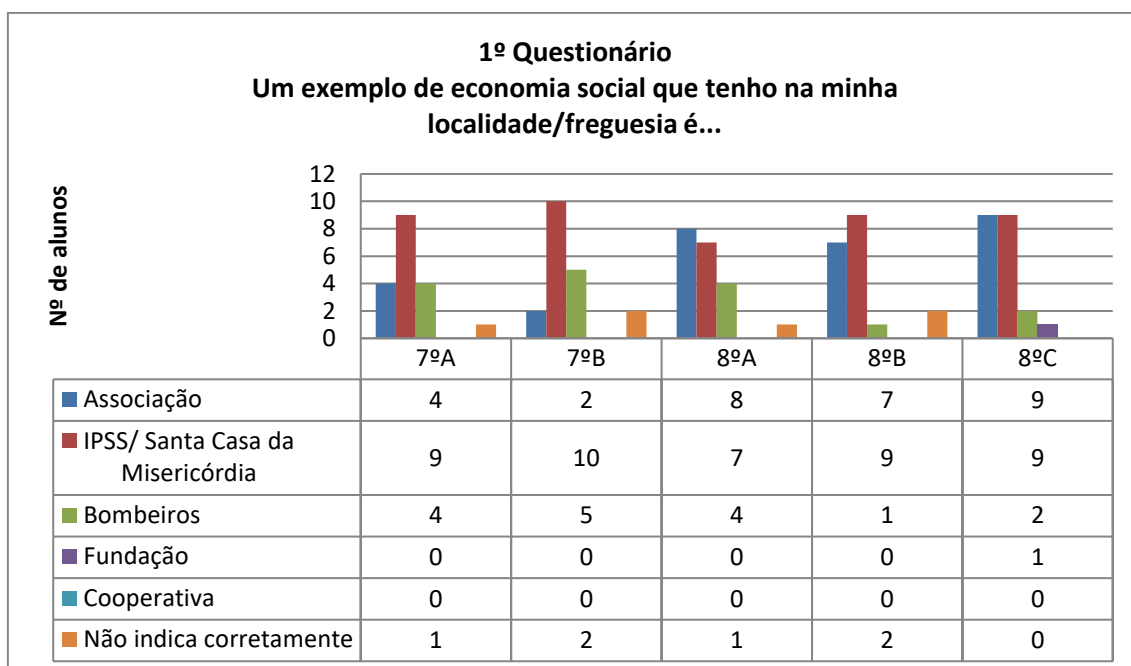


Gráfico 31 - Resultados da resposta à 3ª questão no 1º questionário

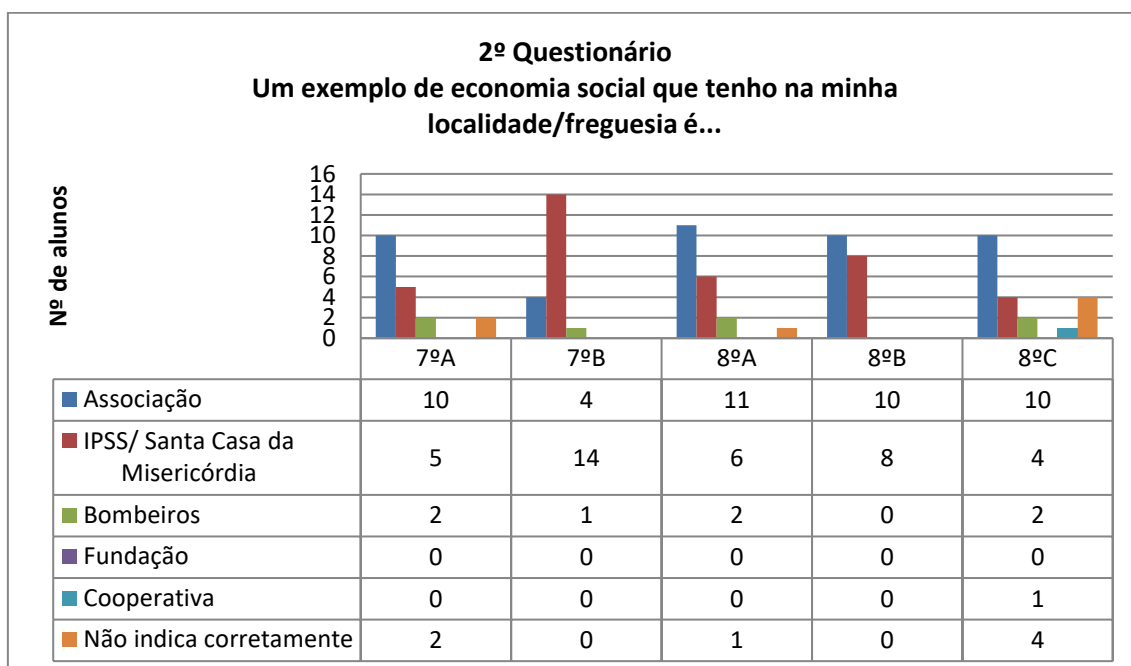


Gráfico 32 - Resultados da resposta à 3ª questão no 2º questionário

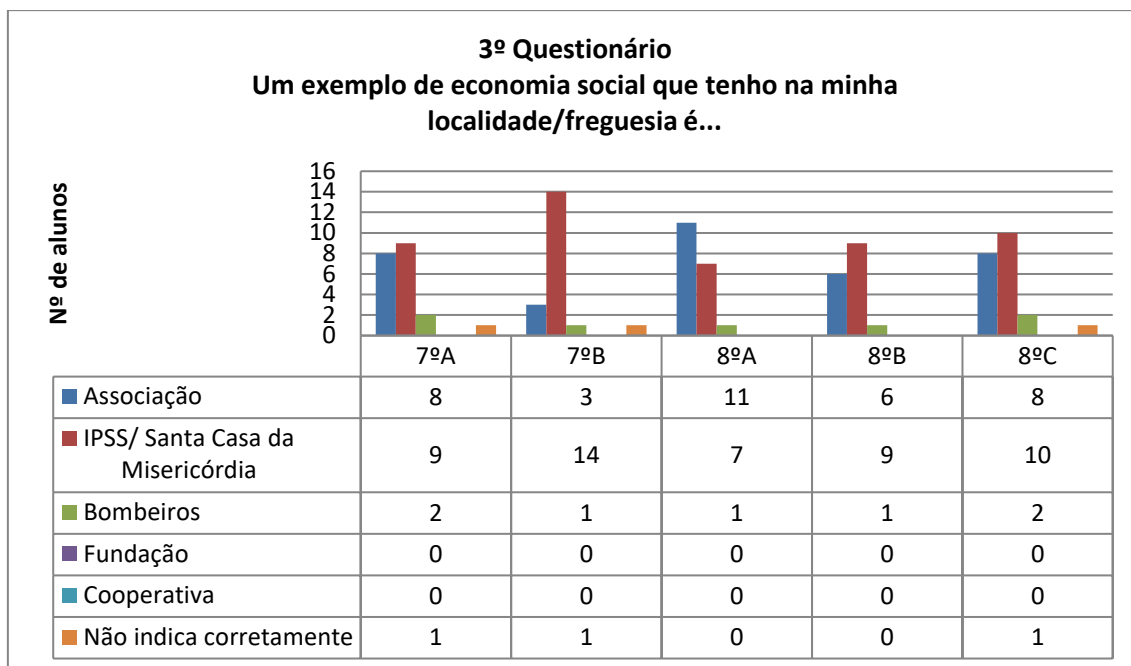


Gráfico 33 - Resultados da resposta à 3ª questão no 3º questionário

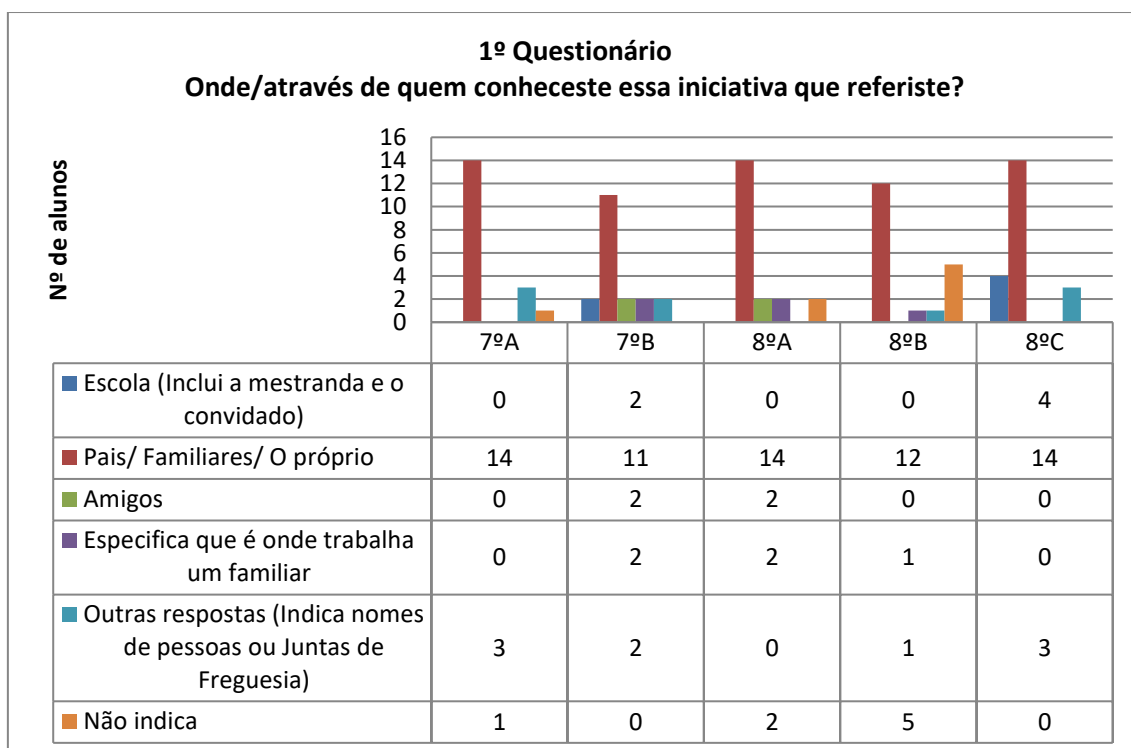


Gráfico 34- Resultados da resposta à 4ª questão no 1º questionário

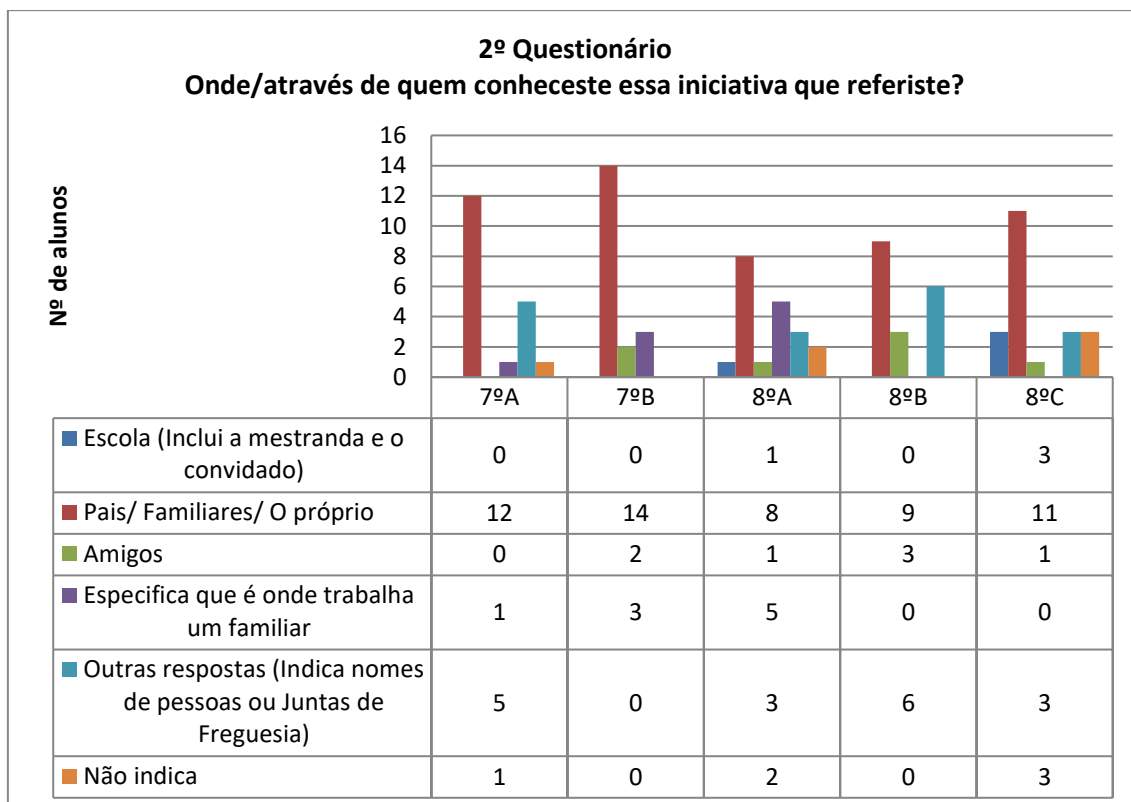


Gráfico 35 - Resultados da resposta à 4ª questão no 2º questionário

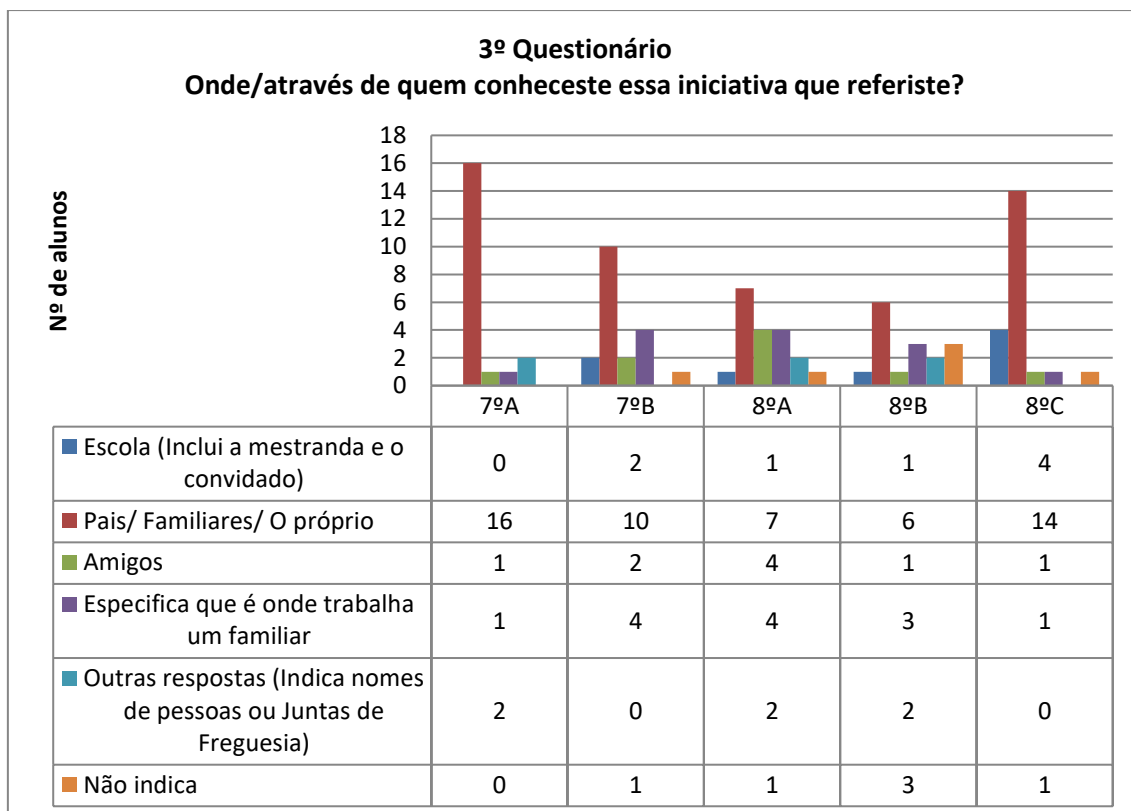


Gráfico 36 - Resultados da resposta à 4ª questão no 3º questionário

ANEXO VIII – EXEMPLO DE FEEDBACK RECEBIDO PELOS ALUNOS

